



Educação Financeira

nas escolas

1



Livro
do
Professor

Educação
Financeira

nas escolas

1

Consultores envolvidos na elaboração dos materiais

Adriana Almeida Rodrigues
André Furtado Braz
Bernardo Pareto Miller
Carlos Klimick
Gabriel do Amaral Batista
Guilherme de Almeida Xavier
Heloisa Padilha
Hilda Micarello
Laura Coutinho
Maria de Lourdes de Sá Earp
Maria Queiroga Amoroso
Maricy Correia
Rian Oliveira Rezende
Vera Rita Ferreira

Representantes do Grupo de Apoio Pedagógico

VALIDAÇÃO (2011)

Ministério da Educação

Sueli Teixeira Mello

Banco Central do Brasil

Alberto S. Matsumoto

Comissão de Valores Mobiliários

José Alexandre Cavalcanti Vasco
e Célia Maria S. M. Bittencourt

Ministério da Fazenda

Luciôla Maurício de Arruda

Superintendência de Seguros Privados

Alberto Eduardo Fernandes Ribeiro,
Ana Lúcia da Costa e Silva, Elder Vieira Salles,
Gabriel Melo da Costa

Superintendência Nacional de Previdência

Complementar

Patrícia Monteiro

Universidade Federal de Rondônia

José Lucas Pedreira Bueno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Julieta Fontenele Moraes Landim

Universidade de Brasília

Cleyton Hércules Gotijo

Colégio de Aplicação da UFRGS

Lúcia Couto Terra

Colégio Pedro II

Anna Cristina Cardozo da Fonseca
e Carmem Luisa Bittencourt
de Andrade da Costa

Conselho Nacional de Secretários de Educação

Roberval Angelo Furtado

União Nacional de Dirigentes

Municipais de Educação

Arnaldo Gonçalves da Silva de Mattoso

REVISÃO (2012/2013)

BM&FBOVESPA – Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros S.A.

Rosa Maria Junqueira de Oliveira (in memorian),
José Alberto Netto Filho, Christianne Bariquelli e
Patrícia Quadros

AEF-Brasil

Alzira de Oliveira Reis e Silva

ATUALIZAÇÃO (2014)

Alzira Oliveira Reis e Silva (AEF-BRASIL)
Andiara Maria Braga Maranhão (SENACON/MJ)
Caroline Stumpf Buaes (Colaboradora, IMED/RS)
Christianne Bariquelli (BM&FBOVESPA)
Cristina Thomas de Ross (SEB/MEC)
Érica Figueira de Almeida Werneck (SENACON/MJ)
Fábio de Almeida Lopes Araújo (BACEN)
Julieta Fontenele Moraes Landim (IFCE)
Luciôla Maurício de Arruda (ESAF/MF)
Luis Felipe Lobianco (CVM)
Nayra Tavares Baptistelli (FEBRABAN)
Patrícia Cerqueira de Monteiro (PREVIC)
Paulo Alexandre Batista de Castro (SENACON/MJ)
Ronaldo Lima Nascimento de Matos (ESAF/MF)
Roque Antonio de Mattei (UNDIME)
Sueli Teixeira Mello (SEB/MEC)
Yael Sandberg Esquenazi (AEF-BRASIL)

ORGANIZAÇÃO

Didak Consultoria

Laura Coutinho

Linha Mestra

Heloisa Padilha

DESIGN GRÁFICO

Criação e Editoração Eletrônica

Peter de Alburquerque

Roberto Todor

Ilustração

André Luiz Barroso

Maria Clara Loesch Gavilan

PATROCÍNIO

BM&FBOVESPA S.A.

Bolsa de Valores, Mercadoria e Futuros



O Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) adota a Licença de Atribuição (BY-NC-ND) do Creative Commons (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>) nos livros "Educação financeira nas escolas". São permitidos o compartilhamento e a reprodução, contanto que sejam mencionados os autores, mas sem poder modificar a obra de nenhuma forma, nem utilizá-la para fins comerciais.

Apresentação

Este livro é parte do Programa de Educação Financeira nas Escolas, uma iniciativa da Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, que tem como objetivo oferecer ferramentas para uma pessoa planejar sua vida financeira de modo a realizar seus sonhos, o que passa por um processo de construção de estar no mundo de modo socioambientalmente responsável.

A ENEF, instituída pelo Decreto no 7.397, de 22 de dezembro de 2010, é resultado de um intenso trabalho de instituições do Estado e da Sociedade Civil, tendo como desencadeador da iniciativa o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC)¹.

Estudantes e professores financeiramente educados podem constituir-se em indivíduos crescentemente autônomos em relação a suas finanças e menos suscetíveis a dívidas descontroladas, fraudes e situações comprometedoras que prejudiquem não só sua própria qualidade de vida como a de outras pessoas².

Com a finalização do projeto piloto implementado no Ensino Médio, durante os anos de 2010 a 2011, chegou o momento de oferecer aos educandos do Ensino Fundamental significativas atividades relacionadas ao tema de educação financeira. Alinhado a esta perspectiva, a BM&FBOVESPA – Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros coordenou a produção dos materiais didáticos voltados a este nível da Educação Básica contou com o envolvimento do Grupo de Apoio Pedagógico que assessora, quanto aos aspectos pedagógicos, o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) que promove a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), uma política do Estado Brasileiro.

As escolas têm como contribuir de forma significativa ao educar os alunos financeiramente, pois eles, por sua vez, levariam esse conhecimento para suas famílias em um efeito multiplicador.

Acredita-se que o uso deste livro poderá ser um significativo instrumento de aprendizagem para os educandos, na medida em que lançará as bases dos conceitos e comportamentos financeiros a serem crescentemente sistematizados, ano após ano.

Os representantes de todas as instituições envolvidas na concepção, execução e coordenação deste Programa desejam que os conhecimentos da Educação Financeira contribuam tanto para os educandos quanto para os professores em suas escolhas de vida.

1 O COREMEC é integrado pelo Banco Central do Brasil (BCB), pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), pela Secretaria de Previdência Complementar (SPC), atual Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC), e pela Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) e tem o propósito principal de promover a coordenação e o aprimoramento da atuação das entidades da administração pública federal que regulam e fiscalizam as atividades relacionadas à captação pública da poupança popular.

2 Documento Orientação para Educação Financeira nas Escolas, setembro de 2009. Anexo 4 do Plano Diretor da ENEF, aprovado pela Deliberação CONEF nº 2, de 05 de maio de 2011. (<http://www.vidaedinheiro.gov.br/docs/PlanoDiretorENEF1.pdf>).

Educação Financeira nas Escolas – Ensino Médio
1ª ed., 2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL.

Educação financeira nas escolas: ensino fundamental: livro do professor / [elaborado pelo] Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) – Brasília: CONEF, 2014.

119 p. : il. color. (Série Educação financeira nas escolas; v.1)

ISBN 978-85-99863-36-7

1- Educação financeira - estudo e ensino - 2. Finanças pessoais – estudo e ensino - I – Comitê Nacional de Educação Financeira (Brasil) (CONEF) - II – Título III – Série.

CDD 332.04
CDU 64.011



Sumário

Parte I - Conceitos Pedagógicos 4

Educação Financeira nas escolas – por quê?	4
Conceito de Educação Financeira	5
Modelo conceitual e objetivos	6
Princípios pedagógicos	12
O trabalho do 1º ao 4º ano	15
Orientações para aplicação do programa na escola	16
Avaliação da aprendizagem do aluno	17

Parte II – Apresentação do material didático 18

Livro do Aluno e Livro do Professor	18
Eixos temáticos e conceitos financeiros trabalhados nos livros	20
Projeto 1	27
Projeto 2	49
Projeto 3	67
Projeto 4	83

Glossário 100

Referências bibliográficas 110

Websites indicados 113

Anexo 1 – Orientações específicas da Alfabetização 114

Prezado Professor,

Você está recebendo o Livro do Professor de Educação Financeira, que, juntamente com o Livro do Aluno, compõe o conjunto de materiais didáticos preparados especialmente para você trabalhar esse importante tema com seus alunos.

O Livro do Professor está organizado em duas partes. A Parte I apresenta os conceitos pedagógicos que fornecem suporte ao Programa Educação Financeira nas Escolas. A Parte II apresenta o Livro do Aluno, como também os conteúdos de Educação Financeira abordados no material. Ao final, você encontra um Glossário com os principais conceitos financeiros, além de Bibliografia e de Indicação de websites. No Anexo 1 apresentamos orientações específicas da Alfabetização que poderão auxiliá-lo no processo de aprendizagem da linguagem escrita.

Parte I - Conceitos Pedagógicos

1. Educação Financeira nas escolas – por quê?

A entrada da Educação Financeira nas escolas se justifica por diversas razões fortemente apregoadas pelas nações estrangeiras que já acumulam experiência na área, dentre as quais se destacam os benefícios de se conhecer o universo financeiro e, utilizando-se desses conhecimentos, tomar decisões financeiras adequadas, que fortaleçam o comando autônomo da própria vida e, por extensão, do âmbito familiar e comunitário. A consciência dos estreitos laços entre o plano individual e o social, assim como do impacto de decisões tomadas no presente sobre os sonhos de futuro, foi, desde a década de 1990, grandemente amplificada pela Ecologia, mas hoje já transborda para outras áreas, indicando que é preciso agir conjuntamente para ampliar as chances de que todos colham benefícios maiores e melhores no futuro.

Essas considerações iniciais podem sinalizar que um programa de Educação Financeira seja necessário apenas a partir da adolescência, mas há duas justificativas para que ele seja introduzido nas escolas desde o 1º ano do Ensino Fundamental. A primeira delas é que as avaliações de iniciativas de Educação Financeira desenvolvidas em outros países indicam que quanto mais cedo o programa começa, melhores os resultados alcançados. A segunda justificativa se baseia no fato de que uma pessoa financeiramente educada significa muito mais do que dominar conceitos complexos, como

juros, inflação e orçamento; mais do que isso, significa ter comportamentos que permitem levar a vida de modo financeiramente saudável. Os exemplos disso, como você verá nos materiais deste programa, são inúmeros: saber esperar o melhor momento de se fazer uma despesa, ser organizado, metódico e determinado, ter clareza para distinguir o que é desejo e o que é necessidade etc. Esses comportamentos se desenvolvem com muito mais propriedade em crianças do que em jovens e em adultos. Nas fases posteriores à infância, muitas atitudes indesejadas já podem ter se consolidado e é mais difícil desconstruí-las e depois reconstruí-las adequadamente.

2. Conceito de Educação Financeira

O conceito de Educação Financeira adotado neste programa é o indicado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico): um processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, a ser desenvolvido por meio de três vertentes – Informação, Formação e Orientação. Nas escolas da Educação Básica, porém, somente as duas primeiras serão abordadas, já que as ações relativas à vertente Orientação, que trata dos produtos financeiros, referem-se especificamente ao público adulto. Além disso, por se tratar de crianças e adolescentes é necessário dar maior ênfase à formação do que à informação.

Por *Informação* entende-se o provimento de fatos, dados e conhecimentos específicos para permitir boas escolhas financeiras e para compreender as consequências de tais escolhas.

A vertente *Formação* refere-se, no caso de alunos do Ensino Fundamental, ao desenvolvimento dos valores e das competências necessárias para entender termos e conceitos financeiros elementares por meio de ações educativas que preparem as crianças para empreender projetos individuais e sociais. Informações podem ser úteis se estiverem acompanhadas de ferramentas mentais que permitam selecionar e aplicar as que são apropriadas para uma determinada situação. Da mesma forma, valores como transparência, cooperação, respeito e responsabilidade precisam ser aplicados às informações desde a tenra idade para que o uso dessas seja sempre ético.

3. Modelo conceitual e objetivos

Como a Educação Financeira neste programa é inteiramente comprometida com o estar no mundo, o modelo conceitual adotado se baseia na premissa de que o cotidiano acontece sempre em um espaço e um tempo determinados. Por isso, é importante que seja estudada segundo as dimensões espacial e temporal. Na dimensão espacial, os conceitos financeiros são tratados tomando-se como ponto de partida o impacto das ações individuais sobre o contexto social, ou seja, das partes com o todo e vice-versa. Esta dimensão compreende ainda os níveis individual, local, regional, nacional e global, que se encontram organizados de modo inclusivo. Na dimensão temporal, os conceitos são abordados a partir da noção de que as decisões tomadas no presente podem afetar o futuro. Os espaços são atravessados por essa dimensão que conecta passado, presente e futuro numa cadeia de inter-relacionamentos que permitirá perceber o presente não somente como fruto de decisões tomadas no passado, mas também como o tempo em que se tomam certas iniciativas cujas consequências e resultados – positivos e negativos – serão colhidos no futuro. A Figura 1 ilustra como se relacionam os níveis da dimensão espacial entre si e com a dimensão temporal que os atravessa.

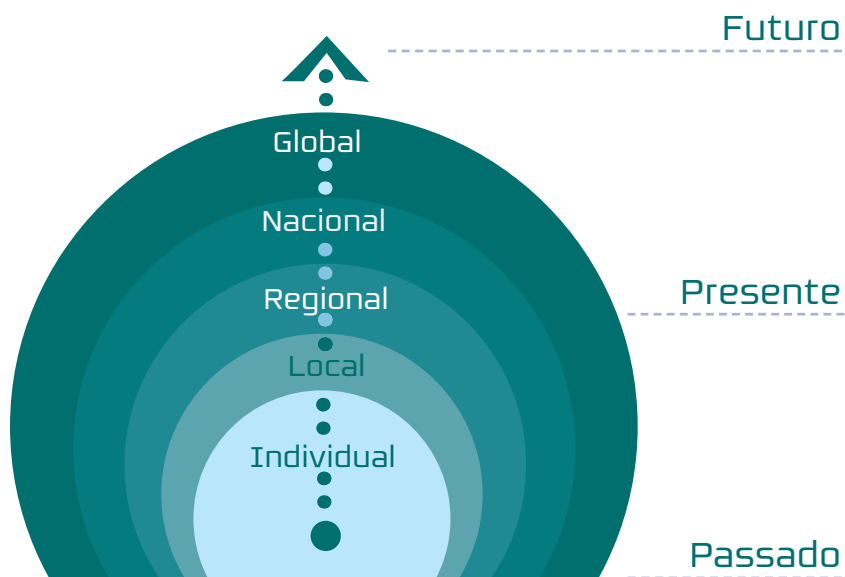


Figura 1. Dimensões espacial e temporal da Educação Financeira.

Tendo sido definidas as **dimensões espacial e temporal**, cabe agora traçar objetivos de inserção da Educação Financeira nas escolas que se rela-

cionam a cada uma delas, para que a teia conceitual pedagógica possa ser vislumbrada com clareza e consistência.

Os objetivos que se voltam para a dimensão espacial procuram apontar para dois movimentos distintos, a saber, circunscrição e mobilidade.

De um lado, há o fato de que em certas circunstâncias é preciso ater-se a um determinado espaço. É desejável que cada indivíduo cuide de sua vida financeira de modo adequado para que suas obrigações não atinjam outras pessoas, ou seja, é necessário ficar circunscrito ao espaço individual. Da mesma forma, um país não deveria causar danos ambientais e apresentar a conta ao resto do planeta, isto é, um problema nacional desse tipo deveria ser solucionado no próprio nível nacional, e não no global.

Contudo, se, por outro lado, as pessoas transitarem exclusivamente em seus restritos espaços individuais não conseguirão sentir-se parte dos espaços sociais mais abrangentes. Isso significa que é preciso compreender as diversas inter-relações dos níveis de organização social, por exemplo, a reunião de esforços individuais em torno de projetos que beneficiem a comunidade ou a cooperação entre estados e municípios para se atingir metas nacionais. A compreensão dessas inter-relações é ingrediente essencial para o exercício da cidadania e da responsabilidade social, que, por sua vez, oferecem sustento seguro para a democracia.

Assim, os dois movimentos – circunscrição e mobilidade – se complementam para permitir adequada atenção tanto aos assuntos de natureza individual quanto às necessárias conexões entre indivíduo e sociedade, em prol de projetos que beneficiem a ambos.

Os quatro objetivos a seguir relacionam-se à dimensão espacial da Educação Financeira. Contudo, vale ressaltar que, em se tratando de crianças e de adolescentes, os objetivos são trabalhados em níveis elementares, os quais servem de alicerce para as construções mais complexas que se seguirão nos anos escolares subsequentes.

Objetivo 1 - Formar para a cidadania

A cidadania é uma articulação dos direitos e deveres civis, políticos e sociais (Marshall, 1967). Ser cidadão, portanto, é ter direito de usufruir várias possibilidades que a vida oferece, tais como liberdade, igualdade, propriedade, participação política, educação, saúde, moradia, trabalho, entre

outras. Ser cidadão é ter responsabilidade ativa na sociedade, protagonizando a construção da democracia. Nessa linha, Perrenoud (2002) indica que ensinar direitos e deveres sem a vivência de ações concretas e sem uma mudança de pensamento não é suficiente para se formar cidadãos. É necessário o exercício contínuo da cidadania, ingrediente indispensável da construção de uma sociedade democrática e justa. A Educação Financeira tem como principal propósito ser um dos componentes dessa formação para a cidadania.

Objetivo 2 - Ensinar a consumir e a poupar de modo ético, consciente e responsável

O consumo é tratado como um direito, e todos, indistintamente, são estimulados a consumir, independentemente de sua condição para tal. No passado, o consumo voltava-se para bens sólidos e duráveis. Atualmente, segundo Bauman (2007), verifica-se uma instabilidade dos desejos aliada a uma insaciabilidade das necessidades, pela conseqüente tendência ao consumo instantâneo, bem como a rápida obsolescência dos objetos consumidos. Esse ambiente é desfavorável ao planejamento, ao investimento e ao armazenamento de longo prazo.

O consumo em níveis adequados é imprescindível para o bom funcionamento da economia, a questão é torná-lo uma prática ética, consciente e responsável, equilibrada com a poupança. Consumo e poupança configuram-se como “atitudes responsáveis” ao levar em conta os impactos sociais e ambientais. Deve-se procurar, assim, não transbordar problemas financeiros para o outro, não comprar produtos advindos de relações de exploração ou de empresas sem comprometimento socioambiental, reduzir o consumo desnecessário, ampliar a longevidade dos produtos possuídos, reduzir a produção de lixo e doar objetos úteis não desejados. Consumir e poupar com consciência e responsabilidade, com uma clara preocupação com o outro e com as conseqüências das decisões tomadas, traduzem o compromisso ético da cidadania.

Objetivo 3 - Oferecer conceitos e ferramentas para a tomada de decisão autônoma baseada em mudança de atitude

À nossa volta, atualmente, circula uma quantidade excessiva de informações e de signos (inclusive financeiros), muitas vezes descontextualizados

e incompreensíveis para muitas pessoas. A compreensão da linguagem do mundo financeiro, por meio de um programa educativo, possibilita ao indivíduo obter as informações necessárias para que tome suas decisões de modo autônomo, embora já se saiba que nem toda decisão é baseada em informações. Na verdade, estudos de psicologia econômica indicam a concorrência de variáveis de ordem emotiva nas decisões de ordem financeira (Ferreira, 2007).

Outro benefício advindo da Educação Financeira consiste no julgamento crítico que se pode aprender a fazer em relação à publicidade, isso porque uma sociedade marcada pelo consumo se caracteriza em estimular a depreciação e a desvalorização dos produtos depois de estes terem sido adquiridos. Essa é a cultura do excesso e da frustração, que aposta na irracionalidade dos consumidores e não nas suas estimativas sóbrias e bem informadas, ou seja, estimula emoções que levam ao consumo impetuoso, em vez de cultivar o uso da razão. O campo da publicidade procura aumentar a eficiência das mensagens de consumo e provocar o desejo de adquirir determinados produtos. Ao aprender a fazer uma leitura crítica de mensagens publicitárias a respeito de produtos de consumo, aí incluídos os bens e serviços financeiros, as pessoas se tornam equipadas para tomar decisões com mais autonomia, isto é, consciente das pressões externas e mais de acordo com suas reais necessidades.

Com a introdução da Educação Financeira nas escolas, espera-se que os indivíduos e as sociedades tenham condições de moldar seu próprio destino de modo mais confiante e seguro e que deixem de ser beneficiários passivos de programas econômicos e sociais para se tornarem agentes de seu próprio desenvolvimento.

Objetivo 4 - Formar multiplicadores

A implantação da Educação Financeira pretende colaborar para uma formação mais crítica de crianças, adolescentes e jovens possibilitando-os a ajudar suas famílias na determinação de seus objetivos de vida, bem como dos meios mais adequados para alcançá-los. Dados do final da década de 2000 (Data Popular, 2008) apontam clara associação entre o comportamento financeiro individual e o familiar. Famílias gastadoras geram filhos gastadores, da mesma forma que filhos poupadores vêm de famílias poupadoras. A tendência gastadora talvez possa ser controlada por meio de conhecimentos levados pelos alunos para suas famílias. Assim, o público beneficiário da Educação Financeira não se restringe ao público escolar, mas, por

meio dele, atinge-se um número muito maior de pessoas, ampliando essa disseminação de conhecimentos extremamente útil para a vida na sociedade atual. Dessa forma, promove-se o trânsito de informações pelos distintos níveis espaciais, dos mais próximos aos mais distantes, num ótimo exemplo de que boas práticas e ideias devem transgredir os limites espaciais e circular livremente.

Os objetivos 5 e 6 abaixo relacionam-se à dimensão temporal e se encontram voltados para as articulações entre o passado, o presente e o futuro. A Educação Financeira mostra que o presente contém situações que são o resultado de decisões tomadas no passado. Do mesmo modo, no futuro serão vistas as consequências das ações realizadas no presente.

Objetivo 5 - Ensinar a planejar a curto, médio e longo prazos

A falta de planejamento e a sensação de que o presente não se relaciona com o passado nem com o futuro fazem com que o tempo seja pulverizado numa multiplicação de “eternos instantes” acidentais e episódicos.

A Educação Financeira intenciona conectar os distintos tempos, conferindo às ações do presente uma responsabilidade pelas consequências do futuro. Para se alcançar determinada situação, é necessário um planejamento que contemple distintas etapas de execução, envolvendo prioridades e renúncias que não seriam cogitadas pelo pensamento exclusivo do presente. No caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, os alunos experimentam majoritariamente o planejamento de situações de curto prazo, mas são também estimulados a imaginar ações e suas respectivas repercussões no médio e longo prazos mesmo que só o façam qualitativamente, ou seja, sem uma quantificação precisa dos tempos futuros.

Objetivo 6 - Desenvolver a cultura da prevenção

A expectativa de vida aumentou, e o ser humano passa, hoje, mais tempo na condição de aposentado do que no passado recente. Esse aumento, em termos nacionais, constitui um quadro financeiro delicado, uma vez que a pessoa deverá sobreviver com os recursos da aposentadoria por um período mais longo, o que requer um planejamento desde cedo.

Além desse quadro, é prudente planejar pensando nas intempéries da

vida. Ninguém está isento de enfrentar situações adversas e inesperadas que, por vezes, exigem o dispêndio de uma quantidade de dinheiro não prevista no orçamento. Para garantir maior tranquilidade diante de tais situações é preciso conhecer progressivamente, conforme a idade o permita, o leque de opções disponíveis, tais como evitar desperdícios, guardar dinheiro, fazer seguros ou investimentos ou dispor de planos de previdência (pública ou privada).

À primeira vista, os objetivos acima apresentados podem parecer distantes do cotidiano das crianças e dos adolescentes. Por isso, é aqui oportuna a distinção entre “conhecimento social” e “conhecimento lógico” para que se esclareça como os conteúdos de Educação Financeira, muitas vezes associados à vida adulta, poderão fazer parte da vida infantil.

O conhecimento social se refere àquele que se limita a promover familiaridade com determinadas palavras ou termos, ou seja, empresta-lhes um significado inicialmente vago, mas já suficiente para alocá-los em categorias amplas. Por exemplo, uma criança, desde a tenra idade, é capaz de relacionar a palavra “salário” a dinheiro, mesmo que não tenha o menor acesso à composição do salário e às suas relações com tantas outras variáveis como inflação, impostos ou aposentadoria. Em outras palavras, no que se refere a temas do cotidiano – que é o foco de estudo da Educação Financeira neste programa –, não é preciso aguardar que uma criança seja madura o suficiente para compreender um determinado conteúdo em toda a sua complexidade lógica. Antes, é mesmo desejável que tenha oportunidades específicas para entrar em contato com os mais variados aspectos do dia a dia de sua vida familiar e do seu entorno para que possa construir os necessários conhecimentos sociais sobre os quais se assentará a sistematização dos conhecimentos lógicos formais dos anos subsequentes.

Em especial, sabe-se que a construção da noção de tempo de longo prazo é ainda mais difícil de ser compreendida nas fases iniciais da vida. Contudo, não só é importante, como é até mesmo possível plantar as bases da prevenção, e isso pode ser feito por meio de um trabalho sistemático de construção do cuidar do que é valioso para si próprio e para a sociedade.

Do conhecimento social ao conhecimento crescentemente sistematizado: esse é o caminho que o programa de Educação Financeira percorre ao longo dos anos escolares que compõem a Educação Básica e permite que crianças e adolescentes tenham contato com conceitos financeiros desde a tenra idade.

4. Princípios pedagógicos

O programa de Educação Financeira, com seus materiais didáticos, foi concebido a partir de dois pilares pedagógicos que o sustentam: foco na aprendizagem e religação dos saberes.

4.1. Foco na aprendizagem

O Art. 13, inciso III, da LDB (Lei 9.394/96), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, afirma que cabe aos docentes “zelar pela aprendizagem dos alunos”. Tal dispositivo indica que o conceito de ensino encontra-se atrelado ao de aprendizagem. Em outras palavras, não se poderia mais falar que “a aula foi excelente, o aluno é que não aprendeu”, porque o ensinar passa a estar profundamente comprometido com o aprender.

É nesse contexto que o trabalho a partir de competências galga um patamar de apreciável importância, por ser um instrumento que se conecta estreitamente à aprendizagem do aluno. Assim, quando ele se engaja em uma atividade que foi concebida como oportunidade de exercício de uma dada competência, significa que irá acionar os conhecimentos necessários para lidar com as múltiplas e variadas situações financeiras da vida cotidiana. É certo que para acionar conhecimentos é preciso que, antes, o aluno se aproprie deles. O diferencial do ensino com foco no desenvolvimento de competências é que tais conhecimentos são apresentados dentro de um contexto no qual o aluno se reconhece e pode, assim, construir as relações e significados necessários para aprender.

O elenco de competências trabalhadas junto aos alunos ao longo do estudo dos conceitos financeiros encontra-se diretamente ancorado nos objetivos. O Quadro 1 apresenta a conexão entre objetivos espaciais, objetivos temporais e competências.

Objetivos			Competências
Objetivos espaciais	Ob1	Formar para a cidadania	Debater direitos e deveres
	Ob2	Ensinar a consumir e a poupar de modo ético, consciente e responsável	Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis
			Distinguir desejos e necessidades de consumo e poupança no contexto do projeto de vida familiar
	Ob3	Oferecer conceitos e ferramentas para tomada de decisão autônoma baseada em mudança de atitude	Ler e interpretar textos simples do universo da Educação Financeira
			Ler criticamente textos publicitários
		Participar de decisões financeiras considerando necessidades reais	
Ob4	Formar Multiplicadores	Atuar como multiplicador	
Objetivos temporais	Ob5	Ensinar a planejar a curto, médio e longo prazos	Elaborar planejamento financeiro com ajuda
	Ob6	Desenvolver a cultura da prevenção	Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente
Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente			

Quadro 1. Relação entre objetivos espaciais, objetivos temporais e competências.

A partir do Quadro 1 foi criado o Decágono de Competências (Figura 2) – o principal instrumento para se manter o compromisso com a aprendizagem do aluno – que ilustra as múltiplas relações das competências entre si.

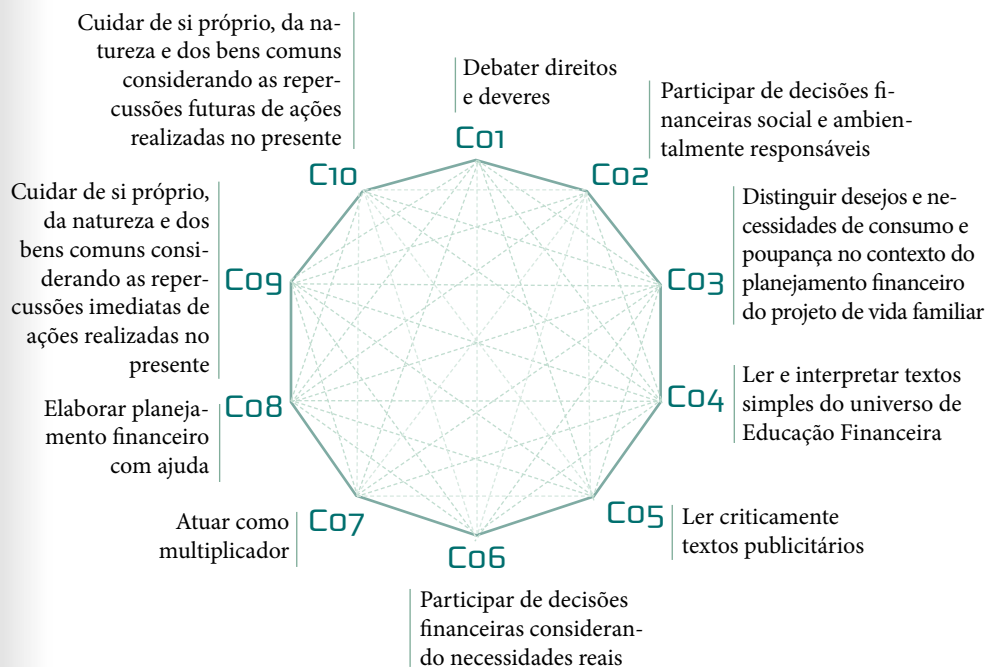


Figura 2. Decágono de Competências

4.2. Religação dos saberes

A Educação Financeira promove um diálogo articulador entre as áreas do conhecimento porque entende que são necessárias contribuições de várias delas para que vicejem conceitos e comportamentos financeiros saudáveis. Daí a indicação de que a Educação Financeira seja introduzida na escola como um tema que transite com desenvoltura entre as referidas áreas, adequando o nível de complexidade de acordo com a faixa etária dos alunos.

Sendo assim, o programa foi concebido para ser utilizado por quaisquer professores independentemente de sua especialidade porque se entende que a natureza da Educação Financeira não pode ser disciplinar. Ela navega por meio de diálogo entre as áreas do conhecimento, delas tomando emprestados conceitos, procedimentos, ferramentas ou aplicações. Na verdade, espera-se que os professores ministrem aulas de Educação Financeira por meio de sua porção cidadã, mais do que pelo concurso de sua especialidade docente, já que o programa se destina a educar para a vida financeira real que todos enfrentarão de modo pleno na fase adulta.

O termo “religação dos saberes” foi cunhado por Morin (1998) em encontro realizado por encomenda do governo francês, que à época buscava encorajar maneiras de conjugar os conhecimentos em torno dos problemas essenciais da humanidade e de lidar com a fragmentação dos saberes, compartimentados em disciplinas diversas e inseridos em múltiplas realidades. Se no passado distante as ciências se fundiam e se nos séculos que se seguiram à antiguidade clássica foram lentamente se destacando umas das outras até causar a separação que marca a disciplinaridade da era moderna, agora é chegado o tempo de restabelecer o necessário diálogo entre elas.

Além disso, a complexidade dos fenômenos do mundo atual não pode ser compreendida por ciências isoladas e a Educação Financeira pode ao mesmo tempo beneficiar-se e contribuir para tal diálogo, já que seus conteúdos extrapolam os limites do mundo financeiro e invadem os conteúdos escolares.

5. O trabalho do 1º ao 4º ano

Para introduzir os conceitos que fornecerão as bases do pensamento financeiro a ser estruturado progressivamente ao longo do Ensino Fundamental, foram selecionados alguns “eixos temáticos”, a serem revisitados em cada um dos anos escolares. O objetivo é introduzir gradativamente, nos anos iniciais, os conceitos que contribuirão para a construção do conhecimento necessário ao desenvolvimento de comportamentos e atitudes financeiras.

Cada um dos eixos apresenta um conjunto de determinados “conteúdos sociais”, aqui entendidos como experiências cotidianas dos alunos em torno das quais se estudam as questões financeiras pertinentes a cada faixa etária. A abordagem dos conteúdos sociais é sempre associada aos valores éticos e de responsabilidade socioambiental para atender ao aspecto formativo do conceito de Educação Financeira adotado neste programa.

São quatro os eixos temáticos tratados – (1) Produção e consumo; (2) Organização; (3) Cuidados; (4) Planejamento –, que se repetem nos quatro anos iniciais do Ensino Fundamental, mas a cada ano os conteúdos sociais são abordados de forma diferenciada.

O programa de Educação Financeira se apresenta como uma estratégia para contribuir com os resultados dos alunos brasileiros em exames de aferição da aprendizagem em disciplinas básicas como Português e Matemática. Entretanto, é necessário contar com as contribuições de outras áreas do conhecimento, embora uma visibilidade maior permaneça voltada para Por-

tuguês e Matemática. E não se trata de inserir pedaços de aulas específicas das disciplinas escolares nas páginas dos livros de Educação Financeira, mas de tomar tais disciplinas como referenciais e como ferramentas para explorar os conhecimentos da vida financeira.

6. Orientações para aplicação do programa na escola

Para se aplicar o programa na escola, sugere-se que seja feito um planejamento anual para cada um dos anos de escolaridade com as indicações necessárias de quem, quando e o quê será trabalhado. Recomenda-se que tal planejamento seja elaborado de forma participativa para que os professores possam se articular entre si.

Por seu compromisso de ajudar os alunos a compreender a organização social em torno do mundo financeiro e de prepará-los para usufruir os benefícios de tal organização, o programa procura valorizar a participação do aluno no processo de aprendizagem, tanto trazendo situações de sua própria vida quanto oferecendo oportunidades de se tomar decisões de modo autônomo. A autonomia se concretizará nas oportunidades de debate, nas quais o aluno aprenderá a defender seus pontos de vista e, ao mesmo tempo, a acolher e apreciar outros, distintos dos seus próprios.

Isso dito, sugere-se que o trabalho de Educação Financeira estimule os educandos a pensar de maneira própria, com capacidade para criar, concordar e discordar. A articulação dos alunos em trabalho grupal cooperativo ganha, assim, especial importância na sala de aula, por promover maior retenção de conhecimentos. O papel do professor nesse cenário é o de promover a interação grupal a partir, principalmente, do respeito mútuo. Trabalhar para a autonomia dos alunos significa saber o momento de intervir com ações orientadoras e esclarecedoras quando as dificuldades surgirem.

O trabalho grupal organiza melhor as aprendizagens quando seguido de momento coletivo em que os vários grupos confrontam seus pontos de vista sob a coordenação do professor. É nesse momento que o conhecimento se consolida, alimentado pela multiplicidade dos pontos de vista e, assim, poderá servir de suporte seguro para a construção de uma vida financeira saudável.

7. Avaliação da aprendizagem do aluno

A Resolução CNE/CEB nº 4/2010, que define as diretrizes curriculares nacionais gerais para a Educação Básica, determina que “a avaliação da aprendizagem deve ser um ato reflexo de reconstrução da prática pedagógica”, ou seja, os resultados apresentados pelos alunos precisam reverter sobre o planejamento da ação pedagógica subsequente.

A avaliação da aprendizagem do aluno – Programa de Educação Financeira do Ensino Fundamental – foi definida a partir dessa orientação e, também, em função dos resultados positivos obtidos pela avaliação de impacto aplicada no projeto piloto do Programa de Educação Financeira nas Escolas de Ensino Médio, em 2010 e 2011, com 26.000 alunos. Foi demonstrado que os alunos que passaram pelo Programa aumentaram seus conhecimentos sobre Educação Financeira e criaram atitudes que fornecem boa base para uma vida financeira saudável.

Para definir como seria a avaliação de aprendizagem do aluno no Programa do Ensino Médio, foram utilizados os resultados de um estudo realizado no Reino Unido (2006) a respeito de experiências britânicas com programas de Educação Financeira, que apontou que a prática de autoavaliação foi a melhor maneira de se promover a avaliação da aprendizagem. Os dados indicaram, ainda, que tal prática forneceu ao educando crescente autonomia e controle de sua aprendizagem, o que comprovou ser bastante positivo e motivador para que se tornasse um estudante independente. Alunos autônomos se tornam adultos igualmente autônomos e, por conseguinte, social e ambientalmente responsáveis.

Em vista dessas considerações, a recomendação é que os professores promovam frequentes conversas com a turma sobre o processo de aprendizagem, de modo que cada aluno tenha a oportunidade de pensar, de modo autoavaliativo, se e como está aprendendo os comportamentos e conhecimentos mais importantes do Programa.

Parte II – Apresentação do material didático

1. Livro do Aluno e Livro do Professor

O material didático leva em conta as orientações governamentais contidas no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), segundo o qual todo material didático deve preencher várias funções simultâneas. O livro do aluno, por exemplo, precisa transmitir conhecimentos, desenvolver competências voltadas para a criticidade, cidadania e autonomia. Já o livro do professor deve conter elementos que propiciem a atualização do docente tanto no aspecto pedagógico, oferecendo orientações para o desenvolvimento de aulas e para avaliação da aprendizagem dos alunos, quanto de especificidade da sua formação, apresentando informações corretas e atuais da área em questão. Do ponto de vista da linguagem, o PNLD indica que a mais adequada é a que favorece a legibilidade dos textos, isto é, que utilize vocabulário, morfologia verbal e nominal, colocação pronominal e estrutura de frase compatíveis com o leitor em formação.

O material didático de Educação Financeira, nos quatro anos iniciais, compõe-se de um volume para o aluno, contendo roteiros de trabalho para cada um dos quatro projetos de cada ano escolar, e de um livro para o professor que apresenta e discute orientações pedagógicas para trabalhar os conteúdos em sala de aula.

Os livros do aluno acompanham a estética de livros de literatura infantil. Os dois primeiros volumes atendem a idades mais tenras e, por isso, apresentam um traçado que remete à fantasia, economizam nos detalhes e utilizam cores mais suaves. Os dois volumes seguintes têm ilustrações com mais detalhes e de cunho realista, assim como utiliza cores mais fortes, em atendimento às características da faixa etária.

Os projetos de trabalho seguem um ciclo que se deflagra com uma pergunta inicial e se encerra com respostas encontradas pela ação das ferramentas do pensamento sobre os conhecimentos de vida real e de Educação Financeira.

Os roteiros de trabalho dos projetos são compostos por uma variedade de linguagens (verbal, não-verbal, mista), gêneros textuais (cartaz, folheto publicitário, poesia), instrumentos (tabela, gráfico), dinâmicas (brincadeiras, dramatização) e procedimentos (de coleta de dados, de entrevista) como forma de disparar os temas, de modo a permitir o atendimento à diversidade cultural e de recursos das escolas brasileiras, bem como o processo de ensino-aprendizagem.

O livro do professor foi concebido de modo a tornar-se o mais possivelmente atraente e acessível aos docentes porque – acredita-se – este livro é uma das peças essenciais do sucesso do programa. Professores bem orientados, que compreendem bem o que podem fazer com seus alunos, que encontram material farto para planejar suas aulas de acordo com as necessidades de sua turma, encontram-se em melhores condições para alcançar o sucesso da aprendizagem dos alunos.

Os elementos concebidos para se incumbir dessa tarefa no livro do professor são os seguintes:

- Uma linguagem dialogal, simples e direta;
- Emprego de situações e exemplos concretos que tenham familiaridade para o professor;
- Com o objetivo de permitir que se localize, com facilidade, onde se encontra o início dos principais conjuntos de conteúdo, foram criados os seguintes ícones:

Toda vez que aparece **esse ícone**, significa que ali se encontra um conteúdo específico de Educação Financeira ou uma explicação do motivo pelo qual um determinado conteúdo de Língua Portuguesa ou de Matemática foi trabalhado, no contexto da Educação Financeira.

Esse ícone está relacionado a uma área muito importante do universo financeiro, que é a Psicologia Econômica, que estuda o comportamento humano e as armadilhas psicológicas em que podemos cair no contexto de Educação Financeira. A presença desse ícone é sempre uma indicação para se refletir com mais calma e cuidado sobre algum aspecto importante das coisas que não são tão objetivas quanto cálculos e raciocínios matemáticos em Educação Financeira.

Esse ícone se relaciona aos conteúdos que podem ser explorados em Língua Portuguesa, em conexão com os conceitos financeiros explo-





rados nos Projetos. Dificilmente algum conteúdo pode ser estudado sem passar pela Língua Portuguesa e com Educação Financeira não é diferente. Por isso, o professor encontra diversas oportunidades de desenvolvimento da compreensão e da interpretação de textos.

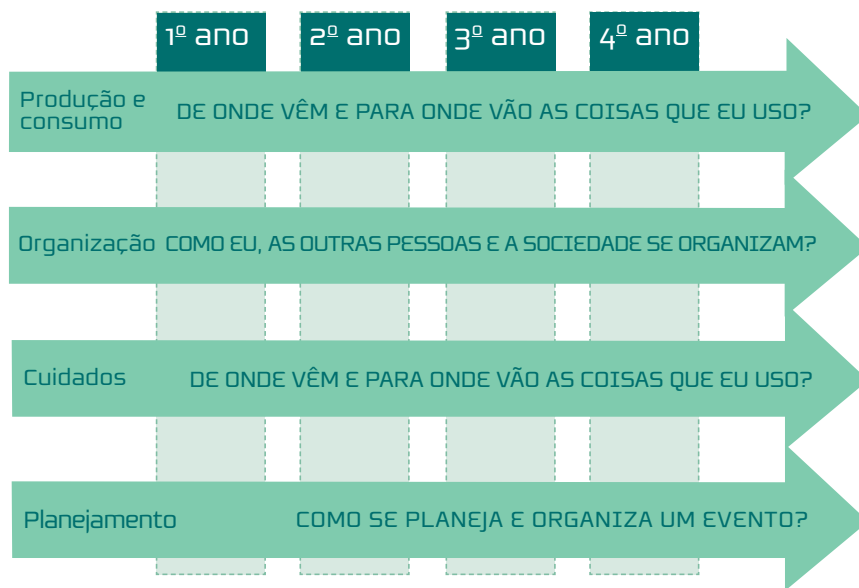
Esse é o ícone que o professor deve buscar sempre que desejar encontrar as atividades, propostas no livro, para desenvolver a construção dos conceitos basilares da Matemática. Um raciocínio lógico-matemático bem estruturado contribui significativamente para um bom aprendizado dos conteúdos de Educação Financeira, daí a sua inserção no Programa.

Um quinto ícone se aplica exclusivamente ao Livro 1, que é voltado para as classes de Alfabetização. Toda vez que se deparar com esse ícone, o professor encontra ali uma proposta problematizadora sobre a linguagem escrita, que pode ser útil para as crianças que se encontram nesse processo.

Este ícone reforça a relação da Educação Financeira com a Educação Ambiental. É importante que os educandos percebam que as atitudes ambientalmente responsáveis poderão contribuir positivamente com uma vida financeira mais saudável.

- “Isclas” nas margens do livro: em todas as páginas do livro do professor há frases ou perguntas que procuram aguçar a curiosidade e, assim, chamar o professor para a leitura do texto completo.
- Destaques de trechos no corpo do texto: todas as páginas são salpicadas de trechos destacados em outra cor, de tal forma que, se o professor fizer uma leitura cruzada de todos os destaques de uma página, terá uma boa ideia do conteúdo essencial das orientações de trabalho.
- Cada um dos quatro projetos é apresentado, no livro do professor, por um quadro de metadados, que nada mais é do que um quadro-síntese, no qual o professor encontra com agilidade os conteúdos trabalhados, as competências desenvolvidas e o foco central do projeto abordado no livro do aluno.

2. Eixos temáticos e conceitos financeiros trabalhados nos livros



Os Livros do aluno do 1º ao 4º ano encontram-se alinhados ao desenho curricular do programa de Educação Financeira para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Fundamentam-se nos eixos temáticos, com suas respectivas indagações, perpassando os quatro anos iniciais, como ilustrado na Figura 3.

Figura 3. Eixos Temáticos e suas indagações nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O desenho curricular se apresenta por meio da Figura 4, que indica os 16 conteúdos sociais nos quais se assentam os eixos temáticos, como cruzamento destes com os referidos anos. Os conteúdos sociais são relativos à vida pessoal, familiar e comunitária do aluno, considerando-se os âmbitos pessoal e social da dimensão espacial, e são tratados em diferentes durações e dimensões temporais – passado, presente e futuro, considerando-se o curto, o médio e o longo prazo –, sempre de maneira adequada à faixa etária das crianças, com base na Psicologia do Desenvolvimento e na Socialização Econômica, cujas pesquisas indicam em que idade se pode trabalhar cada conteúdo formal de Educação Financeira. Cada conteúdo social é trabalhado durante, aproximadamente, um bimestre letivo, por meio de um Projeto de Trabalho, que se inicia com uma das indagações indicadas na Figura 3 e orienta o aluno a encontrar respostas ao longo de uma trilha de aprendizagem permeada de textos verbais e não verbais.



Os conteúdos sociais indicados não pretendem constituir um modelo fechado. Antes, servem como exemplos de como conectar a Educação Financeira com a vida real das crianças e, portanto, podem e devem ser customizados e adaptados às realidades e culturas locais.

Figura 4. Desenho curricular dos quatro anos iniciais do Ensino Fundamental.

O fato de o livro ser de Educação Financeira e não de uma disciplina escolar específica, faz com que informações de natureza histórica, geográfica, artística etc. sejam apresentadas apenas com o objetivo de contribuir para a construção de conceitos e de comportamentos financeiros. Daí se explica o fato de não receberem tratamento minucioso nem indicação de referência para aprofundamento.

Diferentemente disso, para as áreas de Matemática e de Língua Portuguesa são apresentadas indicações bibliográficas, que poderão contribuir com o aprendizado dos educandos. O Projeto Pedagógico do Programa para os

anos iniciais se encontra explicitamente comprometido com a melhoria dos resultados dos educandos nessas duas áreas do conhecimento.

Conteúdos Formais

Os quatro eixos temáticos lançam os pilares de formação necessários à vida financeira saudável e aproximam os educandos dos conteúdos de Educação Financeira. Neste item você vai conhecer melhor cada um deles.

Produção e consumo

Esse eixo temático investiga e discute a trajetória dos produtos até chegar ao uso pelo consumidor e continua refletindo, inclusive, sobre seus descartes, o que convoca a dimensão de longo prazo para compreensão geral de tal trajetória. Cada ano escolar contempla um produto ou uma categoria de produtos diferentes. A ideia é possibilitar ao educando conhecer e pensar criticamente a respeito de como a sociedade se organiza para produzir, transportar e descartar produtos naturais e industrializados e qual o custo financeiro e socioambiental desse processo. Com isso, desenvolve-se uma percepção de mundo e, nesse percurso, interligam-se conteúdos de diversas áreas do conhecimento. Em especial, conecta Educação Financeira e Educação Ambiental e fornece as bases para condutas socioambientalmente responsáveis por meio do estudo de questões cidadãs (direitos e deveres).

Conteúdos: composição de preço, consumo ambientalmente responsável, estimativa, câmbio, impostos, produtos e serviços, negociação, o ter público e o ter privado, para onde vão os produtos consumidos / descarte, publicidade, querer e precisar, receitas e despesas, reconhecimento do dinheiro.

Organização

A organização faz parte do nosso cotidiano e é uma atitude importante para uma vida financeira saudável. Esse eixo temático dá conta de estimular a organização de aspectos crescentemente complexos da vida pessoal dos alunos e os leva a conhecer como outras pessoas se organizam. A ideia é caminhar do âmbito pessoal para o social, no qual se conhecerá como a sociedade vem organizando a sua vida financeira, do escambo às instituições financeiras e órgãos reguladores dos mercados.

Conteúdos: como as sociedades se organizam hoje e como se organizaram

historicamente (comércio, processo de produção, escambo, trocas...), história do dinheiro, consumo, desejos x necessidades, desperdício x bem-estar, doação solidária, orçamento, processos cíclicos.

Cuidados

Este eixo temático tem como objetivo despertar as crianças para a necessidade de se cuidar daquilo que é partilhado por todos. Isso inclui a responsabilidade pessoal e social pelos espaços e bens comuns. Para atender a tais objetivos, ele lança as bases do pensamento de longo prazo, essencial aos conceitos que envolvem a dimensão de futuro (trocas intertemporais, previdência/investimentos, seguro etc.).

Conteúdos: ciclos da vida (padrões da natureza, padrões comportamentais), consumo, estimativas, impostos e taxas, orçamento, posse, poupança, preservação, previdência, prevenção, propriedade (pública e privada), seguro, trabalho e renda, uso e manuseio do dinheiro, valor.

Planejamento

Este eixo possibilita o engajamento dos educandos em preparativos necessários para se planejar e executar um evento, desde as primeiras ideias até o dia de sua realização. Oferece diversas oportunidades de exercitar, em ocasiões reais, modalidades simples de planejamento, com cálculos aritméticos crescentemente complexos.

Conteúdos: dinheiro, doação solidária, estimativa, escolhas, negociação, orçamento, planejamento, sustentabilidade, utilidade, valor



Projeto 1

Educação Financeira nas Escolas



livro do
professor

Título	De onde vêm as batatas se não existe plantação de batata no mercado?
Questão central do projeto	De onde vêm e para onde vão os alimentos naturais que consumimos?
Foco do projeto	Batatas
Conteúdos de Educação Financeira	Bens finitos Consumidor Consumo Desperdício Distribuidor Coleta seletiva de lixo Precificação Produtor
Competências	<p>Debater direitos e deveres (C01) – uso dos alimentos e seu descarte.</p> <p>Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis (C02) – separar os diferentes tipos de lixo</p> <p>Ler e interpretar textos simples do universo de Educação Financeira (C04) – nota fiscal</p> <p>Ler criticamente textos publicitários (C05) – encarte</p>
Objetivo específico	Explicar de onde vem e para onde vai a batata



Descrição

Professor, este projeto tem como foco lançar as primeiras bases de um dos pensamentos fundamentais para a Educação Financeira, que é **compreender os processos de produção** para poder **refletir** a respeito dos **custos financeiros e ambientais** que acarretam. No primeiro contato com essa questão, as crianças conhecerão o ciclo de produção de um alimento natural: a batata.

A batata foi escolhida por sua popularidade entre as crianças, e seu estudo perpassará **noções de desperdício, consumo e lixo seletivo**, tendo como elementos de ligação diversas informações e conhecimentos de outras áreas, como Artes (tela do pintor Vincent van Gogh), História (origem do cultivo da batata), Cultura (parlenda, expressões idiomáticas, brincadeiras e receitas de família) e Ciências (cultivo e ciclo de vida da batata).

Complementarmente, as crianças também começarão a entrar em contato com a **noção de precificação**, na medida em que verão aumentar a quantidade de moedinhas (simbolicamente representando o valor de cada etapa de produção da batata até chegar à nossa mesa) na história em quadrinhos apresentada.

Além disso, você encontrará neste projeto uma grande variedade de atividades que podem complementar o seu trabalho nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática e que encontram, no contexto da Educação Financeira, inúmeras oportunidades de uso e de aplicação de seus mais importantes conteúdos.

Por que
trabalhar
com
BATATA?

Um projeto começa com perguntas a respeito do que se pretende estudar.

Adicionalmente, você pode também explorar a produção de outros alimentos naturais típicos da sua região ou simplesmente aqueles preferidos pelas crianças.

PÁGINAS 8 e 9

Comece o projeto conversando com a turma a respeito da BATATA. **Lance perguntas:** quem conhece a batata, para que serve, já provou...? **Esta atividade é muito importante para abrir as portas da aprendizagem** porque cumpre dois papéis. Por um lado, aciona e explora os conhecimentos prévios das crianças sobre o assunto, colocando-as em posição de corresponsáveis pela aprendizagem da turma e, por outro, deixa-as curiosas, atentas e motivadas para ver se o que disseram *a priori* está correto e se será abordado no projeto.

Organize as informações coletadas na conversa em **duas colunas:** o que já sabem e o que gostariam de saber sobre o alimento BATATA. Vá escrevendo as palavras mais importantes no quadro. E, nesse caso, ajuda bastante escrevê-las pausadamente e ir falando, ao mesmo tempo, a sílaba que está sendo escrita. Faça esse primeiro registro com a turma coletivamente e só depois a ajude a preencher as duas primeiras páginas do Livro do Aluno.

É interessante **estimular a curiosidade** das crianças e **incentivá-las a buscar mais informações** nas mais variadas fontes: pessoas da família e da comunidade, livros, revistas, TV, internet. Na verdade, isso poderia ficar como dever de casa permanente ao longo da duração do projeto. Nesse caso, pergunte a cada dia quem trouxe uma nova informação e procure registrá-la em um lugar acessível às crianças, como mural, bloco ou uma espécie de caderno coletivo. **O importante é mantê-las em atitude permanente de pesquisa.**

Analise a palavra BATATA por meio de perguntas como as seguintes:

- 1 - Quantas letras tem a palavra, no total?
- 2 - Quantas letras diferentes?
- 3 - Quantas vezes cada letra aparece?
- 4 - Quantas e quais são as vogais?
- 5 - Quantas e quais são as consoantes?



- 6 - Que palavras estão dentro dela? (bata, tatá, ata)
- 7 - Pergunte que outras palavras podem ser escritas a partir de suas sílabas tomadas isoladamente (com “ba”, banana; com “ta”, “taco”, “tapete” etc.)
- 8 - Explore as palavras ditas pelas crianças, no item anterior, com perguntas: quantas consoantes, quantas sílabas e quais são elas, que outras palavras estão dentro dela e que outras palavras podem ser escritas a partir de suas sílabas tomadas separadamente?
- 9 - Monte um paradigma reunindo diferentes palavras com uma mesma sílaba em comum. No caso abaixo, a sílaba **ba**, de diferentes palavras, foi destacada. Isso permite que as crianças percebam que as semelhanças no som correspondem a semelhanças na grafia.

	BA	TA	TA
	BA	NA	NA
CA	BA	NA	
	BA	LA	
A	BA		

Peça que as crianças tragam, cada uma, pelo menos uma batata (de qualquer tipo, batata inglesa ou batata-doce) para a escola (serão devolvidas ao final das atividades). Propicie a **observação das formas** que as batatas podem ter. É importante que você apresente muitas batatas para chegar a um padrão, que é a “forma arredondada”. Problematize os diferentes tamanhos de batata propondo que organizem uma **sequência de tamanho** com o critério escolhido pelas crianças (do maior para o menor ou do menor para o maior; da batata mais leve à mais pesada e vice-versa).

Dependendo da variedade de batatas que as crianças tiverem trazido, promova uma **classificação** delas pela coloração ou uma sequência de intensidade de tons, do mais claro ao mais escuro e vice-versa.

Também vale promover diversas **situações de contagem** das batatas e de **comparação de quantidades**: quantas batatas as meninas trouxeram no total? E os meninos? Quantas batatas temos na turma no total? Instigue as crianças a arrumar as batatas em fila e contar. Quando terminarem a contagem de uma fila, pergunte: quantas batatas haverá se elas fizerem a contagem das batatas começando por onde terminaram a contagem



Quais os
benefícios de
se trabalhar
com
paradigma?

Desperte a curiosidade sempre!



anterior? Depois arrume as batatas em um círculo e volte a perguntar quantas batatas haverá se elas forem contadas no sentido horário e depois no sentido anti-horário.

Se houver uma balança de dois pratos em sala ou se você puder construir uma, seria interessante experimentar **equivalências de peso**: quantas batatas pequenas preciso colocar em um prato para equivaler a uma batata grande e, assim, fazer a balança ficar equilibrada?

Se for possível, peça a doação de algumas batatas-doces e coloque-as em potes ou pratos com um pouco de água. Desperte a curiosidade e pergunte se elas sabem o que vai acontecer. Observem as folhas crescerem. **Introduza a palavra germinar**, explicando o seu significado. Aproveite a oportunidade para apresentar o **dicionário**. A observação da germinação pode gerar um registro por meio de desenhos semanais (em cada semana um grupo de crianças se encarrega de fazer o registro, que pode ser colocado no mural). A ideia é que as crianças **participem de uma “narrativa viva”**. Uma vez pronta a sequência de desenvolvimento da folhagem, explore a narratividade com os ordinais “primeiro”, “segundo” etc. e com as demais **palavras que indicam a fluência da narrativa** (“depois”, “antes”, “em seguida”, “após”, “finalmente”). Essa atividade pode ser de grande utilidade para as crianças que estão com dificuldade de compor uma narrativa.

Ao final do processo de observação da “narrativa viva”, **ordene** cronologicamente os desenhos semanais e, tendo-os como referência, **faça um registro por escrito**, juntamente com as crianças, sendo você o escriba. Estimule o uso das palavras citadas acima que indicam a fluência da narrativa.



Há outro ponto muito importante a ser explorado na observação do crescimento das batatas-doces, que é a **questão temporal**. As coisas têm seu ritmo, não adianta só querer ver a batata germinar para isso automaticamente acontecer, será preciso esperar seu tempo de germinação. Da mesma forma, muita coisa na vida precisa ser cuidada durante algum tempo para germinar, depois florescer e poder ser usufruída. Isso **exige disciplina, paciência, condição de suportar a frustração** de não ter tudo na hora. Trabalhar diretamente com elementos da natureza pode ser uma fonte preciosíssima de aprendizado de **planejamento financeiro**, porque não adianta só querer adquirir algum bem; é preciso planejar-se para a despesa fazendo algum tipo de provisão ou de investimento, por exemplo.

PÁGINAS 10 e 11

Analise com as crianças a forma e o conteúdo do texto. Só depois dessa análise, pergunte para que e para quem serve esse texto. Dessa maneira, as crianças anteciparão a função social do gênero textual em questão. Em seguida, converse sobre este gênero textual. É muito importante ajudá-las a compreender a função social desse texto.

Peça que as crianças observem cada quadrinho da história e relatem o que estão percebendo. Faça essa leitura compartilhada do texto e da imagem com a turma. Estude e explore com as crianças alguns elementos que dão suporte ao texto. Observe que se trata do **gênero textual história em quadrinhos** (HQ).

Ajude as crianças a encontrar, nos **recursos não verbais da HQ**, referências a outros sentidos além da visão, tais como a ênfase no aspecto tátil da consistência do produto, na imagem que mostra sua seleção; e a ênfase no aspecto sonoro do feirante gritando o preço da batata. Procure mostrar o quanto todos nós temos significativas memórias sonoras e táteis – e como, no caso dessa HQ, as **referências multissensoriais** enriquecem a leitura.

Saliente a **sequência temporal** durante essa HQ: do início ao fim, a **exposição de todo o ciclo de produção da batata**, que se inicia na natureza e termina com o descarte (lixo). Aproveite para indicar que as cascas de batata devem ser colocadas em “lixo orgânico”, ou seja, com outros restos de comida.

Explique as palavras do universo financeiro que aparecem no contexto deste livro, como alimentos naturais × alimentos industrializados, produtor (quem planta), distribuidor (quem transporta e quem vende), consumidor (quem compra), consumo, preço e outras que possam surgir como fruto da pesquisa da turma, embora nessa idade não seja tão relevante as crianças saberem o nome de cada um. Seria interessante elaborar uma página de dicionário ilustrado com essas palavras, porque são muito importantes no universo da Educação Financeira.

Pergunte se elas podem **contar oralmente** como seria essa historinha se, em vez de batata, a HQ fosse sobre a produção de alface, tomate ou qualquer outro alimento natural da preferência da turma. Aproveite para fazer uma **lista de “alimentos naturais”** vegetais (legumes e frutas) conhecidos pelas crianças, ressaltando a diferença para com os **“alimentos industrializados”**.



“Batata” e “dinheiro”:

para tê-los é preciso aprender a esperar.





Chame a atenção para a quantidade de moedinhas, que vai aumentando em cada quadrinho, e explique que todos os que trabalham nesse processo precisam ser remunerados, e é isso que compõe o **preço final** que pagamos pela batata ao comprá-la. Se julgar apropriado, comente que se a pessoa que prepara os alimentos da família for remunerada, isso acrescentaria mais uma moedinha ao quadrinho em que a família está sentada à mesa fazendo a sua refeição.

A partir da **contagem das moedinhas da HQ**, trabalhe com a noção de “mais um”, isto é, com a ideia de que cada número se forma pelo antecessor mais um. Nesse contexto, explore a noção de antecessor e sucessor.

Essa noção de antecessor e sucessor também pode ser explorada a partir do desenho da arrumação das batatas em colunas e filas no campo de plantação. **Apresente** uma tabela numérica* (comece com números até 20 e vá evoluindo aos poucos para quantidades maiores, até chegar ao número 100, no final do ano) e mostre como sua espacialização é parecida com a das batatas no campo.

Desafie as crianças a encontrar regularidades do sistema numérico com apoio da tabela numérica e de outros contadores numéricos, como o calendário: mais um (linha), de dois em dois, dez em dez (coluna).

*Tabela Numérica

Essa é uma tabela completa até 100, você deve trabalhar com tabelas menores, crescendo gradualmente até 20, 30, depois até 50, de acordo com o desenvolvimento da sua turma.

1	2			5	6		8	9	X
X	12	13	14	15	16		18	19	20
21	22				26	27	28	29	
31	32	33		35	36	37	X	39	
41		43		45	46	47	48	49	
51		53	54	55		57	58	59	60
61			64	65	66		68	69	70
71	72	73	74	75	76	77		79	80
81	82			85	86	87	88	89	90
91	92			95	96	97	98	99	100

Regularidades na Matemática: o que as crianças podem perceber?

O meio ambiente

pode abrigar todo o lixo produzido?

Faça a seguinte brincadeira: peça que as crianças fechem os olhos e escondam um número de um único algarismo da tabela numérica para elas “adivinharem” qual foi ele. Pergunte se foi fácil. Provavelmente dirão que sim. Peça que venha à frente alguém que saiba um jeito “difícil” de continuar a brincadeira. Observe o que essa criança propõe. Talvez ela proponha um número de dois algarismos ou um número cujo nome tenha muitas sílabas, como “oitenta”. Continue chamando as crianças para esconder números. Depois de algum tempo, retome a condução da atividade e esconda uma parte da tabela: comece escondendo dois números seguidos na horizontal ou na vertical, evolua para três números e, se a turma estiver respondendo bem, complexifique o desafio escondendo partes maiores.

Exemplos de partes da tabela a esconder: as células cortadas com X escondem um único número e, portanto, representam o nível mais fácil. Em cinza claro estão representadas as composições que apresentam um desafio de nível médio. Em cinza escuro, os mais complexos.

Voltando à **questão temporal** e a partir do itinerário percorrido pela batata, da plantação ao lixo, proponha que pensem outros caminhos/itinerários: da sala de aula até a cantina; da sala de aula até o pátio. Ajude-as a organizarem a fala em etapas, como “a gente sai da sala, desce um lance de escada, quando chegar ao pátio vira para a direita, depois vai em frente e aí chega à cantina”. Depois de arrumada oralmente, é hora de fazer um registro escrito, tendo o professor como escriba.

Amplie o contexto do quadrinho que mostra um supermercado pedindo que elas tragam, em semanas diferentes, **encartes e notas ou cupons fiscais** de supermercado. Em sala, promova a leitura desses textos, explorando o **nome e o valor dos produtos naturais** anunciados, distinguindo a diferença entre palavras e preços ou até mesmo entre letras e números. Adicionalmente, você pode pedir que cada criança desenhe (ou cole a imagem de) os alimentos naturais que consome e escreva quanto custa. Faça uma atividade de escrita espontânea com o nome do alimento consumido.

Relembrando a leitura compartilhada da HQ, pergunte às crianças o que se faz com o lixo na casa delas. Separam diferentes tipos de lixo? Já ouviram falar que é bom **separar os diversos tipos de lixos**? Materiais que podem ser reciclados (papel, papelão, vidros, plásticos e metais) devem ser separados do lixo orgânico, que são restos de alimentos? Explore as possibilidades: quem separa o lixo orgânico (restos de alimentos)? Ele é aproveitado para fazer compostagem (processo que transforma o lixo orgânico em adubo orgânico)? Que outro destino é dado ao lixo de “co-





Analizando
uma
obra de
arte.

midas” em geral? Introduzir a **noção de finitude do meio ambiente**, ou seja, não temos espaços infinitos para abrigar todo o descarte, todo o lixo que produzimos, daí **a importância do reaproveitamento e da reciclagem**.

Proponha que as crianças reproduzam o desenho de uma plantação real em que as batatas são organizadas em várias **linhas e colunas** a uma determinada distância umas das outras. A observação dessa disposição ajuda a ir construindo a compreensão acerca da **contagem retangular**.

PÁGINA 12

Leitura da imagem do quadro “Os comedores de batata” (Vincent van Gogh).

Peça que as crianças **observem a imagem e descrevam** o que estão vendo. Converse sobre os elementos que nos dão pista se é dia ou noite, se é um tempo atual ou antigo, se são uma família ou não, se são pessoas com posses ou não, e o que estão fazendo, dizendo ou sentindo. Depois dessa análise, **apresente o pintor** e o quadro utilizando as informações contidas abaixo e, é claro, outras informações que você próprio venha a pesquisar.

Texto complementar

Informações sobre o quadro e seu autor.

As informações aqui contidas devem ser repassadas à turma de acordo com o nível de interesse que ela venha a demonstrar e conforme sua possibilidade de compreensão. Contudo, se você demonstrar entusiasmo pela obra e pela história da vida de Vincent van Gogh há uma boa chance de a turma seguir o seu exemplo! Afinal, crianças pequenas tendem a seguir o exemplo de seus professores.

Vincent van Gogh nasceu em 1853, na Holanda, e morreu na França, em 1890, com apenas 37 anos. Em sua curta vida, pintou quadros que se tornariam algumas das maiores obras de todos os tempos.

O quadro “Os comedores de batata” foi pintado em 1885, um ano antes de Van Gogh partir definitivamente para a França, e é considerado o primeiro de seus grandes trabalhos. Antes de pintá-lo, Van Gogh fez vários ensaios, o que indica que tinha mesmo a intenção de pintar um

quadro que fosse especial e famoso. Não conseguiu isso em vida, mas após sua morte foi bastante apreciado o modo como ele usou a luz em um ambiente bastante escuro, criando um contraste admirável porque, apesar da escuridão, é possível distinguir com clareza a expressão das pessoas retratadas. Quatro mulheres e um homem compõem uma cena bastante comum, em que pessoas simples fazem uma refeição também bem simples, e isso dá a impressão de que vivem juntas sob esse teto. A combinação desses elementos – cena familiar e contraste impressionante da luz em um recinto muito escuro – dá muita força ao quadro.

Vincent van Gogh se interessava muito por luz, e explorou genialmente os efeitos da luz solar sobre paisagens em diferentes momentos do dia. Contudo, sua marca mais conhecida foi o modo como aplicava o pincel sobre a tela: eram diversas camadas de volumosas pinceladas, resultando em incrível textura. Utilizando essa técnica, pintou muitos quadros com flores (principalmente íris e girassol) e retratou diversas cenas noturnas, com especial atenção para a luz das estrelas.

Sua genialidade, no entanto, convivia com um temperamento muito difícil. Pessoa de pavio curto, ele se envolvia frequentemente em brigas e em discussões pela noite adentro e, durante o dia, pintava incessantemente. Sua saúde, tanto mental quanto física, acabou ficando bastante abalada. No final de 1888 cortou parte da própria orelha num acesso de fúria. Foi internado em hospital psiquiátrico e lá ficou por quase dois anos. Ao sair parecia bem melhor, mas acabou tirando a própria vida dois meses depois, com um tiro no peito. Ao morrer, havia vendido apenas um quadro em toda a sua vida, mas poucos meses depois seus quadros começaram a ganhar fama e continuam até hoje encantando milhares de pessoas de todas as partes do mundo. Tomara que você e sua turma engrossem a multidão de fãs!

A história da vida de Van Gogh traz importantes questões éticas. Se você achar adequado à sua turma, converse sobre a importância de vivermos a nossa vida de modo a considerar não somente as nossas necessidades e interesses, mas também os dos outros. **Viver em sociedade supõe a permanente consideração de valores éticos, como tolerância, empatia, solidariedade e respeito**, sem os quais o convívio das pessoas entre si se torna impraticável. A palavra “valor” também tem muita importância no contexto de Educação Financeira. Se ninguém atribuir valor nenhum a um objeto, ele ficará eternamente na prateleira da loja porque ninguém irá comprá-lo. Só se compra aquilo que tem valor, e esse valor é subjetivo. É fundamental aprender a **identificar qual o valor que as coisas têm para nós**,

Qual o
“valor”
dos objetos?



Conhecendo pintores famosos.



fazendo a nós próprios perguntas como: “será que estou comprando esse sapato porque preciso ou porque penso que as pessoas vão gostar mais de mim quando me virem com ele no pé?”

Mas nem todo artista teve o destino trágico de Van Gogh. Se você julgar interessante para sua turma, apresente o pintor Eliseu d’Angelo Visconti (1866-1944), cuja biografia é bastante diferente. Nascido na Itália, veio para o Brasil ainda menino. Além de pintar cenas cotidianas, ele criou selos, cartazes e fez todas as pinturas decorativas que enfeitam o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que são consideradas obras-primas. Se possível, acesse o site indicado para saber mais sobre ele. Em especial, procure observar o quadro “Mamoeiro”, de 1889, ou “Colhendo frutas”, de 1898, para poder fazer ligação com o quadro “Os comedores de batata”, de Van Gogh. Foram pintados na mesma época, mas em continentes bem diferentes. Compare, por exemplo, a luz dos quadros: a escuridão no de Van Gogh contrasta com as cores mais claras dessas telas de Visconti.

<http://www.eliseuvisconti.com.br/>

Se as crianças manifestarem interesse em continuar observando quadros e conhecendo pintores famosos, apresente-as a Tarsila do Amaral, uma talentosíssima pintora brasileira que deixou uma obra vastíssima, cuja temática era bastante variada. Dentre eles, retratou muitos elementos de paisagens naturais. Como ela cresceu em uma fazenda, desenvolveu bastante intimidade com a natureza. Utilize essas informações e as do site oficial de Tarsila para apresentar a sua biografia e obra.

<http://www.tarsiladoamaral.com.br/>

Releia com as crianças a **legenda** do quadro de Van Gogh. Solicite que localizem, na legenda, a palavra batata e discuta com elas a função social da legenda. Peça que expliquem o que entenderam a respeito de legenda e verifique se compreenderam a função social desse tipo de texto, que é **fornecer alguma informação sobre a imagem relacionada**.

Leve para a escola algumas imagens (adequadas à idade) de jornal ou revista com legendas. Explore as imagens e leia as legendas para a turma.

Finalmente, peça para **produzirem uma legenda** para o quadro “Os comedores de batata” e a escreverem no Livro do Aluno.

Ao final, peça que elas façam uma **releitura do quadro criando uma imagem atual** de como seriam os comedores de batata dos dias de hoje.

PÁGINA 13

Leia coletivamente o texto “Eu vim de lá”, sobre a origem da batata, que está no Livro do Aluno. Converse e faça perguntas sobre este texto.

Depois, leia o texto informativo abaixo sobre o plantio e as condições necessárias ao bom crescimento das batatas. **Destaque** para as crianças as informações que julgar mais relevantes, utilizando um vocabulário que elas compreendam.

Texto informativo sobre a batata

AO CONSUMIDOR, AS BATATAS!

- Ora, vá plantar batatas!

Mais do que uma conhecida expressão de toda gente em momentos de bastante insatisfação, plantar batatas é uma prática frequente no Brasil. A história de seu plantio na América começou, há milhares de anos, nas frias regiões da Cordilheira dos Andes, de onde, a partir da chegada dos europeus no século XVI, essa espécie foi trazida para cá.

Quem quiser, de fato, plantar batatas precisa, a princípio, encontrar um lugar de clima ameno, com dias relativamente quentes e noites mais frias. Precisa também de muita água – porque grande parte desse alimento é composta por líquidos – e de luz, outra exigência dessa espécie para crescer sólida e saudável. No Brasil, plantar batatas é uma prática comum em duas épocas: durante o inverno e a primavera da região Sul, mais fria; e durante o outono e o inverno das outras regiões, desde que em altitudes mais elevadas.

Ao cultivar em terra bem irrigada e com clima adequado pedaços de batatas já germinadas, esse produtor colherá, em torno de dois meses – quando cada rama da planta começar a murchar – uma bela safra de batatas! Ao retirá-las do solo, contudo, deve ter o cuidado de armazená-las em locais específicos, ao abrigo da luz e com temperatura controlada, a fim de não danificar o produto. Segue-se à sua estocagem a fase de condicionamento de cada batata, que, antes da embalagem final, será avaliada



A história
e a origem
da **batata**

Significado literal.

Significado figurado.



Alfabetização



Língua Portuguesa

– escolhida ou rejeitada – pesada e frequentemente lavada.

Finalmente, um distribuidor poderá levar essas batatas a dois destinos diferentes. Um deles poderá ser ainda uma última fase de sua preparação para o consumo: uma indústria, onde essa hortaliça, modificada em algumas de suas características, será transformada em diferentes produtos derivados, como batatas fritas, batatas palhas, etc. O destino final, porém, serão sempre as feiras, as mercearias e os supermercados, onde, naturais ou industrializadas, batatas de todas as variedades serão vendidas em grande quantidade para seus consumidores, mantendo a justa fama de principal hortaliça do Brasil, tanto com relação à área utilizada para seu cultivo como com relação à preferência por ela na alimentação dos brasileiros.

Faça perguntas sobre o texto lido - Ora, vá plantar batatas! Estimule e oriente as crianças a **registrarem**, num texto coletivo, o que aprenderam sobre o plantio de batatas.

Analise com a turma a expressão VÁ PLANTAR BATATAS! Explore o **significado literal** dessa expressão e o **significado figurado** que possui na linguagem popular – usada para significar “deixe-me em paz” ou “saia daqui”. Contraste a formalidade dessas últimas expressões com a informalidade de “Vá plantar batatas!”, salientando **a presença de registros formais e informais** no nosso cotidiano e comentando quais os contextos mais adequados para utilização de cada registro.

Aproveitando o sentido literal, **plante batatas em uma jardineira** com ajuda da turma. Organize, junto com as crianças, um cartaz com explicações, por meio de palavras e de imagens (desenhos e/ou recortes de revista), do que precisarão para realizar a plantação (terra, vaso, pá, pedrinha, batata, palha) e do que a planta precisará (água, terra, luz, calor). E, é claro, depois de pronto o cartaz, é hora de plantar as batatas!

Organize um livrinho para as crianças registrarem o ciclo de vida de uma batata do plantio à colheita. De acordo com as características da sua turma, o livrinho pode ser feito individualmente ou em duplas e por meio de escrita e/ou de desenho. É importante que o **registro seja diário**, com a escrita da data, para que possam saber o tempo exato desse processo.

No livrinho, podem ser incluídos também os sentimentos das crianças enquanto acompanham o crescimento da batata – para perceber, por

exemplo, que são capazes de aguentar a ansiedade de esperar, tal como, futuramente, precisarão aguentar a ansiedade de juntar dinheiro para adquirir algum bem. **Os sentimentos devem ser registrados a partir de ícones:**



PÁGINA 14

Leia a receita (adaptada) “Batatas Portuguesas”, conhecida também como “Batatas ao Murro”, que é o seu nome original em Portugal. **Analise com as crianças a forma e o conteúdo do texto.** Só depois dessa análise pergunte para que e para quem serve esse texto. Dessa maneira, as crianças anteciparão a função social do gênero textual em questão.

Em seguida, converse sobre esse gênero textual. É muito importante ajudá-las a compreender a função social desse texto – que é de transmitir, através das gerações, os pratos que compõem a culinária daquele grupo social – e, por outro lado, compreender a importância de se seguir os passos da receita na ordem correta.

Indique para as crianças alguns elementos que dão suporte ao texto instrucional. Saliente a estrutura textual com base nas formas verbais imperativas, que evidenciam a interlocução direta com um ouvinte ou com um leitor. **Realce a importância dos verbos de comando**, que determinam – na sequência em que aparecem no texto – as ações a serem praticadas para que esse interlocutor realize corretamente a tarefa. Destaque também as informações, na primeira parte da receita, acerca dos ingredientes necessários para preparo das batatas amassadas.

Circule, com cores diferentes, as duas partes da receita: **ingredientes e modo de fazer.**

Crianças com dificuldades de compreensão de texto se beneficiam bastante do contato com textos instrucionais, porque esses textos ajudam a relacionar a palavra escrita com uma ação concreta. Ler a frase “lave as batatas” e, a seguir, realizar essa ação é muitas vezes tudo o que algumas crianças podem estar precisando para fazer disparar o processo de criação de significados para aquilo que leem.



**Textos
instrucionais
ajudam na
compreensão
de outros
textos**



Ao seguir a receita de batatas amassadas, explore as noções de medidas (meio copo, meio litro) e quantidades (2 copos, 3 ovos). Quem conhece outras **palavras e expressões que denotam medidas e quantidades** em receitas? Faça uma lista coletiva e deixe-a exposta em sala, retomando-a quando for pertinente. Aproveite para brincar com essa lista: “estou precisando de um litro de paciência, dois copos de criatividade e uma pitadinha de amor no coração. Alguém me empresta?” Estimule as crianças a falarem assim também, no contexto de uma brincadeira ou de uma briga – “Fulano perdeu 3 quilos de compreensão e 2 de paciência. Quem pode ajudá-lo a reencontrar?”

Desafie a turma: como se “**dobra**” essa receita? Quem sabe o que é “dobro”? Explore algumas situações simples de dobro, utilizando partes do corpo e os próprios objetos que estejam com as crianças. Em seguida, desafie-as com a pergunta: **para que cada criança coma duas batatas, quantas batatas seriam necessárias?** Estimule-as a representar cada batata com uma tampinha ou pedrinha para tornar a situação mais concreta.

Apresente e explore a **parlenda** “Batatinha quando nasce”, nas duas versões.

VERSÃO 1

BATATINHA QUANDO NASCE ESPARRAMA PELO CHÃO

MENININHA QUANDO DORME PÕE A MÃO NO CORAÇÃO

VERSÃO 2

BATATINHA QUANDO NASCE ESPALHA A RAMA PELO CHÃO

MAMÃEZINHA QUANDO DORME PÕE A MÃO NO CORAÇÃO

Essa é uma boa atividade para sugerir que as crianças façam o ajuste fala/escrita. O professor pode escrever a parlenda no quadro ou no papel bem grande e pedir que as crianças **apontem os versos à medida que os recitam**. Esse tipo de atividade favorece a compreensão de que existem correspondências entre o que se fala e o que se escreve.

Pergunte se a turma conhece outra versão. Aproveite para explicar que a parlenda é um gênero textual para crianças, com versos rimados, curtos e divertidos.

**Ajustando
fala
e escrita**

Que tal fazer uma lista de comidas com batata?

Saliente a musicalidade do texto, que é obtida como efeito da seleção de palavras e da presença de rimas, criando movimentos corporais que expressem o ritmo com que está sendo dita/cantada a parlenda. Na verdade, crianças estão muito mais perto da poesia do que pensam muitos adultos justamente por causa de sua musicalidade; por isso, nunca é demais provocá-las para que criem maneiras de o próprio corpo acompanhar sua voz enquanto falam a parlenda.

PÁGINA 15

Faça uma lista de comidas feitas com batata. A partir dessa lista, escreva cada uma em uma tirinha de papel e proponha que a turma organize uma nova lista, só que em **ordem alfabética**. Se ela ainda não está familiarizada com o alfabeto, essa é uma ótima ocasião para fazê-lo, mas é imprescindível contar com o apoio de um bom alfabetário colocado em local permanente e de fácil visibilidade para toda a turma.

Todas as atividades de **organização**, como é o caso de arrumar as palavras em ordem alfabética, contribuem para a **formação de hábitos e atitudes financeiras positivas** porque a pessoa organizada, que classifica e guarda suas contas em ordem, por exemplo, tem mais controle sobre sua vida financeira e, assim, maiores chances de realizar seus sonhos.

Em seguida, oriente-as a **criar uma pergunta** para disparar a pesquisa sobre “comidas preferidas com batata”. Nesse momento, aproveite para verificar (ou para ensinar) o que as crianças entendem por “pergunta” e depois as ajude a formular e escrever a pergunta da pesquisa da melhor maneira que puderem, mas seria interessante que a palavra “batata” fosse grafada corretamente, uma vez que está sendo visualizada durante todo o projeto.

Depois da pergunta feita, apresente para as crianças **expressões com batata**, uma de cada vez, escrevendo-as no quadro. Explore brevemente essas expressões e peça ideias a respeito do seu significado.

1. Vá plantar batatas!
2. Estou com uma batata quente nas mãos!
3. Pirei na batatinha!





4. Vai ser batata!
5. Batatinha frita, 1, 2, 3!

Pergunte se as crianças conhecem outras expressões com batata.

PÁGINA 16

Ajude as crianças a coletar e selecionar os **dados resultantes da pesquisa** gerada pela pergunta da página anterior.

No início da escolaridade, o **trabalho com gráficos** pode ser facilitado com o uso de pictogramas para representar as quantidades, isto é, utilizar figuras em lugar do registro do nome da comida feita com batata. As barras são substituídas pelo símbolo do alimento (figuras das batatas fritas, do purê de batata, do pão de batata). Em geral se utiliza nos pictogramas um símbolo sugestivo em relação ao tema em estudo. O símbolo ou símbolos utilizados devem ser do mesmo tamanho e separados por espaços iguais.

Depois de feita a pesquisa, ajude-as a construir a compreensão do **gráfico como uma representação**. Pode-se propor às crianças que desenhem num cartão quadrado (de 6 cm de lado), previamente confeccionado, o tipo de comida de batata que preferem. Em seguida, afixe no quadro da sala um gráfico reproduzindo o que está no Livro do Aluno. Nele as crianças irão, uma a uma, afixar seu cartão, tendo o cuidado de colocar em linha vertical um acima do outro, respeitando, na colocação, o tipo de comida preferida.

Depois de explorar dados como: (a) número de crianças que responderam à pergunta e conferir com o número de cartões colados no papel, (b) quantidade de crianças que prefere cada tipo de comida etc., convidar a que representem em uma malha quadriculada o gráfico do papel bem grande, pintando cada coluna de uma cor e nomeando embaixo o título do gráfico. Após essa atividade, remetê-las ao Livro do Aluno, onde deverão reproduzir esse gráfico no espaço apropriado correspondente. Você pode reparar que na página correspondente já foram escritos os nomes de quatro alimentos. Complete com os outros alimentos que surgirem na pesquisa feita.

Depois de pronto, promova atividades de **leitura de gráfico**, perguntando: qual é a comida de batata mais citada? Qual é a comida menos citada? Há comidas com a mesma quantidade de citações? Qual é a comida que vem em segundo lugar na preferência das crianças? E em terceiro, quarto, quinto lugar?

Nesse momento, converse com elas a respeito da quantidade que conseguem comer de seu alimento preferido. O sentido dessa pergunta é entender que a quantidade de alimento que conseguimos ingerir é limitada, é finita.

Da mesma forma, **o meio ambiente tem recursos limitados**. Por exemplo, corremos o risco de faltar água doce em certas partes do mundo porque está acabando! É nesse contexto que se apoia o conceito de que os **recursos financeiros também exigem cuidados em sua gestão para que não faltem no amanhã. É... dinheiro acaba!** É importante que as crianças compreendam que o dinheiro acaba.

Se julgar apropriado e adequado à faixa etária da sua turma, proponha que as crianças se perguntem o seguinte: “O que posso combinar comigo mesmo agora – que não estou com fome, nem vendo batatas na minha frente ou propagandas com batatas e, portanto, fica mais fácil me controlar – para que, na hora em que estiver diante delas, não coma além do que preciso?”

Pode ser que essa conversa toda sobre desejo e controle de impulso de comer desperte a vontade de comer, mas essa vontade tem que ser adiada até, pelo menos, a próxima refeição. Também, é uma boa oportunidade para explorar com as crianças a questão de que a publicidade produz desejos de consumo, despertando vontades na gente de comprar algo no momento em que vemos as propagandas. Mas, nem sempre podemos comprar na hora. E está aí um princípio do planejamento financeiro: saber **controlar o impulso de consumo imediato** e adiar a aquisição do bem desejado.

PÁGINA 17

Explore com as crianças o significado literal da expressão “batata quente” e o significado que possui na linguagem popular – estar com uma batata quente nas mãos significa ter um problema difícil para resolver.

Faça uma “leitura participada” das **regras** de como se brinca de Batata Quente. A “leitura participada” supõe envolver as crianças de variadas maneiras: perguntar quem sabe ler a próxima frase; desafiar as crianças a apontar onde está a palavra “fora” na frase “uma criança fica de fora, de costas para a roda”; perguntar quem conhece as regras dessa brincadeira e pedir que encontrem no texto a frase que corresponde à regra que conhece (por exemplo, a criança sabe que vence quem sobrar por último na roda, e você pergunta se alguma daquelas palavras ditas por



Qual é a
comida
com batata
preferida?





Brincadeira
tem regras,
como na
vida.

ela – “vence”, “sobra” ou “roda” – se encontra por escrito na explicação das regras).

Esse tipo de proposta de navegação textual com o objetivo de buscar determinados elementos desenvolve a **competência de rastrear textos**. Esta competência é muito útil no universo financeiro, onde se encontram textos muitas vezes com linguagem de difícil compreensão e, nessa hora, o que facilita a compreensão é saber localizar os principais dados e costurá-los para compor significados que permitam compreendê-los, nem que seja minimamente.

Converse sobre a outra brincadeira mencionada: Batatinha frita um, dois, três e depois as leve ao pátio para brincar. De volta à sala, peça que **registrem quais são as regras e como se brinca**. Oriente esse registro sendo você o escriba e utilize a mesma estrutura da brincadeira Batata Quente.

O convívio com regras é essencial para a construção da cidadania. Uma sociedade organizada é uma sociedade regrada e o bom cidadão é o que se submete às regras de convívio social porque compreende que todos se beneficiam disso. Possibilitar às nossas crianças esta compreensão pode contribuir para a redução do desperdício e da corrupção, e assim favorecer ao bem comum.

PÁGINAS 18 e 19

Leia com as crianças a situação-problema proposta. Verifique se compreenderam as perguntas do problema. Essa atividade propicia que outros significados da subtração sejam trabalhados, além dos usuais. A intenção é fornecer uma disposição visual como apoio para resolução do problema, como, por exemplo, por meio de **correspondência um a um**.

Se julgar necessário, reproduza com tampinhas (ou qualquer outro material de contagem) a disposição das batatas de acordo com a ilustração no Livro do Aluno.

Explore a **espacialização** das batatas desenhadas: peça que contem **quantas colunas e quantas linhas** há em cada grupo de batatas. Pergunte se elas reconhecem, nessa disposição das batatas, disposições semelhantes em outros contextos da vivência delas, como, por exemplo, a arrumação das carteiras em certas salas de aula, plantações de hortaliças, cadeiras no cinema ou no teatro, certos estacionamentos etc.

Aqui se destaca a organização espacial por meio de linhas e colunas, que serve





de base para a leitura e a organização de dados em matrizes ou tabelas, que são textos muito comuns no universo financeiro.

A intenção da última pergunta da página (“Quantas batatas a turma que trouxe menos precisaria ter trazido para que as duas turmas fiquem com a mesma quantidade de batatas?”) é proporcionar às crianças a oportunidade de exercitar a variedade de ações contidas nas operações aritméticas de adição e subtração: comparar quantidades acrescentando ou retirando, verificar quantos a mais e quantos a menos há em dois conjuntos de objetos. **É muito importante que as crianças “vivenciem” as operações de modo “concreto”.**

Depois de explorar a situação com as crianças, proponha alguns desdobramentos, como pedir que imaginem o que aconteceria se juntassem todas as batatas levadas pelas duas turmas e as distribuíssem pelas crianças da sua sala de aula. Pergunte quantas batatas cada uma receberia, quantas sobriariam etc.

Veja a seguir mais duas sugestões de situações-problema.

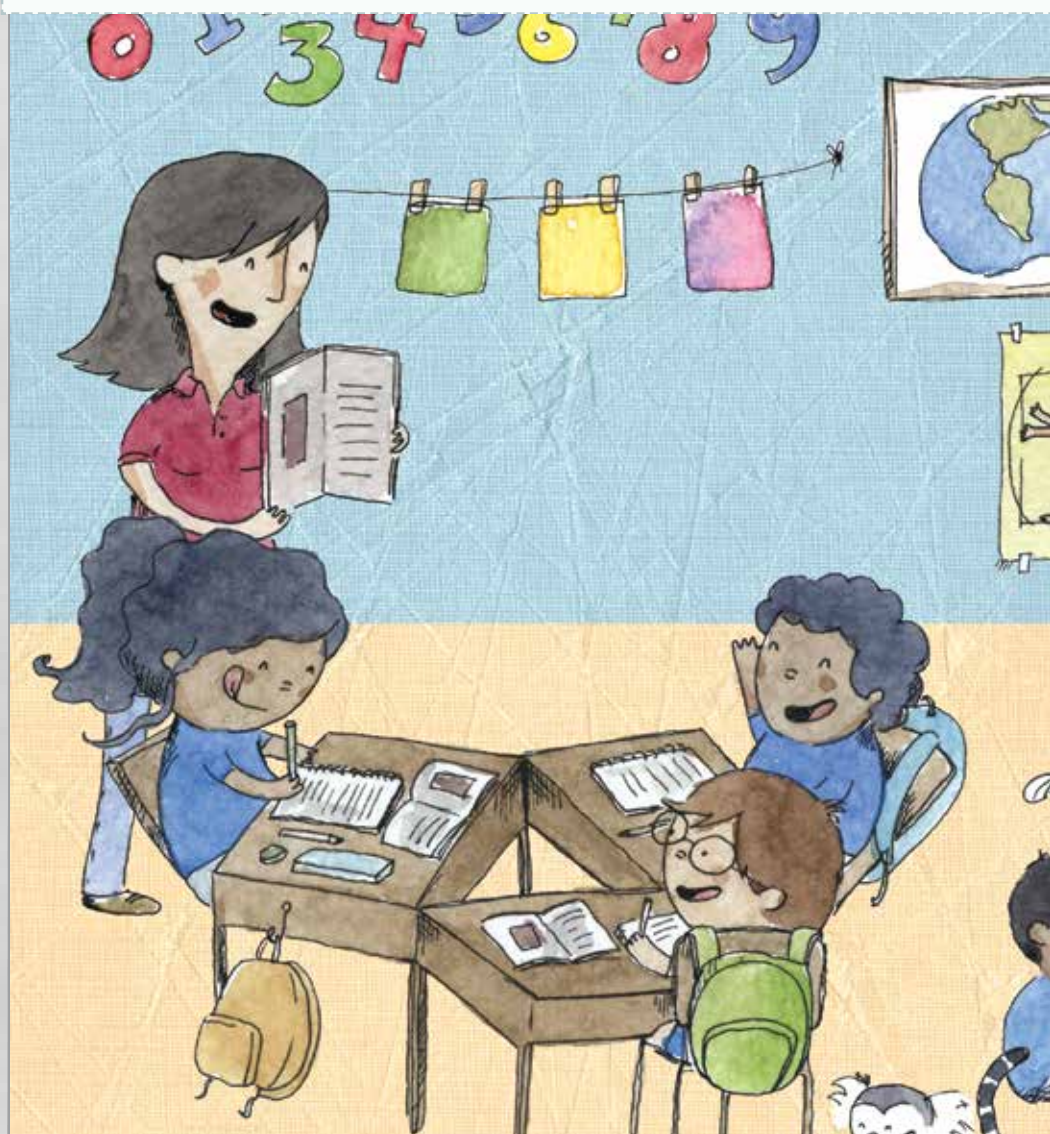
- 1 - Luis foi ao mercado com sua mãe. Ela lhe pediu que colocasse 8 batatas na sacola. Luis já colocou 3 batatas [professor(a), desenhe no quadro ou no bloco as 3 batatas]. Vamos ajudar desenhando as batatas que faltam?
- 2 - As crianças combinaram levar batatas para a escola para juntas prepararem uma receita. Na turma de Manu, ela e outras 5 crianças vão levar 2 batatas cada uma. Desenhe a quantidade de batatas que Manu e suas colegas levarão juntas.

Fechamento do Projeto

Ao término do projeto, **retome** com a turma as atividades realizadas nas páginas 8 e 9 no Livro do Aluno e converse com as crianças sobre o que mais gostaram e o que sabem agora que não sabiam no início da proposta. **É importante que cada criança tenha a oportunidade de pensar se e como está aprendendo.**

Retome com as crianças a questão central e o objetivo específico do projeto, explicitados no quadro de metadados (página 28) e **analise o resultado da vivência**. A avaliação do próprio trabalho fornece à criança crescente autonomia e controle de sua aprendizagem, sendo uma experiência bastante positiva e motivadora.

Como resolver uma situação-problema?



Projeto 2

Educação Financeira nas Escolas



livro do professor

Título	Sua sala sem sujeira!
Questão central do projeto	Como nos organizamos no plano individual e social?
Foco do projeto	Importância da organização.
Conteúdos de Educação Financeira	Ciclo produtivo do papel Desperdício Diferenciação entre necessidade e acúmulo Estimativa Coleta seletiva de lixo
Competências	<p>Debater direitos e deveres (C01) – espaço da sala é responsabilidade de todos</p> <p>Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis (C02) – evitar o desperdício de papel e buscar soluções de reaproveitamento</p> <p>Atuar como multiplicador (C07) – todos buscam o fim do desperdício; envolvimento de outros</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente (C09) – cuidar coletivamente da sala de aula e evitar desperdícios</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente (C10) – preservar os objetos da sala de aula para uso de outros colegas no futuro</p>
Objetivo específico	Organizar a sala de aula



Descrição

Professor, esse projeto tem como foco ressaltar a **importância da organização** para obtenção de resultados.

Trabalhando concretamente, a turma organizará sua sala de aula. Esse projeto começará com uma atividade de observação dos itens existentes nesse espaço e a criação de um inventário. A ideia é levar a turma a fazer uma **distinção entre necessidade e acúmulo**. O plano de ação será relativo a percepção do que é necessário e do que é supérfluo.

A arrumação da sala envolverá a participação de todas as crianças por meio de uma divisão de tarefas e de uma organização do tempo (escalonamento semanal). **Atingir o objetivo específico de organizar** a sala de aula vai exigir o envolvimento pessoal e coletivo e, ao fazê-lo, possibilitará a construção das bases da organização pessoal, sem a qual é difícil desenvolver a organização financeira necessária para planejar e realizar sonhos.

Neste projeto você encontrará uma grande variedade de atividades que podem complementar o seu trabalho nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Também trabalhará com diversas informações e conhecimentos de algumas disciplinas, como Geografia (noções espaciais – perto, longe, em frente, atrás, direita, esquerda; construção de plantas baixas, visão de diferentes pontos – exemplo: vista aérea); História (invenção do papel e sua popularização, noções temporais – antes e depois e linha do tempo); Artes (dobradura) e Ciências (evitando o desperdício através do reaproveitamento do papel, coleta seletiva de lixo, reciclagem).

Qual a
ligação
entre
organização
e Educação
Financeira?

Observando a sala de aula e organizando um inventário.

A organização do espaço e sua manutenção criam comportamentos conscientes indispensáveis a uma vida saudável, formando **cidadãos que compreendem seus limites e suas responsabilidades** perante a sociedade.

O projeto terminará com uma **comparação** entre a sala de aula antes e após a intervenção, tornando claro e concreto que ocorreu uma modificação no espaço, que foi fruto do envolvimento de todos.

Página 22

Peça às crianças para observarem a sala de aula atentamente, para poderem saber exatamente tudo o que há, todos os objetos que a compõem e como estão arrumados. A observação deverá ser bastante minuciosa, para que todos os **objetos existentes no espaço sejam percebidos e nomeados**.

Após esse **levantamento oral**, leve-as a pensar sobre a escrita dos nomes com o objetivo de **organizar um inventário**.

Organize

1º momento: organize junto com a turma uma **lista** do que há na sala de aula, por meio da escrita espontânea (siga as orientações abaixo).

2º momento: conscientize as crianças de que a listagem feita por elas funcionará como um **inventário**, ou seja, tudo o que há na sala de aula pertence ao colégio e a elas, por isso **devem cuidar e preservar** para as turmas que um dia usarão o espaço, o mobiliário, objetos e materiais. A lista produzida pela turma poderá, posteriormente, ser arrumada em ordem alfabética.

3º momento: trabalhe com a **contagem** dos objetos listados.

Possibilite a escrita espontânea das crianças, incentivando-as a pensar como se escrevem os nomes dos objetos observados e a buscar os recursos que possuem. Nesse esforço de escrita, auxilie-as a destacar o som da primeira letra ou primeira sílaba, relacionando esse som a palavras que lhes são conhecidas, a exemplo dos nomes dos colegas. Assim, se a turma está tentando escrever “lápiz”, você pode perguntar se há alguém na sala cujo nome comece do mesmo jeito: com “L” (ex.: Luís) ou com “La” (ex.: Larissa). Isso propicia **traçar relações fonográficas** entre as palavras que contêm sílabas em comum – o que é uma **descoberta importante e muito interessante**.



Crianças em distintos estágios de construção da linguagem escrita tenderão a fazer diferentes registros. Ex.: ao escrever “estojo” e “relógio”, pode sair “EOJO”. Essa é uma oportunidade riquíssima para as crianças pensarem em como diferenciar na escrita as duas palavras que conseguem distinguir tão bem auditivamente.

Finalmente, há o recurso de o adulto ler o que a turma decidiu como grafia correta de uma palavra. Se, depois de pensar e debater como se escreve “livro” a turma conseguiu chegar a escrever “LIVO”, o professor pode, sem desvalorizar essa construção, ler como de fato se pronuncia a palavra escrita. As crianças, como falantes nativas, vão estranhar a palavra e, por sua vez, poderão se sentir instigadas a descobrir como fazer o professor ler a palavra que querem escrever. Nesse momento, é muito proveitoso incorporar os exemplos que surgirem à palavra, lendo-a após cada modificação. Exemplos: se a turma disser que é para tirar o “v”, você lerá “lio”; se pedirem para colocar o “r” no final, você lerá “livo”. É provável que essas tentativas gerem gargalhadas e criem um momento muito divertido em sala de aula, com a descoberta de que as letras que utilizamos, na ordem em que as utilizamos, produzem determinado resultado. Aproveite a animação da turma para explorar os resultados de suas tentativas. Se, por fim, a turma não conseguir chegar à grafia correta da palavra desejada, mostre-a.

Se a lista de palavras for muito longa, você pode mesclar estratégias: ora você escreve a palavra (pronunciando-a lentamente, conforme a escreve, para evidenciar a **relação entre fonemas e grafemas**), ora você pede para que a turma a soletre, nessa tentativa dinâmica acima descrita.

Para trabalhar **contagem**, você pode pedir que cada criança conte, por si só, os elementos da lista única da turma. É bem possível que essa ação resulte em números diferentes, próximos à real quantidade de itens. Isso acontece porque, nessa idade, nem sempre as crianças conseguem corresponder um número para cada elemento na contagem, principalmente quando não estão manipulando concretamente os objetos (e sim lendo a uma certa distância uma lista de palavras no quadro).

Nesse caso, levante os números que a turma encontrou, escrevendo-os no quadro, sem atentar para quem disse qual número. Faça uma nova contagem, desta vez coletiva, bem devagar, parando em cada palavra da lista para contar. Verifique junto com a turma se o resultado ao qual vocês chegaram juntos já havia sido encontrado anteriormente (isso também ajudará a leitura dos números anotados no quadro).



**Contar,
contar
sempre!**

Observe o que cada criança entende por “ler” um gráfico.



Explore também a contagem de 2 em 2. Quanto mais **concreta** for essa experimentação, mais sentido fará para elas, logo o manuseio dos objetos é importante. Para isso, agrupe objetos de uma mesma categoria (por exemplo: livros) em pares. Se julgar adequado para a sua turma, explore o **conceito de par** (pode utilizar a analogia de ter um par com quem dançar). Conte os elementos junto com a turma, utilizando a entonação para pausar a contagem a cada par (1, 2..., 3, 4..., 5, 6...). Em seguida, proponha que a turma refaça a contagem, sem falar alto todos os números. Assim, os números ímpares seriam mudos e os pares seriam falados em voz alta. Durante essa contagem, continue sinalizando todos os elementos (por exemplo, tocando em cada livro que for contado), inclusive na contagem muda, para que as crianças percebam que os elementos permanecem os mesmos e que continua havendo a necessidade de um número para cada elemento, mesmo que ele não seja enunciado. Por fim, faça uma terceira contagem, mais rápida, de 2 em 2, sem a pausa para o elemento de número ímpar.

Para trabalhar “organização numérica” **elabore**, junto com a turma, um **gráfico de barras** que expresse a contagem final de todos os objetos encontrados na sala de aula. Para melhor organizar o gráfico, utilize papel quadriculado. Uma boa forma de fazer isso é de modo pictórico ou, se for adequado à sua turma, pintando 1 quadrado da barra para cada elemento daquela categoria. Logo, se há 15 tesouras, as crianças terão de pintar quinze quadrados na barra (ou coluna) das tesouras.

Depois de pronto, promova atividades de leitura de gráfico, perguntando: que objeto a sala possui em maior número; que objeto tem em menor número; existem objetos que estão presentes na mesma quantidade...?

A exploração de diferentes formas de contagem e de **organização de dados numéricos subsidia a organização de questões financeiras**, como o registro de despesas e receitas.

PÁGINA 23

Selecione e Planeje

A partir da listagem e da contagem dos objetos produzidas pela turma, convoque as crianças a decidirem o que é ou não necessário. Por exemplo: carteiras que não são utilizadas, tubos de cola a mais do que o necessário etc. Aqui você pode exercitar a **correspondência** um a um: uma criança precisa de um vidro de cola ou duas crianças de um vidro de cola; cada uma de uma te-

soura; uma criança de uma cadeira; use vários tipos de objetos para estabelecer correspondências. O importante aqui é ter claro que podemos estabelecer uma regra de associação, como, por exemplo, associar 1 para 1, 1 para 2 etc.

Elabore um plano de ação com sua turma. Em primeiro lugar, é preciso discutir com a turma o que é necessário e o que é supérfluo. **Registre**, após a decisão tomada, os nomes dos objetos selecionados como não necessários. Conte-os.

Em seguida, é preciso haver uma tomada de **decisão coletiva** quanto ao destino dos materiais desnecessários. O que não for necessário deverá ter um destino. Qual? Vai ser doado para outra sala de aula? Para tomar essa decisão, você pode propor uma **votação**, anotando à vista de todas as crianças os votos a favor e contra, contabilizando-os e constatando que a soma deve ser igual ao número de votantes.

Traçados os destinos dos materiais, é preciso **relacionar as ações necessárias**: que profissional da escola procurar, o que comunicar ou pedir a ele, que outras turmas envolver, de que forma etc.

A próxima etapa é pedir que cada criança pense e registre (pode ser por meio de desenhos) o que a **sala de aula necessita** para “ajudar a gente a aprender mais”.

Exemplo: uma gibiteca, uma caixa de contagem, uma estante de jogos, um cantinho especial etc.

Essa atividade promove a **observação e a percepção dos espaços circundantes** e como podemos planejar a sua ocupação, para obter melhores resultados.

Após a **decisão individual**, é preciso haver uma tomada de **decisão coletiva** quanto aos objetos ou materiais que serão requisitados. Para tomar essa decisão você pode propor uma votação, anotando à vista de todas as crianças os votos, novamente contabilizando-os e constatando que a soma deve ser igual ao número de votantes.

Registre, após a decisão tomada, os objetos e/ou materiais que a turma deseja requisitar e encaminhe o pedido.



Elaborando um
plano de
ação.



Reciclando
papel.
Poupando
árvores!



PÁGINA 24

Pergunte às crianças se elas sabem de onde vem o papel. Conte que o papel é feito com as fibras que são extraídas da madeira das árvores. **Evitar o desperdício de papel é salvar árvores!**

Para enfatizar a importância do reaproveitamento do PAPEL, seria interessante contar com a ajuda semanal de um **grupo para evitar o desperdício**. Ao final da aula, as crianças do grupo que cuida do desperdício deverão convocar seus colegas para observarem seus lugares, se estão limpos ou não. Todo papel recolhido na lixeira da sala deverá ser entregue para esse grupo, ou seja, todas as folhas de papel desperdiçadas deverão ser recolhidas. Após uma semana, devem mostrar para a turma a quantidade de papel que recolheram e pensarem um destino útil para o que havia sido desperdiçado. Incentive as crianças a buscar informações sobre o que poderá ser feito com o papel que recolheram nesse período.

Um conhecimento importante da Educação Financeira é **prever as etapas e o esforço necessário** para se alcançar um objetivo. Para que o grupo que cuida do desperdício funcione será preciso um **investimento pessoal e coletivo**. Explique que vale a pena lutar para melhorar nossa vida, nossa escola, nossa casa, nosso país, e que mesmo quando não alcançamos o objetivo estamos aprendendo pessoalmente com o processo, nos organizando em grupo, abrindo canais de diálogo, etc.

Atividades que pretendem analisar certo tipo de consumo e adequá-lo às reais necessidades do grupo de modo a evitar desperdícios auxiliam a **formação de um comportamento consciente** tanto no âmbito financeiro quanto no socioambiental.

Peça que a turma solete para você a palavra PAPEL e escreva-a no quadro, conforme a orientação da turma. É provável que as crianças fiquem na dúvida quanto à última letra (U ou L). Escreva das duas formas e peça para que a turma leia cada uma. Mostre que a leitura é feita da mesma forma, seja com terminação em U ou em L. Explique que, para saber se a grafia é com U ou com L, um recurso é passar a palavra para o plural e observar o que acontece: se a terminação da palavra no plural ficar em “IS”, significa que, no singular, a terminação é em L. Se, no plural, ficar com “US”, então, no singular, a palavra se escreve com U no final. Exemplo: sinal - sinais; degrau - degraus. Depois, apague quaisquer outras formas que você tenha escrito no quadro e deixe PAPEL.

Pergunte que palavras conhecem que terminam com o som EL. Desenhe duas colunas no quadro. Conforme elas forem dizendo as palavras, aloque

as que terminam com EL em uma coluna e as que terminam com ÉU na outra coluna. Pergunte à turma quem consegue descobrir por que você separou as palavras dessa forma. Aproveite para apontar que os nomes de pessoas terminam com L (Rafael, Manuel, Daniel, etc.).

Chame a atenção das crianças para a **receita** de papel reciclado. O **texto instrucional** é redigido com frases curtas e enfatiza a importância de seguir os passos da receita na ordem correta.

Faça uma leitura coletiva da receita de papel reciclado. Realce a importância dos **verbos de comando**, que determinam – na sequência em que aparecem no texto – **as ações a serem praticadas** para que esse interlocutor realize corretamente a tarefa. Peça às crianças para marcarem ou sublinharem toda vez que aparecer a palavra PAPEL na receita.

Nesse momento, é interessante **fazer o papel reciclado** de acordo com a receita. Todo o papel que foi recolhido pelo grupo do desperdício, pode agora ser reutilizado. Siga os passos da receita na ordem correta.

Ao trabalhar com as crianças a leitura da receita de papel reciclado você pode perguntar a elas como poderíamos colocar 10 litros de água em um balde. Pergunte se conhecem alguma bebida que seja vendida em garrafas de 1 litro. Peça que tragam de casa. Caso não conheçam, você pode trazer uma embalagem vazia de leite longa vida ou outro recipiente que tenha essa medida. Pergunte a elas como poderíamos conseguir encher o balde com 10 litros se a embalagem tem apenas 1 litro. **Espere que apresentem soluções**. Proponha, finalmente, que façam um desenho mostrando o que fizeram.

Ao proceder dessa forma você está viabilizando o conceito de multiplicação como uma adição de parcelas iguais. Entretanto, não se preocupe em formalizar isso mencionando que se trata de uma multiplicação e, muito menos, ainda, apresente procedimentos já instituídos. A matemática escolar nos anos iniciais da Educação Básica deve **ênfatizar as compreensões** e não os procedimentos. A apresentação muito precoce de técnicas tem sido um dos fatos que mais tem contribuído para que a matemática seja considerada por muitos como incompreensível e enfadonha.

Avance para um trabalho de tempo com horas, se julgar adequado para a sua turma. Na verdade, o foco é explorar o conhecimento social do relógio, para efeitos de ajudar as crianças a se situarem nos tempos de aula ao longo do dia. A dimensão temporal, juntamente com a espacial, são referenciais importantes de organização do sujeito no mundo.



Sempre espere as crianças apresentarem as soluções.



Há um tempo para cada coisa e o relógio bate sempre, sem parar!



Nesse sentido, você pode trabalhar o significado de 24 horas. Para isso, pergunte inicialmente se conhecem o relógio analógico e converse sobre os números de 1 a 12 que nele aparecem. Explore a **duração de atividades cotidianas**: o tempo que ficam na escola, o tempo que passam dormindo etc. Mostre os ponteiros do relógio para que possam diferenciar o papel de cada ponteiro. Pergunte a elas como fariam para medir 24 horas se o relógio mostra apenas 12 horas. Espere que falem sobre isso. Conclua perguntando se compreenderam quanto tempo devem deixar o papel de molho para ser reciclado.

Outra dimensão interessante do conhecimento matemático seria um trabalho de dobradura: faça com as crianças um chapéu de soldado para cada uma, usando jornal, ou o papel reciclado que a turma produzir. A cada passo da construção do chapéu, proponha que as crianças pintem as dobras feitas e observem a representação da reta que ficou marcada no papel. Peça que toquem com os dedos nas pontas (bicos) que se apresentam, para irem construindo a compreensão de vértices. Observe que nesse momento não há a preocupação em se nomear os elementos geométricos, mas sim em convidar as crianças a descrever o que percebem.

PÁGINA 25

No quadro “Um pouco de História”, **conte** a história da invenção do papel para a sua turma.

Se achar interessante, trabalhe a noção de adjetivos pátrios. Em sala de aula, procure **contextualizar a identidade** de cada criança a partir dos pátrios relativos a continente, país, estado. Se possível, utilize um mapa para mostrar espacialmente que “todos os que nascem neste continente são sul-americanos”, “todos os que nascem aqui no Brasil são brasileiros”, “todos os que nascem na Bahia são baianos”. Cada criança pode então se apresentar à turma dessa forma. Explore outros adjetivos referentes ao estado onde se nasce, verificando quais a turma já conhece e ampliando esse repertório. Mostre que, na maioria dos casos, o adjetivo é parecido com o nome do estado (ex.: quem nasce no Paraná é paranaense) e (ex.: quem nasce no Espírito Santo é espírito-santense). Explique também que, além do lugar onde nascemos, podemos nos qualificar a partir da religião e de outros aspectos culturais e étnicos, como é o caso do adjetivo “árabe” no texto.

Demonstre, por fim, que as ações de criação e de utilização do papel caminham não apenas segundo **referências temporais** (com uma expressão e um verbo que evidenciam essa progressão no espaço: “À MEDIDA

QUE”, “APROXIMAVAM”), mas também segundo **referências espaciais** – “NA CHINA”, “OCIDENTE”.

Se achar oportuno, **crie uma linha do tempo** para auxiliá-las na compreensão dessa passagem dos séculos e de quais os povos que, a cada momento da história, se envolvem nessa invenção e nessa popularização. Realce que os personagens envolvidos na história do papel, à exceção do alemão Gutenberg, não aparecem especificados.

No desenho Coleta de lixo apresente as cores das lixeiras para que as crianças compreendam como se pode separar o lixo corretamente e de forma consciente. Lembre-as sobre a **coleta seletiva de lixo** – em que os materiais que podem ser reciclados são separados do lixo orgânico. Esses **materiais recicláveis podem ser agrupados**, e para isso existem as lixeiras com cores diferentes.

Padrão de cores para coleta seletiva: azul (papel/papelão); vermelho (plástico); verde (vidro) e amarelo (metal).

Procure ter na sala lixeiras diferentes para papel e plástico.



Este é o símbolo internacional da reciclagem. Ele passa a ideia de um ciclo, onde tudo é reutilizado, onde não há desperdício.

Atividades que pretendem evitar desperdícios auxiliam a **formação de um comportamento consciente**, tanto no âmbito financeiro quanto no socioambiental.

PÁGINAS 26 e 27

Observe e analise com as crianças as duas plantas de uma mesma sala de aula, porém com o mobiliário arrumado de maneiras diferentes. **Incentive-as a descrever** o que estão vendo utilizando termos como “ao lado”, “em volta”, “na frente”, etc.

De maneira informal, pense em representações em escala. Use um objeto como padrão de medida porque nessa faixa etária não é aconselhável, ainda, o uso de medidas padrão como metro, centímetro etc. Proponha, então, que as crianças escolham uma unidade de medida não convencional: a mão de uma das crianças do grupo ou do professor, ou um objeto, como borracha, sapato ou caixa. O uso da dimensão linear desse objeto (lado da borracha, comprimento da mão, ou do sapato) permite estabelecer uma comparação com o tamanho que se quer medir. Ao experimentar vários objetos, terão a oportunidade de verificar qual deles é o mais adequado para medir, por exemplo,

Separando
o lixo
de maneira
consciente.



Fazendo estimativas.



o tamanho do quadro. Ao perguntar: “quantas vezes o comprimento da borracha cabe no lado maior da mesa da professora?”, por exemplo, estaremos iniciando procedimentos de medida, ou seja, de **comparação do tamanho** escolhido como unidade com o tamanho que se quer conhecer. Essa atividade permite às crianças irem construindo compreensões sobre a atividade de comparação, que é inerente ao ato de medir, ao mesmo tempo em que podem começar a diferenciar a contagem de objetos através dos números naturais (1,2,3,4,..) da quantificação de uma grandeza contínua. Ou seja, contar quantos objetos existem em uma determinada coleção é diferente de saber quanto mede um determinado comprimento, superfície, volume, etc.

Essa atividade trabalha estimativas e dimensionamento do espaço que objetos ocupam em determinada área. **Dimensionar e realizar estimativas** com objetos concretos fornece a base para, mais tarde, dimensionar e fazer estimativas com conceitos mais abstratos ou complexos como tempo, esforço, necessidades futuras, imprevistos, relação custo-benefício, dentre outros temas relevantes para um planejamento financeiro.

A partir das correspondências estabelecidas pela legenda entre os objetos da sala de aula e as cores com que devem ser pintados, trabalhe com a turma as **correspondências, comuns em textos descritivos**, entre objetos e seus respectivos sons, cheiros, sabores, impressões táteis e cores.

Promova, a esse respeito, uma atividade lúdica em sala a partir de um verso do poema “Vogais”, de Rimbaud, um escritor francês do século XIX que escreveu verdadeiras obras-primas entre as idades de 15 e 18 anos. O verso é o seguinte:

“A negro,

E branco,

I vermelho,

U verde,

O azul ...”

Nesse poema, Rimbaud inverte a ordem tradicional das vogais: em vez de A-E-I-O-U, escreve A-E-I-U-O. Aproveite essa ocasião para explicar que a ordem que adotamos – A-E-I-O-U – acompanha o movimento da abertura ao fechamento da cavidade bucal sem que se interponha obstáculo algum à passagem do ar. Se possível, leve-as diante de um espelho para falarem as vogais nessa ordem, observando que, do A ao U, a boca vai fechando cada vez mais.

Em seguida, converse com a turma sobre os diversos significados associados às cores. Por que as placas de alerta – mesmo as lanternas de freio de um automóvel – são em vermelho? Uma sala toda branca provoca uma sensação de ampliação ou de redução do ambiente? Uma sala com todas as paredes pintadas de preto causa que sensação? Estimule as crianças a avaliar as cores sugeridas por Rimbaud e indague se concordam, ou não, com a associação sugerida. Peça-lhes que estabeleçam associações de cheiros e de sabores às vogais, justificando suas escolhas. Se julgar interessante, amplie essa abordagem para outros objetos de diferentes ambientes, de acordo com os interesses do grupo.

Pergunte-lhes, ainda, se seriam aceitáveis, em função do objetivo e da natureza do texto, algumas mudanças: uma galinha que ponha ovos azuis, um sol pintado de preto. Em um texto científico, por exemplo, seriam aceitáveis tais associações? Por quê? Das cores sugeridas pela legenda no Livro do Aluno, quais as correspondências entre cor e objeto menos frequentes em uma sala de aula? É comum encontrar quadros de cor rosa ou lixeiras roxas?

Texto Complementar

Na Literatura, o movimento que mais investiu nessa reflexão sobre a multiplicidade das percepções sensoriais foi o Simbolismo, estética do final do século XIX, que quis ultrapassar a mera aparência das coisas e dos fatos para discuti-los em seus sentidos menos evidentes e mais profundos. Para isso, seus autores valiam-se dos símbolos como elementos capazes de representar essa totalidade de significados e de percepções que a análise racional não seria capaz de perceber.

O **simbolismo das cores** é um dos elementos fortemente explorados pela publicidade. A leitura crítica de peças publicitárias é parte importante do programa de Educação Financeira, porque pessoas que sabem ler as camadas mais profundas de significados da propaganda têm condições de resistir ao impulso de consumo por ela gerado.

PÁGINAS 28 e 29

Promova uma leitura coletiva do texto descritivo “Minha sala de aula”. Você pode explorar diferentes entonações de leitura (tom de tele jornal, tom de anúncio, tom de diário) e perguntar qual combina melhor com este texto do diário de uma professora. Após a leitura, peça que as crianças encontrem no texto algumas palavras que lhes forem familiares (como “mesa”, “sala”).

Cores podem ser usadas como símbolos e o simbolismo das cores pode ser usado para aumentar o desejo do consumo...

então vamos estudar isso!



Planta baixa da sala de aula é a sua visão de cima. Ver as coisas a partir de outra perspectiva é essencial para o pensamento.



Em seguida, converse com a turma sobre esse gênero textual. Observe seus elementos comuns. Destaque o **uso de verbos no tempo presente**, comunicando ao leitor as características físicas do lugar. Saliente também a ausência de progressão temporal, uma vez que não há ações ocorrendo em sequência. Como se trata de um texto descritivo, há ainda uma presença predominante de **períodos curtos com ênfase em adjetivos**. Esses adjetivos definem sobretudo formas, tamanhos e cores. Identifique com a turma tais adjetivos e expressões correspondentes a formas (“REDONDAS”, “RETANGULAR”), a tamanhos (“GRANDE”, “BAIXAS”, “PEQUENAS”, “ALTA”, “COMPRIDO”, “ENORME”) e a cores (“COLORIDA”, “VERDE”, “BRANCAS”, “AZUL”, “DE MUITAS CORES”).

Explique que se trata de uma descrição basicamente objetiva e impessoal, embora a referência a tamanhos, por exemplo, possa ser relativa a quem descreve o ambiente. Assim, uma cadeira de sala para alunos de 1º ano pode ser grande para as crianças que nela estudam, mas pequena para sua professora. O conceito de uma cortina “BONITA” ou de “LINDOS DESENHOS”, contudo, é bastante subjetivo e esses adjetivos marcam uma interferência do observador, comunicando uma opinião. Essa subjetividade está adequada ao gênero textual em que essa descrição aparece: um diário de lembranças de uma professora – portanto, um texto que possibilita também essa expressão afetiva. Comente que há, portanto, descrições objetivas e descrições subjetivas.

Proponha que as crianças **desenhem a planta baixa da sala de aula**, na posição que está arrumada. Explique que para fazer esse desenho é preciso ser como um passarinho que está voando perto do teto e está vendo de cima; é uma visão aérea. As crianças podem ter entendimentos distintos dessa indicação, mas já fica como uma oportunidade de representação bidimensional do espaço.

Ao desenvolver essa atividade, converse com as crianças sobre as diferentes formas que podem identificar: retângulo, quadrado, círculo, sem se preocupar com a definição precisa da figura geométrica. Proponha às crianças que elas expliquem a diferença entre o quadrado e o retângulo, por exemplo. Estimule que elas verbalizem a percepção delas em relação às diferentes figuras. É muito importante que as crianças se expressem livremente.

Depois de fazerem o desenho da sala de aula, você deve convidá-las a **escolher uma legenda** que identifique a planta desenhada e propor algumas atividades de localização: esquerda da mesa da professora, direita da carteira onde a criança se senta. Podem-se explorar com as crianças, na **disposição espacial** dos diferentes objetos da sala de aula, diferentes caminhos que podem ser feitos (da mesa do professor, para a porta, da carteira para a lixeira, etc.) Pedir que representem esses caminhos. Num

segundo momento, podem traçar caminhos de acordo com comandos dados. Por exemplo: partir da mesa da professora, andar dois passos para a frente e 3 passos para a direita. Identificar aonde se chega. Para essa atividade, pode-se representar a planta em papel quadriculado e definir cada passo como um quadradinho.

Caso seja adequado, de acordo com o seu planejamento você pode, ainda, convidar as crianças a desenharem a partir de diversos e variados pontos de vista, para irem compreendendo que as coisas são sempre percebidas de nosso ângulo de visão e podem ter sua imagem modificada de acordo com o lugar em que nos colocamos.

Promova a produção de um **texto descritivo da sala de aula**, coletivamente, sendo você o escriba. Tenha como base a planta baixa da sua sala de aula. Peça que as crianças proponham para cada elemento da planta uma característica real (um adjetivo).

Exemplo: PORTA – verde, pesada, grossa, barulhenta etc.

Discuta o que é **espaço coletivo** na sala de aula e o que é **espaço individual**. Aborde a necessidade de convivência de todos em um espaço comum, preservando a sala de aula e respeitando o espaço de trabalho do outro.

Essa discussão acerca do **uso do espaço público** e de como agir de modo a não transbordar seu próprio espaço é base para a formação de cidadãos que compreendam seus **limites e responsabilidades** (inclusive de ordem financeira) perante a sociedade.

PÁGINA 30

Promova o registro das regras (ou “combinados”) que ficaram estabelecidas nesse processo, quanto ao uso e à preservação do espaço, à relação entre as pessoas, à utilização dos materiais da sala de aula, etc. Ao formular essas frases junto com a turma, atentar para que sejam curtas e claras. O mais adequado seria **enunciar o comportamento esperado** (o que se deve fazer, ao invés de o que não pode fazer), iniciando a frase diretamente com o **verbo da ação** a ser empregada. Exemplos: Separar papéis e plásticos no lixo especial; guardar o material depois de usar.



Direitos e deveres em espaços públicos permitem a convivência agradável entre todos.

Desenhar como era e como ficou a sala de aula com a mudança que ocorreu a partir do empenho, do investimento de cada criança do grupo. Discuta junto com a turma o processo empregado para alcançar o objetivo traçado, analisando as tentativas de sucesso e as frustradas para identificar que elementos deram certo e o que poderia ter sido diferente.

Esse é o momento de consolidação, organização e análise do esforço empreendido pela turma para atingir os objetivos que ela própria delineou a partir de suas necessidades reais. **Planejar se torna um ato consciente e progressivamente eficiente** conforme ele é experimentado e analisado, para que cada novo planejamento conte com experiências amadurecidas que façam frente ao imprevisto e ao desconhecido de cada nova situação.

Esta última atividade ajuda as crianças a irem construindo a **noção de tempo**. O que havia na sala antes de começarmos o projeto de arrumação de nossa sala de aula? O que temos agora?

Você pode propor a construção de uma **linha do tempo** que possa ser construída ao longo das semanas e meses. Para isso, desenhe uma linha em um papel bem grande que possa ser afixado e permaneça disponível. Explique que essa linha vai ajudar a representar alguns acontecimentos. Marque, então, com a ajuda das crianças e depois de consulta ao calendário, o dia em que iniciaram o trabalho com a arrumação da sala de aula. Marque cada um dos dias e vá recordando os momentos significativos em que vocês tiveram atividades relativas ao projeto. Estimule a lembrança dos acontecimentos, perguntando sempre: “O que fizemos antes de ...?” e “O que fizemos depois de ...?”

A linha de tempo poderá ser construída aos poucos. Ao final, convide as crianças a representarem em seu caderno a linha que ficou pronta.

O **calendário** afixado na sala de aula em local bem visível, além de contribuir para a construção da ideia de medida de tempo, contribui, também, para a familiaridade das crianças com o **registro numérico dos dias**.



Análise dos resultados alcançados: etapa muito importante do planejamento.

Fechamento do Projeto

Ao término do projeto, **converse** com a turma sobre o que mais gostaram e o que sabem agora que não sabiam no início da proposta. **É importante que cada criança tenha a oportunidade de pensar se e como está aprendendo.**

Retome com as crianças a questão central e o objetivo específico do projeto, explicitados no quadro de metadados (página 50) e **analise o resultado da vivência**. A avaliação do próprio trabalho fornece à criança crescente autonomia e controle de sua aprendizagem, sendo uma experiência bastante positiva e motivadora.

**Avalie
sempre!**



Projeto 3

Educação Financeira nas Escolas



livro do
professor

Título	Cuidar, para não acabar!
Questão central do projeto	Quem cuida das pessoas, da natureza e da sociedade?
Foco do projeto	Tartaruga
Conteúdos de Educação Financeira	<p>Ciclo</p> <p>Cuidado na manutenção e na preservação dos recursos naturais, dos nossos bens e dos animais</p> <p>Finitude dos recursos</p>
Competências	<p>Debater direitos e deveres (C01) – todos precisam cuidar e serem cuidados</p> <p>Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis (C02) – a preservação depende da ação de todos</p> <p>Atuar como multiplicador (C07) – confecção de faixas mobilizando outros na ação de preservar</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente (C09) – preservação dos animais e da natureza.</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente (C10) – preservação dos animais ameaçados de extinção.</p>
Objetivo específico	Enfatizar a importância de cuidar



Descrição

Professor, este projeto tem como foco apontar a **importância de se ter cuidados**. Cuidar dos nossos próprios bens, dos bens coletivos e da nossa natureza, enfim, do nosso planeta. Cuidar para preservar!

As crianças compreenderão a importância de se **preservar o meio ambiente** e o significado da palavra extinção. Ao longo do projeto perceberão que para salvar um animal da extinção é preciso o **engajamento**, não apenas **pessoal**, mas **coletivo**.

Para vivenciarem a experiência de cuidar, as crianças escolherão um animal próximo de si e levantarão os cuidados necessários para a manutenção de sua vida. Atuarão como **multiplicadoras** da defesa do ciclo da vida, escrevendo faixas para motivar outros sobre a importância da ação de cuidar.

Esse projeto estabelece ligação entre conhecimentos de alguns componentes curriculares, como Geografia (diferentes paisagens, referências espaciais); História (referências temporais e ciclos de desenvolvimento); Ciências (animais que vivem em diferentes habitats; animais em extinção) e Artes (origami/dobraduras de papel), além de trazer inúmeras atividades de Língua Portuguesa e Matemática.

O investimento humano e o comprometimento são estratégias de planejamento para se obter sucesso nas ações; são fatores fundamentais para a preservação das espécies animais e do seu ciclo natural de desenvolvimento.

Por que
cuidar é
importante
em Educação
Financeira?



Um projeto começa com perguntas a respeito do que se pretende estudar.



Promova uma leitura detalhada da imagem da tartaruga, destacando a carapaça e a forma de nadadeira das patas. **Informe que essa é uma tartaruga marinha.** Em seguida, faça um “ditado coletivo” com o nome do animal, ou seja, peça que as crianças ditem para você como se escreve tartaruga. À medida que forem surgindo divergências a respeito das letras que compõem a palavra, registre cada possibilidade e leia em voz alta para que as crianças ouçam como ficou a palavra com as letras que propuseram. Por exemplo, se disserem que as letras são T-A-T-A-U-G-A, leia a palavra exatamente como ficou e pergunte o que se deve fazer: tirar letras (quais?), colocar novas letras (quais e onde?). Prossiga assim até que a palavra fique correta.

Em seguida, faça coletivamente o primeiro registro do que a turma já sabe e o que gostaria de saber sobre a tartaruga. **Organize as informações trazidas pela turma** em duas colunas no quadro, escrevendo as palavras mais importantes de cada ideia. E, nesse caso, ajuda bastante escrevê-las pausadamente e ir falando, ao mesmo tempo, a sílaba que está sendo escrita. O segundo registro será feito pela turma, no Livro do Aluno.

Essa atividade é muito importante para abrir as portas da aprendizagem porque cumpre dois papéis. Por um lado, aciona e explora os conhecimentos prévios das crianças colocando-as em posição de corresponsáveis pela aprendizagem da turma e, por outro, deixa-as curiosas, atentas e motivadas para ver se o que disseram *a priori* está correto e se será abordado no projeto.

Instigue-as a elaborar mais perguntas sobre o que gostariam de saber, como: o que a tartaruga come? Como dorme? Quantos anos vive? Quantos filhotes pode ter? Como nascem os filhotes? Preencha a segunda coluna com essas perguntas e discuta com a turma como será possível buscar as respostas. Liste também as soluções propostas: pessoas da família e da comunidade, livros, revistas, TV, internet. Pergunte se algum conhecido tem uma tartaruga e se seria possível obter informações com essa pessoa. Se for possível, ajude a turma a preparar uma **entrevista**, convidando o entrevistado, marcando dia e hora, selecionando perguntas e organizando as crianças para essa atividade. Registre as respostas e peça que as crianças desenhem o que aprenderam ao final da entrevista. Ao lado do desenho, devem escrever uma frase usando a palavra tartaruga.

Incentive a turma a **buscar e trazer informações** sobre a tartaruga marinha ao longo de todo esse projeto e prepare um suporte para ir registrando-as – caderno, blocão, folhas brancas que vão sendo coladas sobre um jornal.

Análise as palavras TARTARUGA e MARINHA

- 1 - Quantas letras?
- 2 - Quais e quantas são as vogais?
- 3 - Quais e quantas são as consoantes?
- 4 - Têm mais vogais ou mais consoantes? Quantas a mais?
- 5 - Quantas sílabas?
- 6 - Quais são elas?
- 7 - As sílabas têm o mesmo número de letras?
Quantas letras tem cada sílaba?
- 8 - Todas as sílabas têm vogais?
- 9 - Monte um paradigma da palavra marinha, escrevendo outras palavras que tenham a sílaba **ma**, para que as crianças percebam que às semelhanças no som correspondem semelhanças na grafia (modelo no Projeto 1).

Sempre que possível, faça um **esquema** para a análise da palavra que ora poderia explorar a análise, ora a síntese.



Você pode aproveitar o projeto sobre a tartaruga marinha para oferecer às crianças uma oportunidade de trabalhar uma atividade muito importante que é a **classificação**. Em tempos recentes havia muita preocupação em ensinar “conjuntos” às crianças. Essa proposta mostrou-se pouco adequada devido à preocupação excessiva com definições e símbolos que não levavam em consideração as iniciativas das crianças, nem contribuíam para que elas próprias desenvolvessem critérios para classificar.

Caso pareça adequado, você pode apresentar imagens de outros tipos de quelônios, tais como cágado e jabuti e conversar sobre a classificação que os cientistas



Trabalhando
análise
e
síntese.



Identificar
semelhanças
e diferenças
é a base da
organização.



fizeram de todos os animais conhecidos na Terra. No caso dos dois mencionados, apesar de todos serem quelônios, seus modos de vida e algumas de suas características são diferentes. Você pode explorar isso propondo a organização de uma lista explorando as **semelhanças e diferenças** entre eles.

Um desdobramento dessa atividade de classificação pode ser o de propor um reconhecimento dos animais que vivem na água, no ar e na terra. Você pode perguntar que animais a turma conhece em relação a cada um desses três habitats e construir listas, explorando quantidade de letras, de palavras etc. Também pode ser interessante “brincar” com essas listas mudando o **critério da sequência**: uma lista em que apareçam primeiro os animais terrestres, depois os que vivem no ar e, por fim, os marítimos. Em outra lista, escreva os animais em ordem alfabética.

PÁGINA 35

Lidere uma leitura coletiva das informações sobre a tartaruga marinha expostas no texto.

Analise com as crianças a forma e o conteúdo do texto. Só depois dessa análise pergunte: para quem esse texto foi escrito? Dessa maneira, as crianças anteciparão a função social do gênero textual em questão. Faça uma análise desse tipo de texto, expositivo, chamando atenção para o fato de que ele se enquadra no gênero de **texto de divulgação científica**, daí as informações serem objetivas, ou seja, não há termos como “eu acho” ou “talvez”.

Destaque o uso de procedimentos de coesão textual, conforme as sugestões a seguir. **Coesão textual é a articulação** entre palavras, frases e parágrafos de um texto operada por elementos formais, como pronomes e conjunções, que estabelecem esses vínculos, e por procedimentos de retomada e de sequenciação de informações e de sentidos.

Peça que as crianças circulem a palavra “tartaruga” em todo o texto e contem quantas vezes ela aparece. Enfatize essa repetição da palavra “tartaruga” e a sua substituição pelo pronome “ela”, na segunda linha do texto. Quais os efeitos sobre o leitor tanto dessa repetição quanto dessa substituição? Quando reforçam o nome do animal em estudo? Como conferem maior fluência à linguagem?

Comente, ainda com relação à coesão textual, que no período “POR ISSO, TEM PATAS FINAS COMO NADADEIRAS”, apesar da ausência do nome ou do pronome, o leitor compreende ser a tartaruga que “tem patas finas como nadadeiras”. Por quê?

É preciso saber
navegar
em textos
informativos
buscando os
elementos que
permitem sua
compreensão.

Realce, no texto, a **importância das referências temporais e espaciais** para o leitor compreender melhor o contexto em que nascem e vivem as tartarugas: “no mar”, “no rio”, “mesma praia”, “até cem anos”, “para sempre”. Observe também, no desenvolvimento do texto, a criação de um grupo de palavras com significados articulados à “tartaruga”: “carapaça”, “patas”, “nadadeiras”, “adulta”, “marinha”, “ovos”. Em seguida, sugira às crianças que reagrupem algumas dessas palavras em grupos ainda menores relativos a esse réptil: por exemplo, o grupo de palavras remetendo ao corpo desse animal (“carapaça”, “patas”, “nadadeiras”); ou ao ambiente da tartaruga do mar (“nadadeiras”, “marinha”). Saliente como a presença dessas informações específicas é importante para um texto que pretende divulgar um conhecimento científico.

Trabalhe as perguntas sobre o texto auxiliando as crianças a **localizar a informação** solicitada sem precisar reler todo o texto. Se julgar apropriado, faça outras perguntas sobre o texto ou as incentive a fazê-lo. Alternativamente, faça uma brincadeira: diga-lhes que você fará algumas “perguntas frias” (impossíveis de se responder) no meio de “perguntas quentes” (possíveis de se responder) sobre o texto. As perguntas podem ser relacionadas ao tema (“quantos tipos de tartaruga existem no mundo?”) ou não (“quantas patas tem o leão?”). A primeira pergunta combina com o tema do texto, mas a sua resposta não se encontra nele. A segunda pergunta sequer arranha a temática do texto. A tarefa delas é descobrir de que tipo é cada pergunta, se “quente” ou “fria”.

Perguntas “frias” geralmente possuem forte poder de motivação porque costumam provocar reações de riso e, por conseguinte, de prazer. Além disso, assinalar uma alternativa que a criança percebe claramente como impossível proporciona uma tomada de consciência do que ela já sabe. Diante do absurdo, a criança tende a contrapô-lo imediatamente com uma ideia mais razoável, raciocinando, assim, com maior confiança. São perguntas que fornecem ferramentas cognitivas às crianças (permitindo a conceituação a partir da negação – “o que não é”). Essa estruturação do pensamento é valiosa para a **tomada de decisão autônoma** no campo financeiro, que é um dos principais objetivos deste Programa.

Aproveite para comentar que, hoje, é cada vez mais comum vivermos até a idade da tartaruga. Por isso, é ainda mais importante planejarmos nossa vida até lá na frente – inclusive para as necessidades que envolvam dinheiro. É fundamental **planejarmos o nosso futuro**.

Explore os **eixos matemáticos**: números e operações, medidas, trata-





Medir é
comparar
tendo por
base um
padrão.



mento da informação a partir das diversas informações trazidas pelas crianças sobre as tartarugas.

As informações relativas a **tamanho, peso e tempo de vida** podem sugerir atividades que propiciem o desenvolvimento do conceito de medida. A compreensão de que medir é comparar tendo por base um padrão (unidade de medida) vai sendo construída aos poucos. Inicialmente, para crianças dessa faixa etária uma lista de objetos dispostos linearmente a uma mesma distância parece ter mais elementos do que outra, com a mesma quantidade de objetos que estão mais próximos, porque a disposição espacial dos objetos é mais longa num caso do que no outro. **Trabalhar com unidades informais de medida**, como o tamanho do pé ou o palmo, propicia que, aos poucos, as crianças compreendam o sentido de medir uma grandeza que não é enumerável, como o são objetos dispostos em uma caixa, etc.

Caso você goste de origamis, construa tartarugas de papel usando dobraduras. Chame a atenção para a diferença entre figuras planas (a tartaruga desenhada no papel) e a construída por dobradura, que tem três dimensões.

A partir da informação de que a tartaruga pode chegar a medir 2 metros, construa com as crianças, usando um barbante e uma fita métrica, uma representação da tartaruga desse comprimento. Em seguida, proponha que as crianças se organizem por **ordem de tamanho** (da maior para a menor, ou da menor para a maior) e faça, com elas, um barbante com o tamanho de cada uma. **Compare esses comprimentos com o tamanho da tartaruga**. Peça que vejam quantos pés de cada uma cabem em seu comprimento, quantos palmos etc. Em seguida elas podem fazer registros da atividade desenhando o que compreenderam sobre os diferentes tamanhos medidos.

Você pode, ainda, se achar oportuno, desenvolver uma atividade com a medida de tempo de vida da tartaruga e a idade das crianças. Ou com a quantidade de ovos que as tartarugas colocam por vez. Para esse trabalho organize com elas agrupamentos de 10 em 10 objetos (que representem ovos, anos de vida), propondo que juntem, amarrando, os grupos de 10 palitos, canudinhos etc.

PÁGINA 36

Promova a leitura do texto ajudando as crianças a observar a sequência de fatos e ações que conectam as frases. O texto explica “**o ciclo de vida**” das tartarugas. É muito importante aprofundar esse conceito, tra-

zendo também o ciclo de desenvolvimento humano.

O conceito de “ciclo” é fundamental no universo de Educação Financeira, e é um dos pontos fortes em comum com o meio ambiente. É preciso pensar de onde as coisas vêm e para onde as coisas vão, lembrando que tudo se inicia e termina na natureza.

Construa uma linha da vida com as crianças, com fotos ou desenhos de como eram/foram em diferentes momentos de seu desenvolvimento. Peça que as crianças **escrevam legendas** para cada foto ou desenho. Pergunte se elas se lembram qual é a função social de uma legenda (escreveram legenda no Projeto 1). Verifique se a compreensão foi correta e relembre que sua função social é fornecer alguma informação sobre a imagem relacionada.

Caso julgue adequado, você pode reproduzir uma ilustração que mostre 5-6 tartarugas em tamanhos que representem as fases de sua vida, desde o nascimento até a fase adulta, e pedir que as crianças recortem e organizem as tartarugas de acordo com algum critério que deve fazer sentido e que precisarão explicar umas às outras.

As crianças perceberão como o tamanho da tartaruga vai aumentando, assim como, no próprio ciclo de desenvolvimento humano, as crianças crescem e se transformam em adolescentes, depois em adultos e finalmente em idosos. É muito importante aprofundar esse conceito, trazendo ciclos de vida de outros animais.

Sugerimos que se **construa um gráfico** tendo por base o tempo de vida de alguns animais. Para ajudar, apresentamos a seguir uma lista com alguns tempos de vida.

Arara	60 anos	Gato	13 anos
Burro	12 anos	Leão	25 anos
Cachorro	12 anos	Porco	10 anos
Carneiro	10 anos	Rato	2 anos
Cavalo	30 anos	Tartaruga	100 anos
Coelho	12 anos	Tigre	25 anos
Elefante	60 anos	Urso	15 anos
Galinha	7 anos	Vaca	15 anos



Conceito de ciclo: ponto forte entre Educação Financeira e Educação Ambiental.

Ordem
Crescente

Ordem
Decrescente

Para a construção do **gráfico**, podemos proceder de modo análogo ao que foi proposto no projeto sobre a batata. Cole no quadro uma folha de papel bem grande e trace dois eixos perpendiculares. Confeccione cartões quadrados com uns 5-6 cm de lado. Em cada cartão as crianças devem escrever o nome de um animal e o seu tempo de vida em anos. Em seguida divida o eixo horizontal em intervalos de 5 cm em 5 cm e combine que cada intervalo vale dez anos. Vá anotando os valores de 10 em 10 sempre com a ajuda delas. Por último, cada criança irá colar o cartão com o nome do animal no intervalo que corresponde ao seu tempo de vida. Para finalizar a atividade, podem reproduzir o gráfico no seu caderno, utilizando um papel quadriculado. Depois que o gráfico ficar pronto, explore a contagem perguntando: dos animais que temos em nossa lista, quantos vivem até 10 anos? E até 20? etc. Quais são os animais que têm menor expectativa de vida? E os que têm maior?

Multiplique as perguntas explorando noções de antes e depois. Por exemplo, que animal tem uma expectativa menor de vida: a arara ou o burro? Como é que você sabe? Quem pode viver mais? Que bicho tem mais chance de viver menos? Também seria interessante explorar a comparação de números: faça perguntas de forma que a criança compare quantidades no sentido de perceber que um número X vem antes de Y e depois de Z. Também se pode construir uma **lista em ordem decrescente e outra em ordem crescente** dos tempos de vida dos animais.

PÁGINA 37

Leia coletivamente o **texto jornalístico** sobre os riscos de extinção das tartarugas.

Analise com as crianças a forma e o conteúdo do texto, atentando para os seus elementos específicos, como nome do jornal, legenda da imagem, data etc. Após essa análise, pergunte para que e para quem serve esse texto. Dessa maneira, as crianças anteciparão a função social do gênero textual em questão. No momento oportuno, indique que a **função do texto jornalístico** é predominantemente **informar**.

A partir da notícia sobre a tartaruga marinha, elucide o significado da palavra EXTINÇÃO.

Pergunte às crianças se sabem de outros animais da fauna brasileira que se encontram em risco de extinção. Você pode apresentar algumas fotos e pedir que elas os reconheçam. Liste-os no quadro a partir de um “dita-



do coletivo”: as crianças vão indicando as letras de cada palavra e você vai registrando e lendo como está ficando. Quando erram a grafia da palavra, criam-se situações muito ricas de aprendizagem, na medida em que percebem que o que você está lendo não é o que elas pensavam estar correto e podem, assim, ensaiar novas hipóteses de grafia.

PÁGINA 38

Leia com elas a **ficha científica** da tartaruga de couro. Analise a forma e o conteúdo do texto. Pergunte se elas sabem para que e para quem serve esse texto. Essa oportunidade é importante, pois permite às crianças anteciparem a função social do texto em questão. Explique que uma ficha científica é um gênero textual cuja finalidade é a sistematização objetiva – com informações precisas e esquematizadas em itens – do conhecimento; no caso, de conteúdos científicos.

Aproveite também para explorar, na ficha, a grafia de algumas palavras ou peça que encontrem e marquem certas palavras a partir de indicações como “começa com P”, “termina com O”.

Comente com a turma que ao lado da ficha científica sobre a tartaruga de couro existe uma outra ficha, que está incompleta e precisará ser preenchida. Utilizando a lista de animais em extinção elaborada pela turma, escolha junto com as crianças três animais a respeito dos quais, coletivamente, a turma vai buscar informações científicas e preencher a nova ficha.

Traga para a sala de aula material sobre os animais escolhidos. Trabalhe um animal de cada vez. Os dados que deverão coletar são: nome científico, onde vivem, qual a causa da extinção e o que já está sendo feito para reverter esse quadro. Leia as informações trazidas e peça que as crianças sinalizem quando elas forem úteis para o preenchimento da ficha.

Elabore as fichas informativas dos três animais estudados com informações precisas e esquematizadas em itens. Cada criança escolhe seu animal preferido e preenche a ficha do Livro do Aluno.

Ao final, organiza-se o MURAL DOS ANIMAIS EM EXTINÇÃO.

Na montagem do mural convide as crianças a realizarem um planejamento, explorando o espaço disponível e montando as fichas em papéis recortados com a forma de figuras planas, como quadrado, retângulo, triângulo, círculo e outras formas regulares ou irregulares, chamando a atenção



**Animais em
extinção.
Podemos
ajudar?**
— — — —



Pela preservação da vida



das crianças para as diferenças e semelhanças entre elas. Para construir as figuras planas proponha que tragam caixas de embalagens. Você pode contribuir cuidando para que entre as caixas disponíveis existam algumas cujas faces, ao serem desmontadas, tenham as diferentes formas citadas. O objetivo de partir de caixas em lugar de apenas desenhar as figuras é propiciar experiências favoráveis à construção dos sólidos.

Para se fazer um planejamento financeiro, é preciso saber planejar de um modo geral. Saberá fazê-lo bem quem tiver múltiplas e variadas experiências de planejamento, em que aprendeu a **traçar objetivos, determinar as etapas e ações concretas que precisam ser realizadas, lidar com imprevistos, ajustar o ideal aos recursos, tempo e espaço disponíveis**. Portanto, a escola estará ensinando essas habilidades ao propor atividades de planejamento em diversos assuntos diferentes, sempre cuidando para que o processo seja consciente e reflexivo. É importante que haja sempre uma análise final do que deu certo e do que deu errado, com o objetivo de que cada experiência forneça maior maturidade e competência para eventos futuros.

PÁGINA 39

O objetivo específico desse projeto é mostrar a **importância de cuidar**. Estimular práticas de cuidado são fundamentais para a preservação da vida. Peça que cada criança pense em um animal que conhece ou observa ao seu redor e que gostaria de cuidar. Em seguida, elas devem desenhar o animal escolhido, na página do Livro do Aluno.

Lance a pergunta: Que cuidados esses animais precisam para viver? Incentive-as a pensar em vários itens. Anote todos. Dos itens anotados, as crianças selecionarão alguns para escreverem em seu livro.

Explique que é fundamental as pessoas se importarem em cuidar dos animais e da natureza. Uma das maneiras que temos para motivar outros sobre a importância da ação de cuidar é fazendo faixas, com o objetivo de buscar o apoio de mais pessoas. O engajamento das crianças em **movimentos em prol dos animais e da natureza** faz parte de um conjunto de experiências relativas ao cuidar. Quando cuidamos das pessoas, dos animais, do meio ambiente e das nossas finanças, estamos participando de um movimento que precisa ser coletivo para que possa produzir resultados que também atinjam a todos, como o aumento da vida útil e, por conseguinte, da redução de desperdício.



No caso da **preservação** de qualquer tipo de vida, estamos lutando pelo equilíbrio do ecossistema, e isso tanto afeta a todos nós quanto requer uma participação coletiva.

Numa segunda etapa, as crianças precisam compreender o texto que pode constar em cada faixa. As crianças, individualmente ou em duplas, vão elaborando suas frases ou textos, e é importante que você as ajude nessa escrita porque, como as faixas serão expostas na sala ou espalhadas pela escola, seus textos devem estar escritos de forma que possam ser lidos e compreendidos por todos. Uma vez aprovadas as frases, é hora de confeccionar as faixas.

A confecção das faixas propicia um momento em que as crianças podem definir padrões de cores, de formas etc. Podem também enfeitar as faixas reproduzindo a forma dos animais com dobraduras, desenhos ou imagens recortadas.

Tanto por suas características físicas peculiares como por sua longevidade, a tartaruga é uma personagem recorrente na literatura mundial. Leia para a sua turma **fábulas** em que a tartaruga está presente, por exemplo: “A lebre e a tartaruga”, “A tartaruga e a garça”. Se possível, pesquise diferentes versões dessas fábulas, na biblioteca, na internet, e explore-as.

Como se trata de um gênero textual com intenção pedagógica e fundamentado na personificação, ou seja, na atribuição de características humanas a bichos, aproveite para realçar em cada fábula as virtudes ou os defeitos humanos associados a esse réptil.

A fábula “A lebre e a tartaruga” reafirma a necessidade da persistência como virtude para se cumprir com sucesso um objetivo. Trata-se, no caso, da valorização – comum em outras fábulas ocidentais, como “A cigarra e a formiga” – do princípio da previdência, em contraposição ao do prazer imediato: a lebre, que interrompe sua corrida para dormir, é vencida pela tartaruga – menos rápida, mas previdente, laboriosa e persistente, para atingir objetivos.

Uma vez que muitas fábulas têm sua origem na Grécia Antiga, comente também um fato insólito: Ésquilo, o famoso dramaturgo grego do período clássico, morreu com uma “tartarugada” na cabeça... Isso porque certas aves de rapina têm o hábito de aprisionar com suas garras a tartaruga. Alçando voo, arremessam-na de grandes alturas para fragmentar sua carapaça protetora de modo a poder alimentar-se da carne do animal. O surpreendente é que uma dessas tartarugas caiu justamente sobre a cabeça do escritor, matando-o!



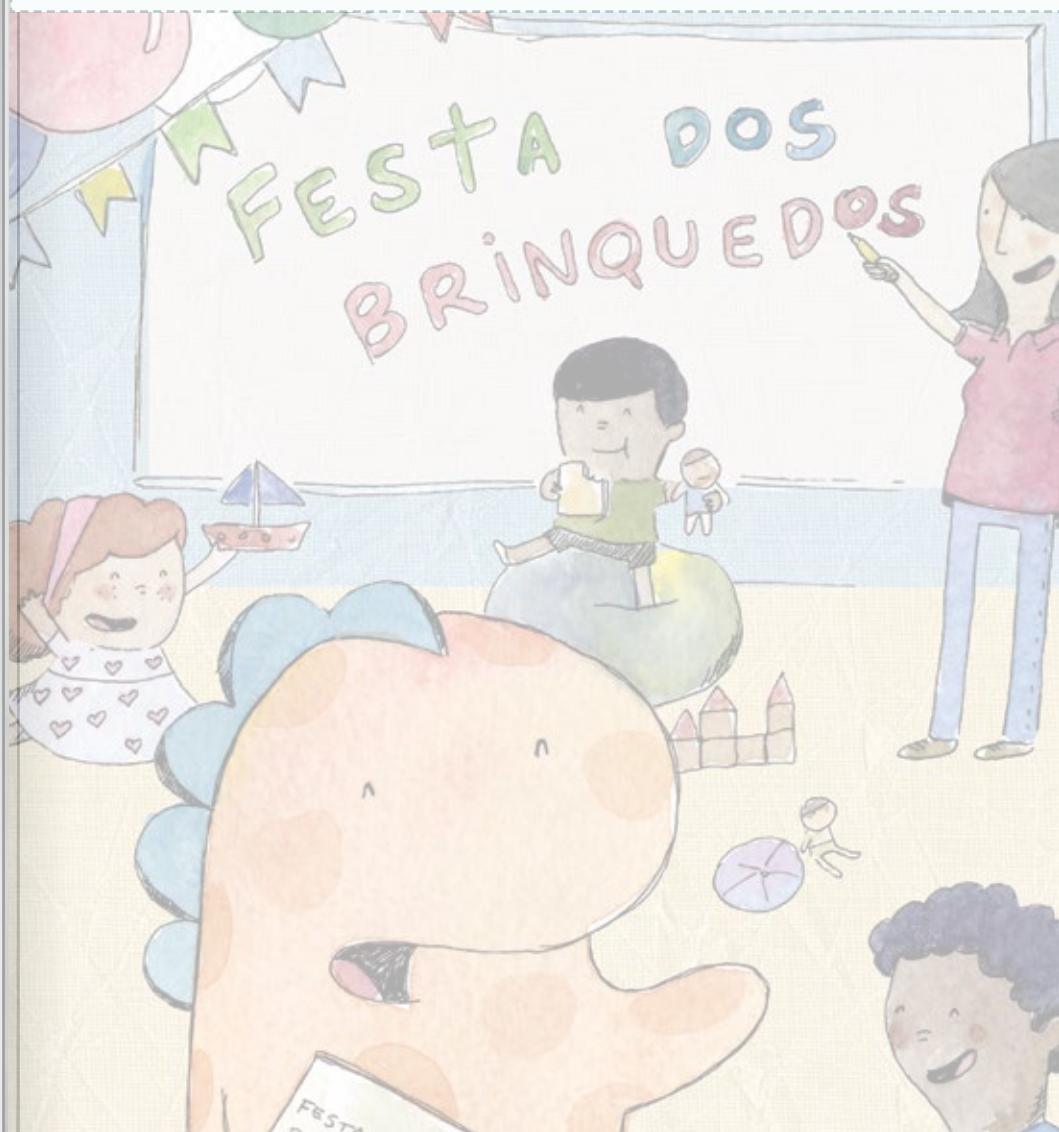
**trabalhando
com
fábulas.**

**Avalie
sempre!**

Fechamento do Projeto

Ao término do projeto, **converse** com a turma sobre o que mais gostaram e o que sabem agora que não sabiam no início da proposta. **É importante que cada criança tenha a oportunidade de pensar se e como está aprendendo.**

Retome com as crianças a questão central e o objetivo específico do projeto, explicitados no quadro de metadados (página 68) e **analise o resultado da vivência**. A avaliação do próprio trabalho fornece à criança crescente autonomia e controle de sua aprendizagem, sendo uma experiência bastante positiva e motivadora.



Projeto 4



Educação Financeira nas Escolas



livro do
professor

Título	Festa dos brinquedos
Questão central do projeto	Como planejar e organizar uma festa dos brinquedos?
Foco do projeto	Planejamento de eventos
Conteúdos de Educação Financeira	Dinheiro Doação solidária Estimativa Escolhas Negociação Orçamento Planejamento Sustentabilidade Utilidade Valor
Competências	<p>Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis (C02) – reaproveitamento dos brinquedos</p> <p>Ler criticamente textos publicitários (C05) – encarte da loja de festas</p> <p>Participar de decisões financeiras considerando suas reais necessidades (C06) – escolha dos itens para a festa</p> <p>Elaborar planejamento financeiro com ajuda (C08) – escolha dos itens para a festa</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente (C09) – evitar o desperdício</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente (C10) – reutilização dos brinquedos</p>
Objetivo específico	Planejar e organizar uma festa



Descrição

Professor, este projeto tem como foco a **ação concreta de se planejar** a festa dos brinquedos. Trabalhando na elaboração da festa as crianças exercitarão, em situação real, modalidades simples de planejamento.

Da apresentação do brinquedo até a realização da festa as crianças entrarão em contato com diversos tipos de texto, que reforçarão a importância da seleção de informações. As diferentes situações-problema apresentadas complementarão a ideia da necessidade de se tomar **decisões baseadas na análise de informações** para o êxito das ações.

Tanto em Português quanto em Matemática a seleção de informações e a análise de possibilidades estarão sendo vivenciadas. Selecionar informações pertinentes (utilidade), buscar ações possíveis (possibilidades) e tomar decisões baseadas nessas informações são etapas fundamentais de um bom planejamento.

O projeto também permitirá uma percepção do tempo histórico, ao fazer uma distinção entre o passado (brinquedos de antigamente) e o presente (brinquedos atuais).

Lidando com noções de precificação, orçamento disponível, reaproveitamento, doação solidária, negociação e sustentabilidade, as crianças poderão diferenciar necessidade de desejo, percorrendo de forma consciente esses conceitos financeiros.

O planejamento da festa criará momentos de grande motivação, gerando muita expectativa, intensa participação e permitindo a tomada de **decisões socioambientalmente responsáveis**. Ótima festa!

Oba,
vamos
planejar
uma
festa!

Lista:
um ótimo
começo



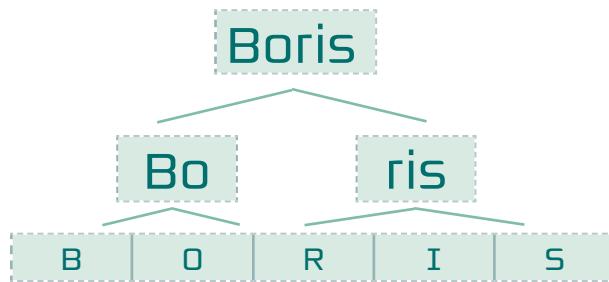
PÁGINA 42

Faça coletivamente a leitura do texto de apresentação do personagem Boris, que será o introdutor desse projeto. Ele é o dono da festa que a turma ajudará a planejar, orçar e organizar. **Estimule a observação da imagem** do fantoche e peça que o descrevam. Isso é muito importante para que as crianças entendam como deverão **descrever**, adiante, o brinquedo que levarão para a festa.

Crie um momento, depois desta atividade, para conversarem sobre festas. Peça que relatem o que há em uma festa e **organize uma lista** com todos os elementos citados. Explore com a turma a finalidade da lista. Realce sua importância como um **levantamento inicial** fundamental para o sucesso do planejamento e da execução da festa.

Ao final, explore a lista perguntando quantas palavras começam com determinada letra etc.

Analise o nome do fantoche: BORIS



- 1 - Quantas letras?
- 2 - Quais e quantas são as vogais?
- 3 - Quais e quantas são as consoantes?
- 4 - Tem mais vogais ou mais consoantes? Quantas a mais?
- 5 - Quantas sílabas?
- 6 - Quais são elas?
- 7 - As sílabas têm o mesmo número de letras?
Quantas letras tem cada sílaba?

- 8 - Todas as sílabas têm vogais?
- 9 - Monte um paradigma explorando diferentes palavras com a sílaba **bo**, de Boris, para que as crianças percebam que às semelhanças no som correspondem semelhanças na grafia.

Cada criança, sozinha desta vez, deve responder às perguntas a seguir em relação ao seu próprio nome.

- 1 - Quantas letras?
- 2 - Quais e quantas são as vogais?
- 3 - Quais e quantas são as consoantes?
- 4 - Têm mais vogais ou mais consoantes? Quantas a mais?
- 5 - Quantas sílabas?
- 6 - Quais são elas?
- 7 - As sílabas têm o mesmo número de letras?
Quantas letras tem cada sílaba?
- 8 - Todas as sílabas têm vogais?

No que se refere à matematização, a proposta de comparar a quantidade de vogais, de consoantes, de letras dos nomes das crianças ou de **contar diferentes universos** (crianças, partes do corpo humano, brinquedos etc.) ajuda as crianças a irem compreendendo que o conceito de número é abstrato. Isso significa que podemos mencionar um número qualquer, por exemplo, 5, sem que seja necessário explicitar que se trata de bananas, meninas etc. Nesse sentido, seria interessante também levá-las a contar coleções de diferentes objetos: diferentes brinquedos, diferentes letras, bem como “coisas” que não estão presentes, como brinquedos que tenho em casa, calças que tenho no meu armário etc.

Promova o **desenho** e a **descrição** escrita de informações do brinquedo que cada criança levará para a festa. Dê foco às **características físicas**: cor e comprimento do cabelo, cor e tamanho dos olhos dos bonecos, forma, cores, peso, material de que é feito o boneco ou brinquedo etc.

Cada criança deve desenhar e descrever, numa ficha, o brinquedo que trará. Depois que todas as fichas estiverem prontas, elas serão colocadas dentro de uma caixa e o jogo de adivinhação começará. As fichas serão sorteadas, uma



**Critérios...
Ah, os
critérios...
Sem eles,
organizar
e planejar
ficam quase
impossíveis!**



a uma, para que um colega de cada vez adivinhe qual será o brinquedo do outro. Caso seja sorteada uma ficha que não seja entendida, ao ouvir de um colega que não está entendendo o seu desenho ou o seu texto a criança que os produziu tem a oportunidade de refazê-los e, ao mesmo tempo, de compreender que toda produção textual precisa de leitores e de apreciadores para completar sua função social. Após o jogo, as crianças devem preencher o Livro do Aluno.

Na oportunidade mais adequada, explique que há algumas **características e informações** sobre o brinquedo **que não podem ser vistas**, mas que o dono sabe quais são: a história do brinquedo (quem o deu e em que circunstância; desde quando o dono o possui), se é divertido ter esse brinquedo etc. **Estimule o relato dessas narrativas** entre as crianças e, se julgar apropriado, registre algumas por escrito e coloque-as no mural ou pendure-as em um barbante que cruze a sala, a exemplo da literatura de cordel.

Organize coletivamente a lista dos convidados da festa, que são as próprias crianças e você. Decida com a turma qual será o **critério para organizar os nomes**: uma lista de meninos e outra de meninas (classificação) ou uma lista de todos em ordem alfabética (sequência das letras). Na hora de escrever os nomes, peça que a turma dite o nome de cada criança para você, soletrando alguns deles. Coloque a lista em um lugar visível na sala.

Proponha a contagem de quantos brinquedos fazem parte da lista, mas antes inclua um brinquedo trazido por você. Quando concluírem que a quantidade de brinquedos é maior que a de crianças da turma, sugira que façam o **pareamento dos elementos**: criança e brinquedo. Assim terão certeza do que sobra e de quem é.

Se lhe parecer adequado, você pode propor que as crianças pensem em um determinado brinquedo que possuem, a partir de critérios que você for indicando, sendo um de cada vez. Por exemplo, que ponham na cabeça a imagem do brinquedo com o qual mais gostam de brincar; depois, que pensem no primeiro brinquedo que ganharam; finalmente, que se lembrem do brinquedo que foi dado pela pessoa de quem mais gostam. A cada vez você pergunta: “se cada uma das crianças da sala pensou em um brinquedo, qual a quantidade total de brinquedos que foi pensada?”. Para essa resposta talvez você precise perguntar: “quantas crianças estão hoje em nossa sala?”. Em seguida, cabe propor situações com a ideia de **dobro**, perguntando: qual seria o total de brinquedos se cada uma pensasse em dois brinquedos? E se juntássemos o número de crianças com o número de brinquedos no caso de cada uma pensar apenas em um brinquedo?

Material
de
contagem.
Use sempre.

Esse tipo de atividade, que estimula a contar a quantidade de pessoas e brinquedos, maçãs e laranjas, ou seja, objetos diferentes, mas que possuem a mesma natureza numérica, também propicia o desenvolvimento da compreensão acerca da natureza abstrata do número natural.

No caso, ainda, de lhe parecer oportuno, proponha a construção de um quadro como o que se segue e complete-o junto com as crianças, perguntando: “se cada criança trazer 1 brinquedo, quantos serão no total?”; “e se trouxerem 2 brinquedos?”; “e 3 brinquedos?”.

Se cada criança trazer...	No total serão...
1 Brinquedo	
2 Brinquedos	
3 Brinquedos	
etc.	

Aqui não se pretende que as crianças adivinhem as quantidades, mas que contem, desenhando em uma folha, ou **usando materiais de contagem**, como fichas coloridas, palitos, tampas etc. Promover situações em que percebam essas regularidades ajuda a construir uma base propícia para a compreensão de relações multiplicativas.

PÁGINA 43

Primeiro apresente o problema: Boris só tem 10 moedinhas de um real para gastar nessa festa. Para saber se ele tem dinheiro suficiente é preciso, primeiramente, calcular a quantidade de pratinhos, copos, velas, chapéus e bolas que serão necessários. Alguns desses itens (pratos, copos e chapéus) dependem diretamente da quantidade de pessoas que haverá na festa. Os itens restantes se relacionam a outros fatores: o número de velas depende da idade de Boris (decida junto com as crianças quantos anos Boris está fazendo) e a quantidade de bolas pode ser livremente decidida.

Comece propondo que as crianças **representem**, por meio de desenhos, a quantidade de pessoas que possivelmente estarão na festa e contem os pratinhos necessários. Tendo realizado essa contagem, proponha que pensem nos copos e chapeuzinhos. No caso, a confecção do quadro proposto na atividade anterior pode ser utilizada, pois cada convidado precisa de



Será que o Boris tem dinheiro suficiente?

um copo, um pratinho e um chapeuzinho. Assim se estabelece a relação multiplicativa: 1 convidado, 3 objetos; 2 convidados, 6 objetos etc. Como há possibilidade de esse número ser muito grande, se for oportuno você pode **introduzir a ideia de agrupamentos que facilitam a contagem**. Combine com a turma, por exemplo, que cada pratinho será representado por uma ficha colorida ou uma tampinha de suco ou refrigerante. Forme grupos de cinco, de dez ou de qualquer número, e conte com as crianças quantos grupos de cinco ou de dez ou de outro número foram formados. Faça o mesmo com os copos e chapeuzinhos. Componha o total de objetos necessários unindo as quantidades encontradas.

Você pode multiplicar as situações fazendo o mesmo processo para os alimentos que serão oferecidos, mas nesta etapa de escolaridade a proposta é que as crianças possam **construir compreensões acerca das quantidades e suas possíveis representações**. Não é adequada a ênfase em nomear os diferentes valores posicionais (unidade, dezena).

À medida que as quantidades forem determinadas, ajude-as a escrever cada uma no local correspondente. Algumas crianças talvez escrevam notações numéricas PRÓPRIAS, usando o mesmo símbolo várias vezes, como IIIIIIIII; ou desenhando o objeto contado, se for o caso. Não corrija ainda, e sim leve-as a criar representações dos números encontrados nas atividades.

Em seguida, explique que agora “vamos às compras”, ou seja, precisamos **ler e analisar o encarte** da “Loja Diversão” para descobrir se o dinheiro do Boris é ou não suficiente para organizar essa festa.

PÁGINAS 44 e 45

Comece analisando o suporte “**encarte**”. Pergunte para elas qual a sua função, isto é, para que serve? Dessa maneira, as crianças anteciparão a função social do gênero textual em questão. Trata-se de um gênero que veicula informações avaliadas pelo seu remetente como privilegiadas, ou seja, selecionadas por sua importância; no caso do encarte da Loja Diversão, as “Ofertas do dia”.

Como anuncia produtos, a ênfase da linguagem está sobre o leitor-consumidor, seu público-alvo: o objetivo do encarte é destacar produtos que interfiram no comportamento desse leitor, de modo a estimulá-lo à compra. Daí a composição cromática atraente do encarte, bem como o destaque persuasivo ao baixo custo de itens necessários à realização de uma festa.



Solicite que as crianças leiam o encarte da Loja Diversão. Ajude-as, quando necessário.

Ainda na leitura do encarte da Loja Diversão, trabalhe a **ideia de adição**, convidando as crianças a calcular quanto Boris vai gastar com base nas quantidades definidas e no limite de R\$ 10,00 de que ele dispõe.

Comece representando as moedinhas com fichas. **Não se preocupe em nomear as operações** efetuadas como de adição e de subtração, mas sim em **trabalhar as ações de juntar e de comparar** que correspondem, respectivamente, às duas operações, ações essas que vão constituindo a base que futuramente propiciará trabalhá-las de modo a compreenderem essas operações em vez de apenas mecanizá-las. Nesta etapa não se apresse em apresentar símbolos, como, por exemplo, o sinal de +, e muito menos em propor a escrita vertical de algoritmos (as famosas “continhas”). O uso prematuro do algoritmo leva geralmente a automatismos que, por não serem entendidos e construídos de modo compreensivo, acabam por contribuir para uma visão negativa da matemática.

O trabalho com o encarte oferece, ainda, a possibilidade de analisar as ofertas anunciadas. Para isso você pode ler coletivamente o que é oferecido como oferta e comparar com os preços dos produtos que não estão em oferta. Ao comparar os preços dos produtos simples com os produtos do palhaço, constata-se que os produtos ilustrados com o motivo do palhaço são mais caros. Por exemplo, 50 bolas azuis custam o mesmo que 30 bolas do palhaço. É uma ótima oportunidade para uma rica discussão acerca da importância de distinguir o que é necessário e o que, muitas vezes, constitui um desejo que nasce a partir das propagandas de produtos com diferentes marcas (nome do produto) veiculadas nas diferentes mídias. Desse modo, você pode introduzir o conceito de marca, sinalizando que na Loja da Diversão os produtos da marca do palhaço são mais caros, mas não significa que sejam de melhor qualidade.

Discuta com a turma algumas questões envolvendo ofertas. Pergunte, por exemplo, se a oferta é sempre vantajosa. Para responder a essa pergunta, indique que elementos precisam ser considerados e tratados de modo bem concreto, como: quantidades, necessidade, prazo de validade etc.

Ao final desse processo todas as crianças precisam ter claro o **percurso de planejamento e organização** de uma festa de forma consciente, econômica, tendo como limite a quantia disponível. As etapas percorridas foram:

- 1 - Tomar conhecimento da quantidade de dinheiro de que se dispõe para realizar a festa



Vamos pegar
no pé do
encarte pelo
pé da letra?

Um planejamento possui várias etapas.



- 2 - Definir o que precisa ser comprado e estimar as quantidades (registrar ambos em uma lista)
- 3 - Levantar preços do que vai ser comprado, distinguindo o que é necessário daquilo que é objeto de desejo
- 4 - Ler criticamente propagandas (no caso, o encarte)
- 5 - Debater e decidir, de modo ambientalmente responsável, se os pratinhos e copos serão comprados ou se serão trazidos de casa pelas crianças, se os chapeuzinhos são necessários e se poderiam ser confeccionados em vez de comprados, deixando-se claros os motivos da escolha.

Proponha a escrita da lista de comidas e bebidas que serão de fato oferecidas na festa. A escrita deverá ser espontânea e as crianças devem ser incentivadas a recorrer às palavras e aos nomes já trabalhados, para escreverem o que ainda não sabem.

Para isso você pode construir, com a ajuda das crianças, um quadro como o apresentado a seguir:

COMIDAS	BEBIDAS

Peça que as crianças soletrem para você os nomes das comidas e bebidas ou convide-as a vir ao quadro para que escrevam esses itens no lugar certo do quadro, que poderá estar escrito no quadro da sala ou numa folha de papel bem grande (nesse segundo caso há a possibilidade de retomá-lo posteriormente). Terminado o registro você pode solicitar que as crianças comparem a quantidade de itens das duas colunas, identificando onde há mais ou menos itens, quantos a mais e/ou quantos a menos. Solicite, ainda, que as crianças, individual e/ou coletivamente, leiam em voz alta os itens do quadro para verificarem se nada foi esquecido.

Calcule a quantidade das comidas e bebidas, começando por perguntar à turma quantos copos de suco ou refrigerante costumam beber em uma festa e quantas unidades consomem de cada comida listada, como biscoito e



brigadeiro. Faça um registro cuidadoso da **relação entre pessoas e quantidades** de comida e bebida a serem consumidas: 1 convidado, 3 biscoitos, 2 brigadeiros, 2 copos de algum líquido; 2 convidados, o dobro disso etc.

Envolva as famílias e outros profissionais da escola nesse planejamento da festa, indicando quem vai trazer o quê e em que quantidade, de acordo com os cálculos feitos.

PÁGINA 46

Antes de explorar essa página, peça para as crianças trazerem de casa algum convite que tenham recebido. Questione-as quanto à **finalidade de um convite**: para que ele é escrito? Agrupe os convites pelo tipo de festa: aniversário, casamento, chá de panela etc.

Explore as **diferenças e semelhanças** entre os convites. Registre no bloco o que é comum a todos: hora, dia, local, o nome do convidado e o nome de quem está convidando. A função social desse gênero textual é convidar para determinado evento, comunicando ao convidado as principais referências temporais e espaciais do acontecimento e motivando-o a comparecer à festa.

Todos precisam saber que cada elemento desse texto é fundamental para que o convidado consiga chegar à festa no dia, na hora e no local indicados. A falta de algum deles impossibilita a clareza da informação.

Reproduza o texto de um dos convites no quadro e, com a ajuda das crianças, localize essas referências no convite escolhido como exemplo. Destaque-as com cores diferentes.

Esclarecida a função social do convite e quais os seus elementos essenciais, decida, com a turma, o dia, a hora e o local em que acontecerá a festa de Boris.

Ajude as crianças a ler e preencher o convite com os dados necessários. Na primeira linha, no topo do convite, devem escrever o nome do seu próprio brinquedo e, na última linha, o nome do aniversariante: Boris (que já estará exposto na sala). Nos locais adequados, escrever o dia, o local e a hora da festa. Essas informações (com exceção do nome do convidado) devem ser iguais em todos os convites, então é ótimo que as crianças se ajudem com esses dados e que os confirmem entre si, ao final.

Diferentes
convites,
diferentes
ocasiões,
mas o
tempo está
em
todos
eles!





Os brinquedos
de hoje
são os
mesmos de
antigamente?



A atividade de elaborar o convite possibilita retomar o trabalho com o **relógio**. Converse com as crianças sobre os ritmos de seu dia a dia, perguntando sobre a hora em que acordam, almoçam, saem de casa para vir para a escola. Para isso, utilize um relógio de parede e construa com as crianças alguns relógios de cartolina, onde poderão marcar as horas sobre as quais conversaram. Nesse momento, procure restringir o trabalho às horas cheias.

Procure, também, trabalhar a **contagem do tempo** convidando as crianças a irem marcando no calendário os dias que faltam para o dia da festa. No dia combinado para o evento, caso este não seja marcado logo no início da aula, conte as horas que faltam. Caso lhe pareça adequado ao nível de sua turma, proponha comecem a contagem das horas que faltam desde o dia anterior.

PÁGINA 47

Leia coletivamente as imagens de alguns brinquedos antigos. Comente como eram feitos e comercializados e quando as crianças os ganhavam. Converse sobre como são feitos hoje e as facilidades que possibilitam que as crianças tenham vários brinquedos. As bonecas e as bolas são brinquedos que existem desde as mais antigas civilizações.

Se você julgar oportuno, passe para as crianças algumas informações históricas sobre os brinquedos. Essas informações poderão ser lidas para as crianças no dia da festa, numa roda, quando cada criança estará com o seu brinquedo. A seguir, alguns dados para você poder começar.

Texto Complementar

Na Europa, de início como produto do artesanato doméstico ou das oficinas dos artífices de madeira, os brinquedos, a partir do século XIX, saem do domínio doméstico e artesanal e passam à produção em série nas fábricas. Assim, aos poucos, a madeira – principal material usado na sua constituição – é substituída pelo metal, pelo vidro e pelo papel.

Na década de 1940, nova transformação material significativa: o plástico rígido permite formas cada vez mais complexas e baratas de brinquedos. Finalmente, nas últimas quatro décadas, com o advento dos jogos eletrônicos, do computador ou da televisão, novas gerações conhecem formas diferentes de brinquedos, sem, contudo, abandonar os modelos tradicionais.



Elaborando uma pergunta.

Explique que precisarão **buscar em casa a informação** para preenchimento do gráfico dessa página, e que essa informação virá em resposta à pergunta que elas devem criar. Para isso, leia para elas o enunciado “ESCREVA UMA PERGUNTA PARA SABER QUAIS ERAM OS BRINQUEDOS PREFERIDOS DAS PESSOAS IDOSAS QUE VOCÊ CONHECE” e peça que sugiram perguntas compatíveis com o demandado. **Estimule diferentes opções**, como “qual era o seu brinquedo preferido?” ou “quando você era pequeno, com que brinquedos brincava?”. Escreva no quadro as alternativas que surgirem, e cada criança copia no seu livro a alternativa de que tiver gostado mais. Tome o cuidado de insistir que o registro do nome do brinquedo indicado pelos idosos seja feito pelas crianças, e não por um adulto da casa.

Quando as respostas chegarem, socialize-as com a turma, preocupando-se em fazer com que todos os colegas se familiarizem com o nome e com o modo de brincar relativos a cada um dos brinquedos indicados na pesquisa. Depois, **registre** o nome dos brinquedos em uma “lista dos brinquedos de antigamente”. Explore a lista, pedindo que indiquem um brinquedo que começa ou termina com uma determinada letra ou com uma sílaba indicada por você. Se achar produtivo, reescreva com elas a lista em ordem alfabética.

Por fim, **compare** os brinquedos da lista com os existentes hoje em dia: quais os brinquedos que não existem mais? Quais existem hoje e são exatamente iguais ou bastante semelhantes aos do passado? Quais ainda existem hoje, mas mudaram muito? Aproveite para promover também algumas contagens como, por exemplo, quantos brinquedos há em cada uma dessas categorias comparativas?

Na sequência, proponha a **construção de um gráfico** como o que fizeram no Projeto 1, em relação à comida preferida com batata. O procedimento pode ser o mesmo: colar cartões em um papel bem grande e, em seguida, colorir o gráfico que está na página do Livro do Aluno. Entretanto, caso lhe pareça que compreenderam bem o processo, em vez de adotar esse procedimento, proponha que pintem o gráfico tendo antes identificado as colunas com o nome dos brinquedos mencionados. Quando o gráfico estiver pronto pergunte, por exemplo: “qual foi o brinquedo mais votado?” “e o menos votado?” etc. Essas perguntas conduzem à leitura do gráfico corretamente. Sempre que for oportuno, pergunte em voz alta para a(s) criança(s): como você sabe?



Como tornar um brinquedo útil novamente?



PÁGINA 48

Pergunte para a turma qual foi o critério que utilizaram para a escolha dos brinquedos que participarão da festa. E os brinquedos “esquecidos”, aqueles com que não brincam mais: o que fazem com eles? Instigue-as a **tornar esses brinquedos úteis novamente**. Como? Elas darão as opções!

Trabalhe as opções de “doação”, “troca” e “venda”, explicando as semelhanças e diferenças entre elas: são semelhantes na medida em que tanto os objetos doados como os trocados e os vendidos trocam de dono, mas a venda envolve dinheiro e negociação, a troca implica negociação ou barganha (sem uso do dinheiro), e a doação nenhuma das duas coisas. Pergunte quais desses processos as crianças conhecem e peça que narrem episódios de cada um.

Em seguida, no Livro do Aluno, oriente-as a simular a doação de um objeto, escolhendo o que doar, para quem doar e acrescentando como deve ser o estado do objeto a ser doado.

Leve para sala o caderno dos **classificados de um jornal** e pergunte se as crianças sabem para que serve esse tipo de texto. Clarifique e complemente as ideias que surgirem, cuidando para que **compreendam a função** – vender, trocar ou alugar serviço ou produto – e a estrutura dos classificados, assim como os suportes onde podem ser encontrados – jornais, murais etc. A partir da identificação da função ou finalidade do texto, questione as crianças sobre qual deva ser a sua forma, para que essa função se cumpra. Leve-as a observar a descrição objetiva do produto anunciado e as informações sobre como ele pode ser adquirido ou comprado. Para fazer essa observação você pode redigir um dos classificados no quadro de giz.

Realce que se trata de um gênero textual descritivo, organizado de modo que a finalidade do classificado esteja explícita e que a caracterização do produto ou do serviço seja objetiva.

Faça-as observar que os classificados costumam indicar o preço do que se está anunciando. Se você tiver material suficiente, seria interessante distribuir alguns classificados para cada grupo de crianças e pedir-lhes para destacar onde está indicado o preço. Você pode, ainda, pedir que localizem palavras como vendo, alugo, casa, carro, dentre outras que apareçam nesses materiais, colorindo-as.

Registre no quadro como o preço foi encontrado nos classificados e aproveite para explicar que a nossa unidade monetária é o Real (R\$). Se julgar oportuno, leve para a sala informações sobre como é representada a uni-

dade monetária de alguns países.

Nesse universo de classificados as crianças encontrarão, ainda, muitos números grandes que talvez não façam sentido para elas. Converse sobre isso, esclarecendo que o preço de uma casa, por exemplo, é muito maior do que o preço de um brinquedo, seja uma boneca ou mesmo uma bicicleta. Você pode explorar, também, **diferentes significados de números**: os que expressam quantidades, os que servem para ordenação, os que vêm seguido de “unidades”, tais como quilômetros, metros, horas, mililitros, e números que são escritos por extenso.

Em seguida, parta para uma reflexão a respeito das **categorias** do que se **anuncia: objetos** (carros, aparelhos elétricos e eletrônicos, móveis, imóveis) e **serviços** (cursos, atendimentos especializados, animação de festas). Chame a atenção das crianças para o fato de que os objetos anunciados podem ser novos ou usados e que os preços de objetos semelhantes variam bastante. Se possível, leia para a turma 2 ou 3 anúncios de venda de um mesmo tipo de brinquedo, como bola ou boneca, e peça que comparem as condições do objeto e sua relação com o valor pedido. Pergunte qual dos anúncios elas escolheriam se estivessem querendo comprar aquele brinquedo, e qual o motivo da escolha.

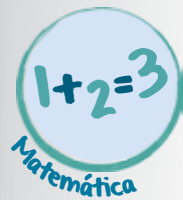
Para encerrar, proponha que **escrevam** um classificado para a venda de um brinquedo que não queiram mais. Estimule as crianças a fazerem esse registro como souberem e, em seguida, troquem com o colega para que um possa dizer para o outro o que entendeu. Esse texto pode ser bem simples, contendo apenas o nome do objeto e o valor de venda.

PÁGINAS 49, 50 e 51

Leia um problema de cada vez, pergunte o que as crianças compreenderam e quais são as possibilidades para a resolução. O que deve ser feito? Qual será a estratégia usada para resolver: desenho, número ou palavras?

Promova a **leitura oral e compreensiva** das situações-problema. Selecione as informações/dados oferecidos para a resolução. Incentive as crianças a responderem às perguntas das situações apresentadas por escrito. Auxilie àquelas que ainda encontram dificuldades com a escrita levando-as a pensar sobre como podem registrar o que desejam e soletrando, quando for necessário.

Faça as crianças lerem esse gênero de texto – problema matemático – **selecionando as informações pertinentes**. Aborde, com base no estu-



Que tal
criar um
classificado?
Vender
é uma
opção para
se desfazer
de um
objeto.





do dos gêneros textuais, a narrativa dos enunciados de problemas. Nesse sentido, peça às crianças que identifiquem as personagens de cada enunciado. Em seguida, ajude-as a reconhecer a delimitação desses personagens no texto: evidencie os marcadores temporais e espaciais utilizados em cada enunciado para a construção do contexto. Por fim, peça que destaquem a problematização da situação. Essa problematização cria o conflito que cada criança deve procurar solucionar com respostas claras e coerentes.

Propor às crianças situações desafiadoras permite **que elas façam conjecturas e construam um pensamento autônomo**. Nesse sentido, é importante conversar com as crianças e fazer perguntas que estimulem suas próprias respostas. Procure deixar que elas sugiram caminhos para resolver os problemas e não se preocupe em nomear cada uma das operações aritméticas que poderiam levar à solução. Nos anos iniciais de escolarização é importante construir compreensões sobre essas operações sem apresentar, ainda, um procedimento particular para resolvê-las. **Deixe que criem estratégias**, elas próprias, como desenhar e contar, representar, e estimule, frequentemente, que elas expressem o que fizeram, como fizeram etc., socializando suas ideias para que as demais possam ter contato com várias alternativas de resolução. O algoritmo, o procedimento instituído pela matemática, chega até nós de modo acabado, já pronto, mas foi preciso um percurso de centenas de anos para a sua construção. Ele é fruto da percepção que se foi tendo das regularidades do nosso Sistema de Numeração Decimal. Levar as crianças a desenvolver estratégias próprias para contar, somar, distribuir igualmente, subtrair, dividir etc., ajudará na melhor compreensão dos recursos matemáticos criados para ajudar a generalizar, como algoritmos, fórmulas e técnicas matemáticas.

Sugestão de ampliação da situação-problema nº 4:

Quantas pessoas ficarão sem comer o doce da mãe da Carol? Você acha que podemos fazer alguma coisa para ajudar? O que podemos fazer?

Qual será a melhor estratégia para contar e para operar com os números?

Fechamento do Projeto

É importante que haja sempre uma **análise final** do que deu certo e do que deu errado, com o objetivo de que cada experiência forneça maior maturidade e competência para a realização de eventos futuros. **O bom planejamento e a boa estimativa só se confirmam depois do evento.** Retome com as crianças a questão central e o objetivo específico do projeto, explicitados no quadro de metadados (página 82) e analise o resultado do evento planejado.

Comparar o previsto com o realizado e registrar isso para próximas oportunidades faz parte do aprendizado de se planejar.

Em uma festa, as decisões devem ser ambientalmente responsáveis.



GLOSSÁRIO

A

Acúmulo: ato de acumular, reunir em grande quantidade, amontoar, riquezas, bens e objetos.

Análise de despesas: processo que consiste em levantar as despesas e em seguida estudá-las, para verificar se o dinheiro está sendo gasto com o que se pretendia.

Análise de possibilidades: processo que consiste na análise de todas as variáveis e de cada uma das possíveis consequências, optando-se pela que melhor custo/benefício vai proporcionar na situação analisada e que corresponde a uma ação responsável ambientalmente.

Apólice: documento que formaliza o contrato de seguro, estabelecendo os direitos e as obrigações da sociedade seguradora e do segurado e discriminando as garantias contratadas.

B

Bens: somatório de pertences de uma pessoa. Aquilo que ela possui.

C

Câmbio: é outra palavra para “troca”. A conversão entre as moedas de diferentes países é feita por uma proporção, a taxa de câmbio.

Cédulas: papel moeda. As notas do dinheiro.

Ciclo de produção: o ciclo completo, que se inicia na natureza com a coleta da matéria-prima, passa por transformações e termina com o descarte. Tudo se inicia e termina na natureza. O processo de produção acarreta custos financeiros e ambientais. Precisa ser sustentável, considerar a utilização dos recursos naturais e considerar alternativas para o reaproveitamento, de modo a minimizar o impacto negativo sobre a natureza.

Coleta seletiva de lixo: processo que consiste na separação e recolhimento dos resíduos descartados por empresas e pessoas. Os materiais que podem ser reciclados são separados do lixo orgânico (restos de carne, frutas, verduras e outros alimentos), que é descartado em aterros sanitários ou usado para a fabricação de adubos orgânicos.

Comércio: é a atividade de compra e venda de bens de todos os tipos.

Competência: capacidade de combinar atitudes, conhecimentos e habilidades para ter um desempenho satisfatório ou para tomar a melhor decisão diante de determinada situação.

Comportamento gastador: refere-se aos hábitos financeiros de pessoas, que tendem a consumir excessivamente, dando pouca atenção a poupar.

Comportamento poupador: refere-se aos hábitos financeiros de pessoas que tendem a poupar, reprimindo o consumo.

Compra à vista: aquisição de um bem cujo desembolso (pagamento) é efetuado no ato da compra.

Compra a prazo: aquisição de um bem cujo preço total poderá ser dividido em prestações ou faturado em uma única parcela. O preço a prazo inclui o pagamento de juros, já que o dinheiro para a compra estará sendo antecipado.

Consumidor: quem compra ou utiliza produto ou serviço, bem como aqueles que estão expostos às práticas comerciais.

Consumo: ato de consumir, comprar um produto ou utilizar um serviço. O consumo deve ser feito de maneira consciente, ou seja, avaliando sua real necessidade. As decisões conscientes devem levar sempre em consideração os 5“Rs”: repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar.

Conta de poupança: a conta de depósitos de poupança, popularmente conhecida como conta poupança, conta de poupança ou ainda caderneta de poupança, é um tipo de investimento criado com o objetivo de estimular a economia popular. É muito tradicional. Assim, para abrir e manter uma conta de poupança o cliente não paga tarifas, não paga imposto de renda sobre o dinheiro aplicado e ainda pode depositar pequenos valores, que passam a gerar rendimentos mensalmente. Se um valor depositado na conta de poupança não for mantido aplicado por pelo menos um mês, isto é, se for resgatado antes, não ocorrerá remuneração desse dinheiro.

Controle: processo de monitoramento dos gastos. Verificar se o dinheiro está sendo gasto com o que se pretendia e se existem possibilidades de poupar recursos para que as receitas sejam suficientes para cobrir as despesas e guardar uma parte para atender necessidades futuras.

Cuidar: realizar todas as ações necessárias para manter o bem-estar de seres vivos ou para ampliar a durabilidade de bens. No contexto de educação financeira, o **cuidar** acarreta redução de gastos, seja com saúde, no caso dos seres vivos, seja com aumento da vida útil, no caso dos bens.

Curto, médio e longo prazos: não existe uma definição precisa sobre a duração do que é curto, médio ou longo prazo. Muitos economistas, quando se referem à situação do país ou a planos de uma família, usam a seguinte escala (que não é uma regra!): curto prazo de 1 a 2 anos; médio prazo de 3 a 9 anos; e longo prazo acima de 10 anos.

Custos: os valores que são gastos na obtenção de um bem. Podem ser financeiros e/ou ambientais.

D

Déficit: em sentido econômico ou financeiro, é a diferença negativa entre receitas e despesas. “No caso do orçamento familiar, se a despesa é maior que a receita, a família está em déficit.” O seu oposto é o superávit. Pode se referir também à balança comercial ou às finanças públicas, entre outras situações.

Demanda: não é apenas o desejo, mas principalmente a intenção de pagar para dispor de determinado bem ou serviço.

Descarte: todo o lixo produzido.

Desconto: valor que vai ser abatido do preço total.

Desejo: impulso que pode levar ao consumo de bens e serviços que não são necessários. As decisões de consumo devem levar em consideração mais a necessidade que o desejo.

Desperdício: refere-se a despesas que pouco ou nada acrescentam a nossa qualidade de vida; e, também, a perdas e esbanjamento de recursos que comprometem o meio ambiente e nosso futuro.

Despesas: refere-se ao dinheiro que sai do orçamento, ou seja, quanto uma pessoa gasta.

Disciplina (financeira): ter disciplina é ter controle sobre sua receita e seus gastos.

Dinheiro: composto por cédulas (papel-moeda), moedas e/ou dinheiro escritural (dinheiro que não está fisicamente presente, representado por saldos em contas bancárias e usado em transações com cartões de crédito ou débito, via internet etc.), é utilizado para a ação de comprar e vender. As cédulas e as moedas surgiram nas economias antigas como meio de troca; o dinheiro escritural surgiu posteriormente com o aparecimento dos bancos.

Distribuidor: aquele que distribui os produtos produzidos em diferentes regiões.

Doação: ato em que um bem ou uma quantia em dinheiro é cedido a uma pessoa ou organização para fins humanitários.

E

Economizar: conseguir guardar dinheiro do orçamento disponível.

Empréstimo: é o mecanismo utilizado para ter disponível, no presente, uma quantia em dinheiro que só se conseguiria alcançar no futuro, fazendo poupança. O valor emprestado, mais os juros e encargos cobrados pela instituição financeira, vira uma dívida, que deverá ser paga na forma e no prazo combinados (valor e quantidade de parcelas, por exemplo). No empréstimo, o valor emprestado não tem destinação específica, isto é, a pessoa pode utilizar o dinheiro que pegou emprestado onde e como quiser.

Encarte: material publicitário que anuncia “ofertas” com o objetivo de levar o consumidor à compra.

Escambo: troca direta de mercadorias. Os donos dos objetos que serão trocados precisam querer fazer a troca.

Espaço público: espaço que é compartilhado por várias pessoas. O espaço público deve ser planejado para atender às necessidades e os desejos da comunidade.

Espaço privado: espaço pertencente a particulares.

Estimativa: previsão de quais serão os seus gastos e/ou receitas em um determinado período (semana, mês, ano) ou em um determinado evento (viagem, churrasco, festa). Para fazer estimativas, é preciso ter um método, utilizar a experiência adquirida e/ou pesquisar; senão é apenas brincar com a sorte.

F

Financiamento: operação mediante a qual uma organização, normalmente uma instituição financeira, viabiliza o pagamento vinculado a um produto ou serviço de uma pessoa ou de outra empresa, emprestando o dinheiro sobre o qual cobrará juros.

Financiamento × Empréstimo: os financiamentos normalmente têm juros mais baixos que os empréstimos porque estão associados à compra de um bem, que pode ser reavido pela instituição financeira, ou a um serviço que pode ser interrompido, como a construção de um prédio. Empréstimos não têm essa associação, e a instituição financeira pode ter dificuldades em

recuperar o recurso que emprestou. Como o risco nesse caso é maior, então os juros também são mais altos para quem toma emprestado.

Isso na maior parte dos casos, porque os empréstimos consignados também têm um risco relativamente baixo. Trata-se dos empréstimos concedidos a pessoas que têm renda fixa, como um salário, aposentadoria ou pensão. Nesses casos o pagamento do empréstimo é feito por meio de descontos diretos sobre essas remunerações, ou seja, a pessoa recebe o seu salário ou aposentadoria já tendo sido descontado o valor da prestação. Isso dá segurança à instituição financeira, já que a quantia devida é descontada antes que a pessoa tenha acesso ao salário, à pensão ou à aposentadoria. Como o risco de inadimplência – ou seja, de não receber o valor emprestado – é menor que em outras modalidades de empréstimo, as instituições financeiras normalmente cobram juros mais baixos para esse tipo de operação, se comparada com o cheque especial ou cartão de crédito, por exemplo. Contudo, ainda assim esse tipo de empréstimo não pode ir além de 30% (pouco menos que um terço) da renda da pessoa. Outros tipos de empréstimos também têm suas limitações.

Um bom planejamento financeiro deve analisar com cuidado qual é a melhor opção: empréstimo ou financiamento ou fazer uma poupança para comprar à vista. Por exemplo, fazer um financiamento para comprar um carro e começar logo a trabalhar como taxista talvez possa fazer sentido. Já pegar um empréstimo consignado com juros mais baixos para quitar uma dívida de cartão de crédito, com juros mais altos, pode ser uma primeira medida para resolver o problema financeiro. É claro que outras terão de ser tomadas depois, pois ainda há uma dívida, mas que terá juros menores.

Fonte de renda: origem de onde provem a renda ou receita, ou seja, de onde vem o dinheiro que compõe a receita.

G

Gastos: a quantidade de dinheiro que se usa na compra de bens ou serviços.

I

Indenização: valor que a sociedade seguradora deve pagar ao segurado ou beneficiário em caso de sinistro coberto pelo contrato de seguro.

Investidor: aquele que assume o risco de um empreendimento com o objetivo de obter lucro no negócio.

Investimento: destinação do dinheiro à ampliação da riqueza e do patrimônio.

J

Juros: basicamente é o preço do dinheiro no tempo. Para emprestar a um cliente, no momento presente, certa quantia que ele só teria no futuro e depois de poupar por algum tempo, as instituições financeiras vão cobrar o pagamento não só da quantia emprestada, mas também um valor adicional. Esse valor adicional são os juros. Inversamente, se esse cliente depositar a mesma quantia em alguma aplicação do banco, vai esperar um valor maior quando fizer o resgate tempos depois. Nesse caso, é o banco que paga os juros por só devolver no futuro o dinheiro que recebeu em depósito no presente.

Também é possível entender os juros como um “aluguel” que alguém paga por usar um dinheiro que não é seu (por exemplo, quando se pega um empréstimo, faz um financiamento ou compra a prazo) ou o “aluguel” que uma pessoa recebe por deixar outra pessoa utilizar o seu dinheiro (por exemplo, quando se coloca o dinheiro na caderneta de poupança).

L

Lucro: rendimento em relação ao dinheiro investido.

M

Matéria-prima: matéria extraída da natureza, necessária para a produção de produtos.

Meio ambiente: o conjunto de recursos naturais físicos (solo, vegetação, clima, temperatura etc.) de um local, com o qual os seres vivos se relacionam. O meio ambiente precisa ser utilizado de maneira consciente.

Mercado: local físico ou virtual de encontro para compra e venda, como feiras livres, websites etc. Em economia, mercado normalmente significa o conjunto de compradores e vendedores de um bem ou serviço em uma determinada região.

Moedas: parte integrante do dinheiro de um país, feitas com metais.

N

Necessidade: algo de que uma pessoa precisa para poder suprir carências nutricionais, de habitação, de segurança, afetivas etc.

Negociar: firmar acordo, fazer uma transação comercial.

O

Oferta: composta pelas pessoas que querem vender um produto ou serviço por determinado preço.

Orçamento doméstico ou pessoal: registro sistemático de receitas e despesas previstas e realizadas por uma família ou uma pessoa. O orçamento permite ter maior controle sobre a vida financeira. Geralmente organiza-se por meio de uma tabela, na qual em um dos lados registra-se quanto se ganha (receitas) e, no outro, quanto se gasta (despesas).

Organizar: comportamento importante no contexto de educação financeira – significa dar ordem, administrar de modo produtivo.

Órgãos reguladores: órgãos que fiscalizam o cumprimento das regras para cada um dos setores da sociedade.

P

Patrimônio: conjunto de bens e direitos (que podem ser imóveis, aplicações financeiras etc.) de uma pessoa ou empresa, que tem valor econômico.

Planejamento: conjunto de ações que se inicia ao traçar metas e avaliar as dificuldades do caminho para vencê-las, em sequência evolui para se elaborar um plano com etapas para atingir as metas, contornando ou resolvendo as dificuldades previstas.

Plano de ação: previsão e organização de ações necessárias para se atingir um ou vários objetivos; que passos deverão ser tomados e em que sequência.

Poupança: parte da receita que não é consumida, ou seja, é o dinheiro que se guarda para utilizar no futuro.

Poupar: guardar dinheiro com o objetivo de ser utilizado no futuro. É o ato de guardar parte da receita, aquela que não será consumida.

Precificação: ato de estabelecer um preço, levando-se em conta todos os custos envolvidos em sua produção e/ou distribuição.

Preço: valor de venda do produto ou serviço que é obtido pelo estudo dos custos do produto acrescido de uma margem de lucro que seja competitiva e que possa ser absorvida pelos consumidores, os preços da concorrência e quanto os clientes estão dispostos a pagar pelo produto.

Preço à vista: o preço de um produto ou serviço cujo total deverá ser pago de uma só vez.

Preço a prazo: o preço de um produto ou serviço que poderá ser pago em prestações, criando-se um crediário. O preço a prazo inclui o pagamento de juros.

Prejuízo: perda de patrimônio por insucesso em investimentos ou danos materiais.

Preservar: ato de conservar.

Previdente: aquele que é precavido, prudente.

Principal (investimento, empréstimo): é o valor que alguém recebe efetivamente quando toma um empréstimo ou financiamento. Já o valor que será pago pelo tomador do empréstimo, isto é, a soma de todas as prestações ao longo do tempo, é maior que o principal, por causa dos juros e encargos que são cobrados. No caso do investimento, o principal é o valor originalmente aplicado.

Exemplo de uso: Peguei um empréstimo de R\$1.000,00 para pagar em 10 x de R\$120,00. Isso quer dizer que, em cada prestação, eu só abato R\$100,00 do principal da dívida. Os R\$20,00 restantes são para o pagamento de juros e encargos.

Produto: qualquer bem, móvel ou imóvel, produzido por meio da utilização de recursos materiais, financeiros e intelectuais.

Produto industrializado: produto que é resultado de uma transformação industrial. Utiliza na sua fabricação matéria-prima natural.

Produto natural: produto que tem origem na natureza. Pode ser de origem vegetal, animal ou mineral.

Produtor: aquele que produz um bem.

R

5“Rs”: repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar são as cinco atitudes que devem ser tomadas para que o consumo seja feito de maneira consciente. Os cinco passos de avaliação a ser considerados na hora do consumo.

Reaproveitar: ver reciclagem.

Receita: dinheiro que entra no orçamento, ou seja, quanto uma pessoa ganha ou recebe.

Reciclagem: reaproveitamento de materiais descartados, reintroduzindo-os no ciclo produtivo.

Recursos naturais: recursos que a natureza, das diferentes regiões, nos oferece para o nosso uso, como o ar, a água, o solo, a vegetação, os minerais etc. Os recursos naturais exigem cuidados na sua gestão para que não falem no amanhã.

Recursos financeiros: recursos em dinheiro disponíveis para a compra de bens, para guardar ou para serem investidos. Recursos arrecadados pelos governos por meio de tributos e de taxas. Os recursos financeiros exigem cuidados na sua gestão para que não acabem e os projetos não possam ser executados.

Regras: princípios e normas a serem seguidos e que estão presentes em todos os setores da sociedade para proporcionar um convívio harmônico entre seus participantes.

Remuneração: dinheiro que a pessoa recebe pelo seu trabalho.

Responsável/Responsabilidade Social: numa visão ampla do papel das empresas, responsabilidade social é toda e qualquer ação que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade e que seja conduzida de maneira sustentável. Ex: recuperar um rio, oferecer cursos profissionalizantes, promover a coleta seletiva, apoiar times escolares, auxiliar nas reformas de quadras esportivas etc.

Retorno: na relação risco \times retorno, o retorno corresponde à remuneração recebida pelo investimento feito.

Os investimentos mais seguros pagam taxas mais baixas porque o risco de não se obter o retorno previsto é reduzido. Os investimentos mais arriscados, nos quais há chance de perda, podem vir a pagar mais. Conclusão: quanto maior o retorno esperado, maior o risco envolvido, da mesma forma que se o risco é baixo, o retorno esperado também é.

Risco: evento futuro e incerto, de natureza súbita e imprevista, cuja ocorrência pode provocar prejuízos de natureza econômica.

S

Salário: dinheiro que um trabalhador recebe pelo serviço executado. A Constituição Federal Brasileira de 1988 estabelece o salário mínimo que deve ser pago no Brasil. O salário mínimo tem o seu valor reajustado todo ano.

Serviço: é qualquer atividade pela qual você tem de pagar.

Serviços públicos: serviços oferecidos pelo poder público à população: federal, estadual ou municipal. Apesar de serem oferecidos gratuitamente, estes são mantidos com o dinheiro arrecadado pelo pagamento, por parte dos contribuintes, de tributos, taxas e contribuições.

Supérfluo: bem ou bens que estão sobrando e pouco são usados; são excessivos. Serviços desnecessários que pouco acrescentam à qualidade de vida.

Sustentabilidade: pode ser definida como a capacidade do ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras. O que fizemos no passado afeta o nosso presente; o que fazemos hoje constrói o amanhã. Além disso, o que acontece com alguns grupos, cedo ou tarde, atinge também os demais. O conceito é complexo, pois atende a um conjunto de variáveis interdependentes, mas pode-se dizer que deve ter a capacidade de integrar as questões sociais, energéticas, econômicas e ambientais..

T

Taxa de juros: indica a renda derivada de um investimento ou o custo de um empréstimo. As taxas de juros são expressas em porcentagens mensais ou anuais. Por exemplo, 12% ao ano.

Trabalhador assalariado: trabalhador que recebe um salário por seu trabalho. Aquele que tem um trabalho formal, compreendendo o registro na carteira de trabalho e o recebimento de benefícios.

Trabalhador autônomo: profissional que trabalha por conta própria recebendo sua remuneração de serviços prestados ou produtos fornecidos.

Trabalho remunerado: trabalho pelo qual se recebe uma remuneração, ou seja, um pagamento em dinheiro.

Trabalho não remunerado: trabalho pelo qual não se recebe pagamento em dinheiro. Nesta categoria se incluem os trabalhos voluntários e o trabalho realizado no lar.

Tributos: impostos, taxas e contribuições recolhidos pelos poderes públicos. Principal fonte de renda dos governos municipais, estaduais, distritais e federal.

Trocas: no contexto desse Programa de Educação Financeira, as trocas são as interconexões da nossa vida particular com o que acontece ao nosso redor (trocas interesaciais) e as interconexões do que fazemos no tempo presente com o tipo de vida que haverá futuramente no mundo (trocas intertemporais).

Troco: diferença entre o preço do produto e o dinheiro dado para o pagamento deste, no ato da compra.

U

Utilidade: que é útil e não é supérfluo.

V

Valor: refere-se ao quanto se está disposto a pagar monetariamente por um bem ou serviço. Contudo, o valor não é apenas monetário porque sempre inclui uma importância sentimental, por isso o mesmo bem pode ter valores diferentes para pessoas diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2007.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

CARVALHO, M. **Problemas? Mas que problemas?!: estratégias de resolução de problemas matemáticos em sala de aula**. Petrópolis: Ed Vozes, 2005.

CERYNO, Elin. **Fundamentos Teóricos e Metodologia da Matemática**. I Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça UnisulVirtual, 2008

CLARETO, S. e ANASTACIO, M.Q.A. **Concepções de matemática e suas incidências na Educação Matemática**. In: Boletim Pedagógico de Matemática – Simave/Faced/ Caed/ UFJF, 2001

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: da teoria à prática**. São Paulo: Papirus, 2005.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: elo entre a tradição e a modernidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

DANYLUK, O. **Alfabetização Matemática: as primeiras manifestações da escrita infantil**. Porto Alegre: Sulina, Passo Fundo: Ediupf, 1998.

DATA POPULAR. **A Educação Financeira no Brasil: Relatório qualitativo-quantitativo**, 2008.

FERREIRA, Vera Rita M. **Psicologia Econômica – estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2008.

FIorentini, Dario. **Alguns Modos de ver e conceber o Ensino da Matemática no Brasil**. Zetetikè. Ano 3, n. 4. Campinas: SP UNICAMP, FE/CEMPem, 1995.

FONSECA, M.C.F.R. (org.). **Letramento no Brasil: habilidades matemáticas**. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, instituto Paulo Montenegro, 2004.

GRANDo, R.C. **O jogo e a Matemática no contexto da sala de aula**. Paulus, 2004

IMENES, L. M. **Brincando com números**. São Paulo: Editora Scipione, 2000, Coleção vivendo a matemática .

IMENES, L. M. **Problemas curiosos**. São Paulo: Scipione, 1991, Coleção vivendo a matemática.

IMENES, L.M. **A numeração indo-arábica**. São Paulo: Editora Scipione, 1991, Coleção vivendo matemática.

JAKUBOVIC, J. **Par ou ímpar**. São Paulo: Editora Scipione, 1990, Coleção vivendo a matemática.

KAMII, C. **Crianças pequenas reinventam a Aritmética**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

KAMII, C., DECLARK, G. **Reinventando a Aritmética**. Campinas: Papirus, 1988.

LAUER-LEITE, Iani D., MAGALHÃES, Celina M. C., LORDELO, Eulina R. & LELIS, Irani L. “**Socialização econômica: conhecendo o mundo econômico das crianças**”. In: Estudos de Psicologia, 15(2): 145-152, 2010.

MACEDO, L. **Aprender com jogos e situações-problema**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000

MARSHALL, Thomas Humphrey. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB Nº 4/2010 – Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília, 2010.

Ministério do Meio Ambiente / Ministério da Educação / Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. **Manual de educação para o Consumo Sustentável**. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/consumos.pdf> Acesso em 08 set 2008.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MOURA, A.R.L. e LOPES, C.A.E. (orgs.) **As crianças e as idéias de número, espaço, formas, representações gráficas, estimativa e acaso**. FE/CEM-PEM – UNICAMP – ECC, 2003

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990.

OCDE/OECD – Organisation for Economic and Co-Operation Development. **Improving Financial Literacy. Analysis of Issues and Policies**. Paris, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2000.

PADILHA, Heloisa. **Mestre Maestro – A sala de aula como orquestra**. Rio de Janeiro: Linha Mestra, 2003.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **A escola e a aprendizagem da democracia**. Porto: Asa Editores, 2002.

PINDYCK, Robert S. e RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia**. São Paulo: Makron Books, 1994.

PINHEIRO, Juliano Lima. **Mercado de Capitais Fundamentos e Técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PONTE, J.P. e OLIVEIRA, H. **Investigações Matemáticas na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

RANGEL, A.C. **Educação Matemática e a construção do número pela criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ROLAND-LEVY, Christine. “Economic socialization”. In: EARL, Peter e KEMP, Simon (eds.). **The Elgar Companion to Consumer Psychology and Economic Psychology**. Cheltenham, Reino Unido: Edward Elgar, 1999.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SMOLE, K. C. S. DINIZ, M. I., CANDIDO, P. **Resolução de problemas**. Porto Alegre: ArtMed, 2000. (Coleção Matemática de 0 a 6 anos).

SMOLE, K. et alli. **Matemática e Literatura Infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação; uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

WEBLEY, Paul. “The economic world of childhood”. *Values and Economy – Proceedings of the 32nd IAREP Conference*, p.23-37. Ljubljana: Filozofska Fakulteta, 2007.

YAZBEK, Otávio. *Regulação do Mercado Financeiro e de Capitais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ZASLAVSKY, C. *Jogos e atividades matemáticas do mundo inteiro*. Art-med, 2000.

ZUNINO, Delia Lerner. *A Matemática na escola: aqui e agora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

WEBSITES INDICADOS

<http://www.bmfbovespa.com.br>

<http://www.cvm.gov.br>

<http://www.susep.gov.br>

<http://www.previdenciasocial.gov.br>

<http://www.bcb.gov.br>

<http://www.batatas.com.br/>

<http://www.eliseuvisconti.com.br/>

<http://www.tarsiladoamaral.com.br/>

<http://www.viniciusdemoraes.com.br>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

<http://www.procelinfo.com.br/>

<http://www.vagalume.com.br/castelo-ra-tim-bum/banho-e-bom.html>

<http://www.eletronbras.com/elb/procel/>

<http://www.revistadehistoria.com.br>

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/>

<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia>

<http://cienciahoje.uol.com.br/>

<http://www.mncr.org.br/>
<http://revistapesquisa.fapesp.br/>
<http://www.rankbrasil.com.br/Recordes>
<http://www.cbf.com.br>
<http://www.ibge.gov.br/>
<http://www.somatematica.com.br/artigos/a14>
<http://www.tamar.org.br>
<http://www.infoinvest.com.br>
<http://pt.wikipedia.org>
<http://sitededicadas.uol.com.br/fabula2a.htm>
<http://www.portaldafamilia.org>
<http://oglobo.globo.com/economia>
<http://www.cpact.embrapa.br>
<http://www.globoesporte.globo.com>
<http://superabril.com.br/superarquivo/2003>
<http://www.verarita.psc.br/>
<http://oglobo.globo.com/economia/bc-quer-usar-cedulas-que-viram-lixo-para-fazer-adubo-tijolos-3221498>
<http://www.vidaedinheiro.gov.br>
<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/consumidor>
<http://www.consumidor.gov.br>
<http://www.previdencia.gov.br/previc>

Anexo 1

Orientações específicas para professores de 1º ano

O ano se inicia e você, professor de 1º ano, tem pela frente uma tarefa importante: abrir as portas do mundo letrado para seus alunos. O programa de Educação Financeira é um programa de cidadania porque oferece ferramentas para uma pessoa planejar sua vida financeira de modo a realizar seus sonhos, o que passa por um processo de construção de estar no mundo de modo socioambientalmente responsável. Isso é uma tarefa que beira o impossível em um contexto iletrado. Com isso em mente e lembrando os baixos resultados que o Brasil vem obtendo em avaliações de larga escala tanto em nível nacional quanto internacional, entendemos que o programa de Educação Financeira deve oferecer oportunidades para você, professor, poder aprimorar sua formação em serviço e, assim, conseguir melhores resultados de aprendizagem dos seus alunos.

Considerando que muitos dos seus alunos podem estar entrando em contato com a palavra escrita que circula socialmente pela primeira vez, queremos oferecer para você algumas orientações para dar a partida no processo de aprendizado da linguagem escrita. Será uma grande aventura para você e principalmente para eles. Você deve estar se perguntando: *por onde devo começar?*

Comece transformando sua sala de aula em um ambiente alfabetizador, ou seja, um lugar em que a leitura e a escrita vão circular em todas as situações de ensino-aprendizagem e estarão lá ao alcance das mãos e dos olhos de cada um.

Você será modelo de leitor e de autor dos seus escritos para seus alunos. Então, ocupe essa posição: leia todos os dias vários tipos de textos e seja escriba das histórias que eles irão lhe ditar oralmente. Dessa forma, entenderão que o registro escrito tem marcas próprias e conseguirão conciliar a ideia do que querem escrever com o como vão escrever. Possibilite também momentos de escrita espontânea, de reescrita e de registro dos diversos gêneros textuais que fazem parte do dia a dia da sociedade da qual fazem parte (receita, bilhete, regras de um jogo etc.).

Com a sala de aula preparada e com sua missão devidamente compreendida e planejada, dê início a uma avaliação diagnóstica da proficiência de leitura e de escrita dos seus alunos. Isso lhe permitirá saber quais os conheci-

tos que cada um já possui sobre o nosso sistema de escrita. Ou seja, você ficará sabendo em que etapa do processo de construção da escrita cada um vai estar. Essas informações favorecerão a seleção, em seu planejamento, das propostas mais adequadas para a sua turma.

Após essa avaliação você também constatará que possui uma turma heterogênea, e esse vai ser seu maior desafio. Estabeleça metas individuais, mas não perca de vista que há uma coletividade, e por isso se faz necessário estabelecer metas para a turma.

As metas individuais são fundamentais ao elaborar as atividades que levarão seus alunos, respeitando a etapa de cada um, a refletirem sobre a língua da qual são nativos e a fazerem as aquisições necessárias. Já as metas coletivas, dizem respeito ao que se espera dos alunos em cada etapa dessa série e ao final do ano assim como a formação do “ofício de aluno”, que se refere à percepção da sala de aula como espaço de trabalho, de partilha e de reflexão.

A avaliação diagnóstica deverá ser feita nas primeiras semanas de aula, e ao término de cada bimestre/trimestre. Assim, você acompanhará de perto o desenvolvimento de cada aluno.

Como fazer a avaliação diagnóstica? Veja a seguir algumas sugestões de atividades que permitirão avaliar seus alunos. As atividades podem ser realizadas em pequenos grupos ou individualmente.

Atividade 1 – Escrever o nome. Os alunos escreverão o próprio nome, e você poderá observar:

- se utilizam apenas as letras que compõem o nome na ordem correta ou organizadas aleatoriamente;
- se utilizam letras que fazem parte do nome misturadas com outras que não pertencem a ele;
- se misturam letras com outros símbolos (números, desenhos);
- se ainda utilizam preferencialmente desenhos em vez de letras;
- se escrevem horizontalmente e da esquerda para a direita.

Atividade 2 – Escrever algumas letras do alfabeto ditadas por você.

Ao escreverem as letras ditadas por você, os alunos vão precisar evocar e

registrar-las sem nenhum tipo de apoio, e assim demonstrarão se conhecem ou não cada letra ditada. Poderá ocorrer que alguns alunos saibam que a letra A é de ABACAXI, mas que não consigam escrevê-la.

Atividade 3 – Localizar em uma tabela e pintar, as letras do alfabeto ditas por você.

Nessa situação os alunos terão um apoio visual, e podem mostrar que apesar de ainda não conhecerem as letras do alfabeto, já sabem que elas estão organizadas em uma ordem. E, se conhecerem “musicalmente” essa ordem, podem vir a localizar a letra ditada, o que, contudo, não demonstra, necessariamente, saber qual é a letra.

Atividade 4 – Escrever algumas palavras ditas por você.

Essa atividade deverá ficar conhecida pelos alunos como: PENSANDO COMO SE ESCREVE. Eles precisam ousar e serem autorizados a escrever com os conhecimentos que possuem, mesmo que ainda não estejam alfabéticos. Nessa atividade não há certo ou errado e, sim, tentativas de unir **o que** querem escrever com o **como** escrever.

Atividade 5 – Produzir a escrita de uma frase/legenda a partir de uma imagem.

A imagem que você escolher deverá conter uma situação que permita a elaboração de uma narrativa pelas crianças. Peça-lhes para dizerem o que vão escrever (oralidade) e, depois, que escrevam o que terão dito.

Atividade 6 – Ler uma frase.

Observe o que cada um entende/compreende por “ler”: se sabem que a escrita está organizada da esquerda para a direita, se leem letra a letra, se leem palavras na construção cvcv (consoante/vogal/consoante/vogal) etc.

Com os dados coletados na avaliação diagnóstica, forme grupos de alunos, a partir da etapa em que estão. Eles poderão trabalhar juntos, mas também deverão ter oportunidade de trabalharem com os alunos que estão em etapas diferentes.

Agora você já sabe por onde começar. Pense em como poderá favorecer a aprendizagem a partir da diversidade que possui em sala. Se você descobriu que a maior parte dos alunos desconhece as letras do alfabeto, planeje atividades para que eles possam conhecê-las.

A próxima etapa seria um trabalho de reflexão sobre o nosso sistema de escrita, analisando os nomes de todos os alunos da turma. Por que os nomes? Porque nesse momento é o texto curto de maior significado cognitivo e afetivo para eles.

Os nomes da turma depois de analisados poderão se tornar palavras estáveis porque servirão como fonte de consulta para a escrita de novas palavras. Para que isso ocorra, reserve um espaço na parede da sala ou no mural com todos os nomes expostos.

Análise dos nomes:

- Quantas letras cada nome possui?
- Quais e quantas são as vogais de cada um?
- Quais e quantas são as consoantes?
- Quantas sílabas?

Dúvidas farão parte do seu dia a dia. Não desista. Mesmo que seus alunos não apresentem uma escrita convencional e uma leitura fluente com rapidez, tenha a tranquilidade de quem sabe que eles estão apenas no início dessa caminhada.

Nos projetos do Livro 1, haverá várias oportunidades de reflexão sobre questões de alfabetização e você pode localizá-las por seu símbolo específico. Utilize-as de acordo com as necessidades de sua turma. Lembre-se: a relação entre Educação Financeira e alfabetização é que uma pessoa bem alfabetizada tem mais condições de construir uma educação financeira cidadã, ou seja, de viver a sua vida plena e autonomamente.

